

PORQUE AMAMOS
LIVROS

REVISTA

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

— conexão —

Literatura

Outubro/2021

nº 76

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM

MELISSA MELLVEE

autora do livro

MEU PADRASTO É A MAIOR VIAGEM



E MAIS
ENTREVISTAS COM ESCRITORES
CONTOS, CRÔNICAS E DICAS DE LIVROS

SUMÁRIO

OUTUBRO DE 2021

Entrevista com a escritora Melissa Mellvee, pág. 06
O 1 Congresso Linguigênere, por Bert Jr., pág. 10
Poema: A Luz, por Antonio Di Bianco, pág. 15
O incrível exército de Brancaleone, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 16
Dicas para leitura, pág. 19
Ernst Cassirer e a filosofia das formas simbólicas: o ensaio sobre o homem, por Reginaldo Leite, pág. 20
Conheça 21 novas palavras, por Ademir Pascale, pág. 24
Alfonsina Storni: a escrita feminista e a (in) finitude plena de outubro, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 24
Poema: A intuição e o silêncio, por Aylton Sangy, pág. 30
Brincando e aprendendo, por Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 33
Poema: Zeloso e receoso..., por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 40
Jesus Cristo é ou não é o filho de Deus?, por Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 44
A busca, por Vinicius Jales, pág. 48
Entrevista com a escritora Dafhne Brown, pág. 52
Entrevista com a escritora Gisele Carmona, pág. 55
Entrevista com o escritor Jario Melo, pág. 58
Entrevista com o escritor José Alberto Nemer, pág. 62
Entrevista com o escritor José Martino, pág. 65
Entrevista com a escritora Maria Aline Moretto, pág. 72
Entrevista com o escritor Mario Sergio Sabino Rossetto, pág. 75
Entrevista com o escritor Maygon André Molinari, pág. 78
Entrevista com a escritora Rosângela Martins, pág. 82
Entrevista com o escritor Artur Salles Lisboa de Oliveira, pág. 85
Conto: Eu, humano, por B. B. Jenitez, pág. 89
Conto: Água limpa, por Anderson Nogueira, pág. 94
Conto: Serei útil algum dia?, por Daniela S. T. Merino (Ilustração: Cláudia A. Terehoff Merino), pág. 99
Contos: Consciencialismo - Um mundo de luz, por Fernando Luiz dos Santos Chaves, pág. 104
Conto: A revolta das bactérias, por Idicampos, pág. 121
Conto: Cecília, por Iraci José Marin, pág. 124
Conto: A bicicleta do diabo, por Marcelo Gomes Jorge Feres, pág. 127
Conto: Casa alheia, por Marcelo Gomes Jorge Feres, pág. 131
Conto: Aconteceu..., por Mônica Palacios, pág. 134
Conto: A poesia roubada, por Ney Alencar, pág. 137
Conto: Caça-mouros, por Osvaldo Luís Meza Siqueira, pág. 139
Conto: A peça por trás da peça, por Roberto Schima, pág. 146
Conto: Movida pelo desejo, por Solange Rabelo, pág. 153
Conto: O convite, por Wilson Carlos Rodycz, pág. 155
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 159

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale
Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



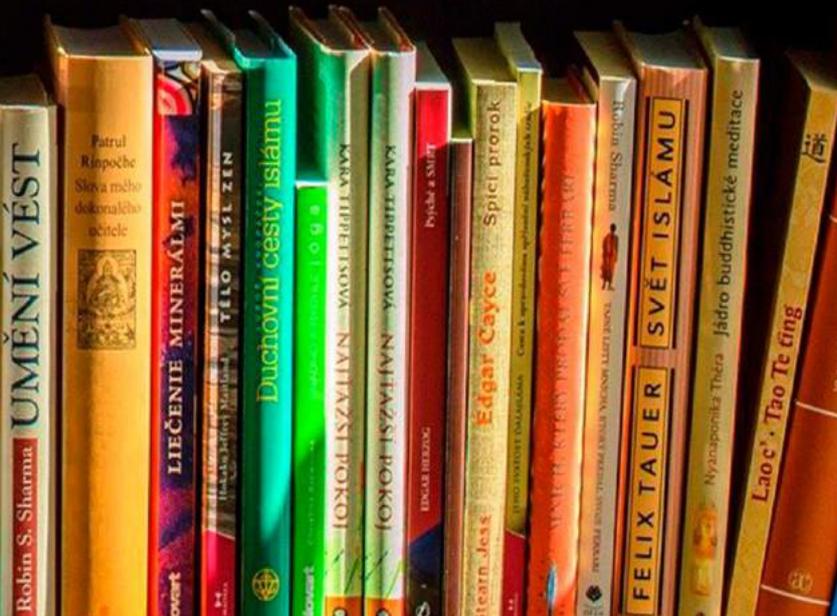
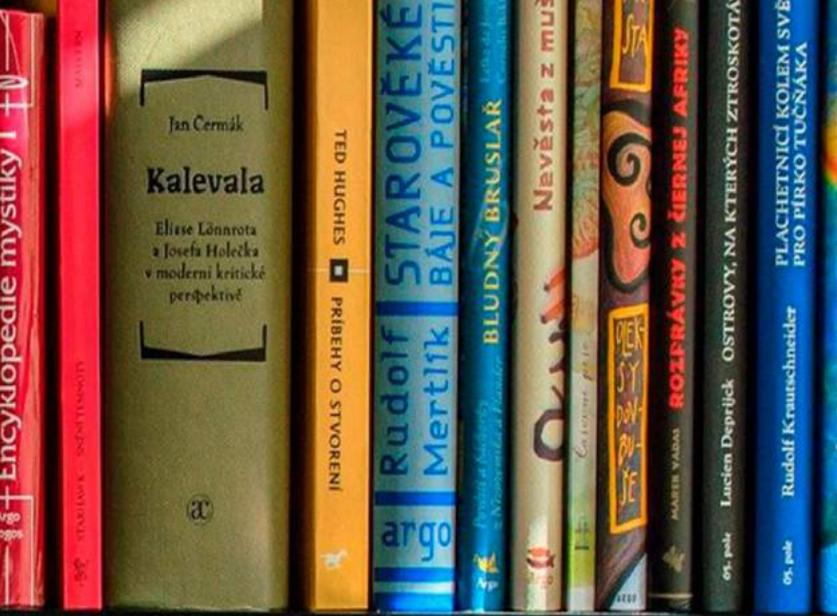
conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd



EDITORIAL

A nossa edição de outubro destaca a jovem e promissora escritora Melissa Mellvee, autora do livro *Meu padrasto é a maior viagem*. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com ela.

Além do grande volume de excelentes contos que estamos publicando em nossas edições, o leitor poderá conferir dicas de livros, entrevistas com autores, crônicas e poesias.

Tenha uma ótima leitura!

Para saber como participar da nossa edição de novembro, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

— revista —
conexão
LITERATURA

www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Editor-chefe

CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES



Acesse o nosso site e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura



“Eu costumo dizer que um escritor não tem férias, mesmo quando tirar um tempinho para descansar, as ideias nunca param de surgir! Tenho vários projetos, entre eles a continuação de Meu padrasto é a maior viagem, porque a história não pode parar, a Ingrid ainda vai ser muito zoada, e eu pretendo fazer os leitores darem boas gargalhadas.”

Melissa Mellvee



Melissa Mellvee – Foto divulgação

ENTREVISTA COM MELISSA MELLVEE, AUTORA DO LIVRO MEU PADRASTO É A MAIOR VIAGEM

Melissa Mellvee nasceu na cidade de Porto Alegre no ano de 2007. Sua trajetória literária teve início em 2018, quando participou da antologia *Sem/Cem palavras*. No ano de 2019, integrou sua continuação, o livro *Outras Sem/Cem Palavras*. Seu primeiro livro solo, o romance *Meu padrasto é a maior viagem*, foi lançado em 2021. Atualmente, ela se divide entre as aulas do 9º ano do Ensino Fundamental, a escrita da coluna “Brincando de escrever”, para o site www.artrianon.com, e a administração do @dominiododragao, perfil do Instagram voltado à divulgação de literatura fantástica.

ENTREVISTA:

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Melissa Mellvee: Eu comecei na antologia *Sem/Cem palavras*, organizada pela Cinara Ferreira e pela minha mãe, a Fernanda Mellvee. Particpei com cinco minicontos. Na época, um escritor não conseguiu cumprir o prazo, e minha mãe não sabia o que fazer. Eu tinha dez anos, mas já gostava de escrever. Perguntei para minha mãe se eu poderia participar, e ela me disse que não era bem assim, um conto, por menor que seja, deve ter

um início, meio e fim. Eu sabia disso. Então ela concordou em me deixar participar, e eu escrevi esses contos em um dia. Ela gostou, e me colocou na antologia. Nunca mais parei de escrever. Depois vieram outros contos do segundo livro, o *Outras Sem/Palavras*, e depois comecei a escrever romances.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Meu padrasto é a maior viagem" (Editora Berserkir). Poderia comentar?

Melissa Mellvee: Claro! Meu padrasto é a maior viagem conta a história de Ingrid, uma menina brasileira de treze anos que é uma *nerd* assumida. Junto com sua mãe, Astrid, uma aspirante à atriz, e seu cachorro falante, Jimmy, ela parte para a Suécia. Sua mãe buscava mais oportunidades de emprego neste novo país, e Ingrid acreditou que levaria uma vida monótona. Porém, um tempo depois de ter chegado a Estocolmo, ela percebe que estava muito enganada. Ingrid descobre que o seu novo padrasto nada mais é que o seu maior ídolo!

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Melissa Mellvee: Eu sei que o processo de criação é algo muito individual, e que talvez os escritores que estão lendo isso tenham um processo de criação muito diferente do meu, mas o meu processo é assim: eu tenho a ideia, começo a pensar dia e noite nela, e falar para a minha mãe, a escritora Fernanda Mellvee, que é a minha maior inspiração na escrita. Eu começo a planejar em algum caderno, colocando os nomes das personagens, resumindo a história, e só depois de ter total certeza do que quero escrever, eu começo. Quero dizer, em todos os meus livros eu fiz assim. Exceto em *Meu padrasto é a maior viagem*. Eu planejei, claro, mas algumas coisas eu só coloquei depois que já estava escrevendo, como o personagem Oran Endry, primo de Edvyn, o padrasto de Ingrid. Oran não estava nos meus planos, mas ele surgiu, e eu não podia deixar de colocá-lo na minha história.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Melissa Mellvee: “Abrimos três cadeiras e nos sentamos na varanda. Está frio. São quatro horas da tarde, faz 2°C. O vento é forte. Edvyn, minha mãe e eu estamos tomando chimarrão. Ele faz muitas caretas e barulhos estranhos. Acho que não curtiu. Estamos enrolados em cobertores e o Jimmy fica pulando de um colo para o outro. Eu vou me lembrar deste momento para sempre. O vento batendo nos meus cabelos, me deixando igual a uma bruxa cabeluda. Edvyn quase chorando para tomar um chimarrão, minha mãe tirando fotos nossas para colocar nos stories do Instagram” (MELLVEE, 2021, p.188).

Conexão Literatura: O que tem lido atualmente?



Melissa Mellvee – Foto divulgação

Melissa Mellvee: Este ano eu li vinte e quatro livros, a maioria de Literatura Fantástica. Agora estou lendo novamente a série de livros "It girl", de Katy Birchall. Eu tenho certeza de que a minha personagem principal, a Ingrid, adoraria a escrita de Katy e a história de Anna, a protagonista de "It girl".

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Melissa Mellvee: Quem quiser comprar o meu livro pode entrar em contato no perfil do Instagram da Editora Berserkir (@editoraberserkir), ou pode comprar na nossa loja virtual do Mercado Livre, pesquisando *Meu padrasto é a maior viagem*, de Melissa Mellvee, e, em breve, nas melhores livrarias. E para conhecer mais sobre o meu trabalho, convido os leitores para visitarem o meu perfil do Instagram, o @dominiododragao, lá eu faço postagens sobre a minha trilogia favorita "Como treinar o seu dragão", sobre os livros de Cressida Cowell e compartilho alguns trabalhos meus. Se você é fã de Literatura Fantástica ou de HTTYD, vai gostar.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Melissa Mellvee: Eu costumo dizer que um escritor não tem férias, mesmo quando tirar um tempinho para descansar, as ideias nunca param de surgir! Tenho vários projetos, entre eles a continuação de *Meu padrasto é a maior viagem*, porque a história não pode parar,

a Ingrid ainda vai ser muito zoada, e eu pretendo fazer os leitores darem boas gargalhadas.

Perguntas rápidas:

Um livro: "Amarga Neblina", de Fernanda Mellvee.

Um ator ou atriz: Valter Skarsgård.

Um filme: "Como treinar o seu dragão."

Um hobby: escrever

Um dia especial: quando eu ganhei o meu cachorrinho, o Jimmy, em 2015. Desde esse dia, nunca mais nos separamos. Jimmy virou personagem no meu livro, e quando os exemplares de *Meu padrasto é a maior viagem* chegaram, eu os mostrei a ele. Acho que ele gostou de ver sua outra versão na capa.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Melissa Mellvee: Quero agradecer ao Ademir por ter me convidado para esta entrevista, e eu adorei estar participando mais uma vez desta revista que está sempre cheia de novidades legais para os escritores e leitores. Desejo em breve estar participando com outros trabalhos, porque as produções aqui não param. Como escritora e sócia da Editora Berserkir, garanto que muitas novidades estão por vir. Muito obrigada pelo convite!



POR BERT JR.

O I CONGRESSO LINGUIGÊNERE

“Ainda ecoa na lembrança de muitos a fala de uma elevada autoridade pública que, não faz tanto tempo assim, atribuiu à “mosquita” a responsabilidade pela transmissão da dengue e do zica-vírus. A partir daquele momento, desonerado do fardo de transmissor - transferido, por decreto verbal, integralmente à sua parceira, a “mosquita” -, o mosquito, já por natureza minúsculo, tornou-se insignificante e sem valor para as políticas públicas nacionais. Doravante, só a “mosquita” interessava. Embora não se tenha jamais visto nenhuma diferença nos índices de saúde por conta dessa abrupta mudança de tratamento nos escalões oficiais, o fato é que o ego do mosquito macho sofreu um trauma incomensurável. Talvez esse efeito tenha bastado para compensar o inócuo da medida no campo sanitário.”

Bert Jr.



Talvez tenhamos, até aqui, vivido tranquilos, na crença de haveremos herdado das nossas raízes latinas um notável equilíbrio de gênero no campo linguístico. Afinal, podemos tanto dizer que falamos o idioma português, quanto que somos falantes da língua portuguesa. O uso alternativo de **idioma** e **língua** garantem, neste caso, um caráter isonômico tranquilizador. Os que, num dado momento, se referem ao português no masculino, o fazem sem ferir suscetibilidades de gênero, pois o mesmo idioma pode também aparecer em trajes femininos, bastando que se recorra à vivaz expressão “língua portuguesa”.

Quem pensa, porém, que essa constatação esgota o debate sobre a questão da igualdade de gênero no uso do idioma, ou da língua, está quilometricamente equivocada. A todo momento, irrompem, aqui e ali, reivindicações públicas de revisão linguística à luz da defesa intransigente daquela igualdade. A língua, ou idioma, torna-se, assim, o campo onde se travam batalhas simbólicas, que poderão trazer mudanças profundas na maneira como iremos nos comunicar num futuro ainda indefinido, mas talvez mais próximo do que imaginamos.

Ainda ecoa na lembrança de muitos a fala de uma elevada autoridade pública que, não faz tanto tempo assim, atribuiu à “mosquita” a responsabilidade pela transmissão da dengue e do zica-vírus. A partir daquele momento, desonerado do fardo de transmissor - transferido, por decreto verbal, integralmente à sua parceira, a “mosquita” -, o mosquito, já por natureza minúsculo, tornou-se insignificante e sem valor para as políticas públicas nacionais. Doravante, só a “mosquita” interessava. Embora não se tenha jamais visto nenhuma diferença nos índices de saúde por conta dessa abrupta mudança de tratamento nos escalões oficiais, o fato é que o ego do mosquito macho sofreu um trauma incomensurável. Talvez esse efeito tenha bastado para compensar o inócuo da medida no campo sanitário.

A ciência está repleta de casos similares, em que um único gênero gramatical compreende os dois gêneros biológicos: o feminino e o masculino. A nomenclatura científica é, portanto, terreno propício à ação dos militantes da equidade linguística de gênero, para os quais é preciso primeiro marcar a diferença para só depois estabelecer o estatuto da igualdade no campo gramatical. Nesse contexto, é possível que não estejamos distantes de assistir à convocação de um congresso de especialistas, com a presença de linguistas, sociólogos, e influenciadores das redes sociais, para discutir novos parâmetros vernaculares, de modo a refletir, no uso do idioma, a ideia de igualdade de gênero.

Pode-se, sem muito esforço, imaginar o, digamos, I Congresso Linguigênera sendo realizado, dentro de alguns anos, em alguma capital brasileira, regado a água de coco ou chimarrão.

Um dos focos do debate seria, seguramente, o da regulamentação, em novas bases, do emprego do substantivo comum aos dois gêneros, também chamado, simplesmente, “comum de dois”. Nesse caso, as delegadas ativistas poderiam exigir que a terminação em “a” passasse a ser exclusiva do gênero feminino. Assim, a palavra artista, por exemplo, que hoje serve a ambos os gêneros, passaria a designar apenas o feminino. Se o sujeito

fosse masculino, seria “o artista”. Por conseguinte, a gramática a emergir do congresso prescreveria o uso de “malabarista”, “trapezista”, “maquinista”, “ciclista”, “vigarista”, entre outros exemplos. O plural, nesses casos, seria feito elencando os dois gêneros: “vigaristas e vigaristas”, sempre juntos. A quem caberia a precedência nos vocativos seria outro ponto de debate, sobre o qual, contudo, não arrisco opinar.

No caso dos substantivos terminados em “e”, a regra seria, provavelmente, mudar o “e” para “a” quando o gênero fosse feminino. Teríamos, assim, “presidenta”, “delinquentia”, “xerifa”, “videnta”, “dementa”, “pacienta”, e por aí vai.

No caso dos terminados em “l”, bastaria acrescentar o “a” no final para verter o substantivo em feminino. Dessa forma, teríamos: “imbecila”, “policiala”, “oficiala”, “marginala” etc.. Os plurais, conforme já mencionado, seguiriam somando ambas as formas sempre que se tratasse de grupos mistos: “policiais e policialas”, “marginais e marginalas”.

Outro ponto de debate seria a proposta de extinção dos substantivos epicenos, justamente aqueles que se aplicam, mais do que tudo, ao campo da biologia. Para que dizer jacaré-fêmea, quando se pode facilmente dizer jacaroa, ou jacareia, não é mesmo? Em linha com esse raciocínio, a regra preveria o uso de “rinoceronta”, “crocodila”, “leoparda”, “gnua”, “saguíla”, “falcã”, etc.. É claro que seria necessário equilibrar o outro lado da equação, adotando fórmulas masculinas do tipo: “girafo”, “gazelo”, “águilo”, “zebro”, “hieno”, “pumo”, “anto”, entre outros.

Sobre essas questões zoolinguísticas, é importante assinalar que o congresso não estaria imune ao fortalecimento das correntes de opinião favoráveis a se conferir aos animais direitos até hoje exclusivos da espécie humana. Portanto, é muito provável que a tendência à antropomorfização da natureza animal viesse influenciar o debate no campo linguístico, contribuindo para desdobramentos inovadores.

Alguns casos mereceriam atenção especial. Elefante, por exemplo. A palavra conta, em sua primeira sílaba, com uma intrusão do pronome pessoal “ele”. Nesse caso, dizer simplesmente “elefanta” não garantiria a igualdade de gênero em sua integralidade. Muito provavelmente, o congresso optaria por adotar a forma “elafanta”, trocando o pronome pessoal masculino por sua versão feminina. Aí, sim! “Elafanta” constituiria exemplo emblemático do poder da linguagem quando se trata de remodelar mentalidades.

Outro caso sensível: gorila. Inevitável a tentação de introduzir uma mudança na última sílaba para, tal como no exemplo anterior, indicar plenamente o gênero por meio do pronome pessoal. Inclusive, neste caso, por tratar-se de um primata superior muito aparentado com a espécie humana, um antropoide, como se dizia na época do Tarzã. Em honra a essa semelhança, em vez de simplesmente falar “a gorila e o gorilo”, estou quase certo de que o congresso proporia o uso das formas “a gorela e o gorele”. Desse modo,

teríamos os pronomes pessoais “ela” e “ele” na terminação dos substantivos, numa tocante homenagem a um símio que é praticamente um ente da família.

Nada, porém, seria mais simbólico dos novos tempos anunciados pelo futuro congresso linguístico do que a renomencaturização do nosso parente mais próximo, o chimpanzé. Hábil, versátil, temperamental, velhaco, debochado, grande imitador, o chimpanzé é quase uma imagem nossa no espelho da evolução das espécies. Barbeado e vestido, atrás duma mesa, na penumbra de um bar, poderia passar por muitos de nós. Justamente por isso, com certeza o I Congresso Linguigêneres reservaria um tratamento especial para o nosso zé. Assim, além de chimpanzé, ele ganharia o direito de ser chamado de chimpanjoão, chimpanjoaquim, chimpalberto, chimpancarlos, chimpampaulo, e tantas outras combinações com nomes pessoais. No feminino, teríamos chimpanzefa, chimpancarla, chimpanjoana, chimpanzana, chimpampaula, chimpanlúcia, etc.. A essa altura, num gesto epifânico, o congresso recomendaria a libertação de todos os chimpanzés dos zoológicos e circos, em concomitância com a criação de estruturas de acolhimento e escolas especializadas para sua educação, com vistas à adoção por famílias humanas.

O I Congresso Linguigêneres representará, sem dúvida, um grande passo no sentido da mais completa igualdade linguística de gênero, assim como da equalização dos direitos dos animais com os dos seres humanos. Prevê-se que, antes da metade do próximo século, os chimpanzés e chimpanzefas terão domínio pleno do idioma e poderão contribuir para novas regras de comunicação e sociabilidade. Mas, frente à concorrência com eles pelas vagas na universidade, nem adiantará pensar em pedir um sistema de cotas para humanos.

Em resposta, você levará uma banana.

Nota1. O presente artigo nada tem de acadêmico, correspondendo a um exercício criativo, em que estão presentes elementos de ensaio e de ficção.

Nota 2. Caso tenha gostado, convido a que visite o meu perfil no Instagram (@_bertjunior), onde você poderá encontrar contos, poemas e reflexões sobre temas culturais. Até breve!

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata o levou a conhecer vários países. Escreve ficção e poesia, havendo publicado, em 2020, o livro *Fict-Essays e contos mais leves*. Também compõe músicas e letras. Mantém perfis nas redes sociais para a divulgação de seus trabalhos literários e musicais. Tenciona publicar, em breve, um livro de poesia e um segundo volume de contos.

Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br



VISTA LITERATURA



[Ver Produtos](#)

Poeme-se



A LUZ

Minha mente é um furacão de você.
Vou desenhar as palavras que não te disse.
E vou expandir minha substância para cobrir sua distância.
Bom: os olhos, os olhos.
E os lábios, os lábios.
Suas palavras ecoam no peito.
Mas se você fosse uma nota.
Isso só ressoaria em seu coração.
Então aqui estou eu, olhos brilhantes,
Estou com você, mesmo que você não queira.
E agora que você me perdeu
Vou parar por um momento.
Apenas um momento de silêncio feito de eternidade.
E eu vou te dar um sorriso.
Porque eu vi em você o que você ainda não viu.
E quando você perceber
Estarei longe
Forçado a me proteger de você

Italiano, licenciado em psicologia clínica, pela universidade "N.Cusano" de Roma. Fala quatro idiomas e escreve desde os 16 anos. Começou a escrever em 2011 e nunca mais parou. Escreve poemas, artigos de jornais, letras de músicas e ocasionalmente histórias. No entanto, também conseguiu publicar na Venezuela, Itália, Colômbia, México, Argentina, Chile, Peru, EUA, Brasil, República de São Marino, Romênia e Espanha. Escreve em italiano, espanhol, português e inglês. Seus autores preferidos, são: Coelho, Hemingway, Pablo Neruda, Dario Fo e Agatha Christie.



Antonio Di Bianco

POR GILMAR DUARTE ROCHA

O INCRÍVEL EXÉRCITO DE BRANCALEONE

“A história central do filme abarca a trajetória amalucada do pretense nobre Brancaleone de Nórcia, que descobre ser herdeiro de um rico pedaço de terra na época da Itália medieval, onde o país ainda não era a nação que conhecemos hoje, e sim, um amontoado de principados, cidades-estado e estado papal e dentro dele, Roma, logicamente. O que chama à atenção do expectador, é o recrutamento e a formação do exército que Brancaleone arregimenta para cumprir o seu ideal: em princípio, ele escolhe apenas quatro “soldados” — um gigante desarmado e abilolado, de nome Pécoro; um adolescente aventureiro e um velhote judeu, pequeno, frágil e covarde, que se esconde ao menor sinal de perigo dentro um baú com rodas onde é transportado com a ajuda dos companheiros. O quarto, o próprio desmiolado e sonhador Brancaleone.”

Gilmar Duarte Rocha

No fim da década de 70, no período em que alternava os meus estudos para ingresso na faculdade com visitas frequentes às salas de cinema, abundantes, por sinal, em Salvador naquela época, onde em cada rua do centro (hoje) velho da cidade, havia cinemas como o Cine Guarani, depois renomeado para Glauber Rocha, sito na Praça Castro Alves, defronte à estátua do poeta; o cine Tupi, uma imensa sala localizada no Terreiro de Jesus, num prédio alugado junto à comunidade eclesiástica católica; o cine Tamoio, um cinema menor e mais tímido, sito à Rua da Ajuda; o cine Bahia, o mais suntuoso da época, localizado no fim da Rua Carlos Gomes, a alguns metros da praça do poeta, cinema esse que era o reduto de lazer preferido da classe mais abastada dado o luxo de suas instalações, que contemplava três andares; três plataformas para a assistência, tela panorâmica, felpudos tapetes vermelhos, paredes aveludadas, sofás largos e aconchegantes nas salas de espera, sem contar a majestosa lanchonete que vendia de pipoca ao uísque escocês. Tive sorte em ainda poder frequentar essas maravilhosas salas, que exibiam filmes escolhidos a dedo e alguns deles clássicos do cinema de boa qualidade.

Lembro-me, certa feita, que um colega de cursinho pré-vestibular havia me indicado um filme esquisito que estava sendo exibido no cine Tamoio (ou seria cine Astor, se não me falha a memória) e o nome desse filme em português era “O incrível exército de Brancaleone”, no original italiano “L’armata Brancaleone”. O meu colega de banca de estudo havia me dito que não entendera muita coisa da película, apesar de achá-lo bastante divertido.

No fim de semana seguinte, quando reservava o domingo para conferir um bom filme, e também fugir do ambiente sátiro, hedônico e barulhento da ampla república de estudantes onde morava então, resolvi conferir o tal filme italiano que o colega havia me indicado.

Em princípio, achei o filme divertido. Uma comédia. A rigor, era mesmo uma comédia italiana que seguia o estilo de outras comédias ítalas da década de sessenta e setenta — despojadas, debochadas e sensuais —, como “Belo Antônio” e “Matrimônio à italiana”, ambas com Marcelo Mastroianni; “Mimi, o metalúrgico”, com Giancarlo Giannini; e um “Burguês muito pequeno” e a “A senhora com pistolas”, estas duas últimas produções dirigidas pelo cineasta Mario Monicelli, o mesmo que capitaneou “O incrível exército”.

“L’armata Brancaleone” é uma produção de 1966, tendo a batuta de Mário Monicelli e no papel do excêntrico Brancaleone, um dos maiores atores italianos de todos os tempos: o multifacetado Vittorio Gassman (1922-2000).

A história central do filme abarca a trajetória amalucada do pretenso nobre Brancaleone de Nórcia, que descobre ser herdeiro de um rico pedaço de terra na época da Itália medieval, onde o país ainda não era a nação que conhecemos hoje, e sim, um amontoado de principados, cidades-estado e estado papal e dentro dele, Roma, logicamente. O que chama à atenção do espectador, é o recrutamento e a formação do exército que Brancaleone arregimenta para cumprir o seu ideal: em princípio, ele escolhe

apenas quatro “soldados” — um gigante desarmado e abilolado, de nome Pécoro; um adolescente aventureiro e um velhote judeu, pequeno, frágil e covarde, que se esconde ao menor sinal de perigo dentro um baú com rodas onde é transportado com a ajuda dos companheiros. O quarto, o próprio desmiolado e sonhador Brancaleone.

Na sequência da sua jornada outros personagens, não menos caricatos, se juntam ao famoso “exército” que enfrenta inimigos ridículos e passa por situações consternadoras durante a caminhada, como o pressuposto domínio de um castelo medieval inabitado, que viria a se saber ser um lugar cujos habitantes foram dizimados pela peste que assolava a Idade Média. Vencidos os hipotéticos obstáculos, a trupe do candidato a nobre, Brancaleone, chega finalmente ao feudo reivindicado, um castelo às margens do Mediterrâneo, onde o abilolado cavaleiro viria a saber tratar-se de uma propriedade dos sarracenos, o povo árabe que dominava aquela região. Dá para se imaginar o final nada utópico do nosso herói.

Depois de assistir ao filme, que, por sinal, era bastante diferente de tudo que havia assistido do gênero até então, veio-me uma reflexão de que aquilo tinha muita similaridade com uma sinopse de um livro que eu havia lido no ginásio: “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”. De fato, quando eu li o livro de Miguel de Cervantes na íntegra, alguns anos mais tarde, pude constatar que o diretor italiano Mário Monicelli fizera uma paródia da paródia, pois o cerne do livro das desventuras de Dom Quixote, o cavaleiro da triste figura, é nada mais uma paródia às tão propaladas histórias de cavaleiros da Idade Média, construídas a pedido de reis e poderosos a escritores e poetas anônimos, no intuito de enaltecer, principalmente, os grandes feitos dos cavaleiros cristãos.

Mas a história de Cervantes, bem como o herói replicado da paródia de Monicelli, parece aquele enredo inerente ao ser humano no seu eterno dilema de distinguir a ficção da realidade ou usar a utopia para criar falsos inimigos, inimigos imaginários, inimigos oportunos para distrair o circo, e passar incólumes sobre os seus atos inconsequentes; sobre a sua falta de visão de futuro para si e para o coletivo; sobre o questionamento do seu caráter, se apegando a personagens caricatos para desenhar um retrato terreno sobre o conceito de céu e inferno.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de oito livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Pretende mandar ainda este ano para o prelo mais um romance, "A arte do ilusionismo", épico escrito em estilo vintage.

DICAS PARA LEITURA

Porque amamos livros



Meu padrasto é a maior viagem
Melissa Mellvee

[clique aqui](#)



Responsabilidade não se delega
Mario Sergio Sabino Rossetto

[clique aqui](#)



A melodia dos sonhos
Juliana Marinho

[clique aqui](#)



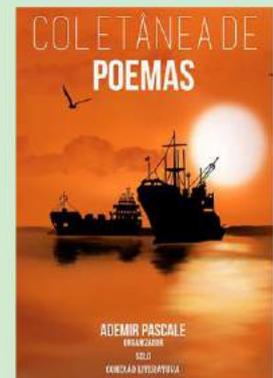
O priorado de Salomão
José Martino

[clique aqui](#)



Sobrenatural - Contos e Poemas
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)



Coletânea de poemas
Ademir Pascale - Org.

[clique aqui](#)

“É prova de alta cultura dizer as coisas mais profundas, do modo mais simples.”
– Ralph Waldo Emerson

ERNST CASSIRER E A FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS: O ENSAIO SOBRE O HOMEM



Michelangelo Merisi, dito Caravaggio (1571-1610). Medusa, 1597.
Óleo s/tela, 58 cm de diâmetro. Galleria degli Uffizi, Florença/Itália

A “Medusa” de Caravaggio (1571-1610) é uma obra de formato circular que se destaca das outras produzidas pelo artista. A personagem encara com algo que está fora dos limites da composição, seus olhos parecem encontrar os do observador e não conseguimos desviar da sua expressão. Estamos diante da representação de um Ser híbrido. Não de uma mulher comum. Mas da imagem de alguém que sofre desesperadamente. Que ousa romper a linha imaginária do “proscênio”, ao diluir a quarta parede do palco italiano e introduzir sua dor em nossos pensamentos.

Não adianta tentar fugir, o *pathos* é tão intenso que fechamos os olhos para sair do transe. Entretanto, quando os abrimos, a imagem permanece a nos incomodar, afrontar e perseguir. O sofrimento dela é indescritível. Definitivamente, quer nos dizer algo. E sempre que estamos diante da imagem precisamos nos concentrar, não só para observar os detalhes e compreender a cena, mas principalmente para ouvir o que a personagem tem a dizer. À frente de um fundo simples, que a projeta, encontra-se a figura da Medusa. Seus olhos arregalados acompanham a expressão de horror e da dor extrema, materializadas na tensão dos músculos piramidal e depressor das sobrancelhas, e pela boca exageradamente aberta – como se urrasse por conta do violento golpe que sofrera.

Ao nos depararmos com a imagem, o que nos atinge imediatamente é a paixão. A perturbação é evidente, o choque inevitável, a repulsa da extrema violência é automática e, a posterior compaixão, acolhedora. Sensações catárticas que convergem com o desfecho da Tragédia.

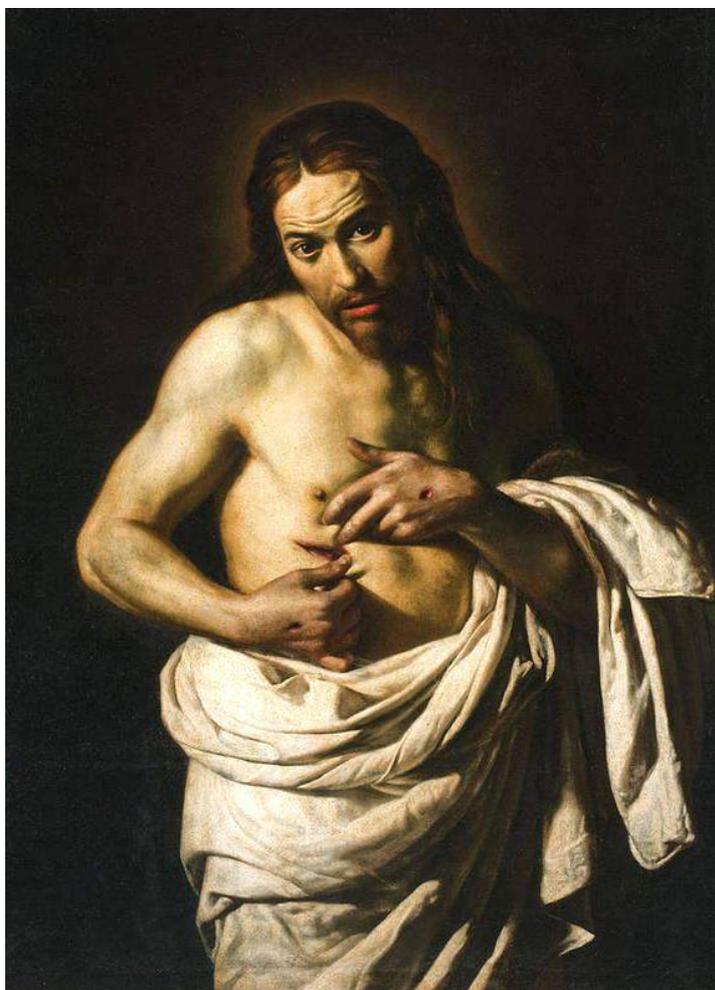
Contudo, para compreendermos o discurso da imagem faz-se necessário conhecer a protagonista, mergulhar no mito pagão e ter acesso a uma das seis formas simbólicas que compõem a cultura.

Ernst Cassirer (1874-1945), membro do grupo de estudos de Aby Warburg em Hamburgo, fundou com Erwin Panofsky o Instituto Warburg em Londres e foi responsável pelo diálogo com a imagem no campo do simbólico. Escreveu uma importante obra da filosofia antropológica – “Filosofia das Formas Simbólicas” – condensada posteriormente no compêndio “Ensaio sobre o Homem”, publicado no Brasil pela Editora Martins Fontes. Neste trabalho, Cassirer explica que o Homem é um Ser Simbólico, que vive numa cultura simbólica, alicerçada por seis formas simbólicas – Arte, História, Mito, Linguagem, Religião e Ciência.

Na obra, o estudioso alemão traçou um panorama da imitação, ao passar por vários períodos da história da arte. Começou descrevendo a função mimética da arte antiga onde “a imitação é um instinto fundamental, um fato irredutível da natureza humana e, uma fonte inesgotável de prazeres”. Seguiu na contestação da ideia de que a imitação era apenas uma reprodução mecânica da realidade, pois devia ser levado em conta o processo criativo do artista, que é íntimo e individualizado. Finalizou a explanação mostrando que a arte, como todas as outras formas simbólicas, não era uma mera reprodução daquilo que os olhos podiam perceber. Considerava a pintura não como algo restrito, mas como uma descoberta da natureza, uma indução do artista a partir do mundo físico exterior. O pintor, enfim, não reproduzia a natureza de forma reducionista, escolhia um certo aspecto da realidade, selecionava. O artista, então, transportava para o interior da tela uma fatia do mundo, um fragmento interpretado por ele, o famoso ver e sentir.

Em seus diálogos com a imagem, Cassirer se propõe a “ler” o símbolo como protagonista da experiência imagética. Para ele a imagem é um documento visual, pertencente ao artista e que externa interioridades por meio de símbolos.

No correr do livro, o teórico esbarra em dualidades: feminino e masculino, imitação e objetificação, forma e conteúdo, passado e presente. Mergulha nos mitos antigos, nos aspectos simbólicos da arquitetura gótica, no êxtase barroco e no conceito de IDEIA – ato de idear e idealizar.



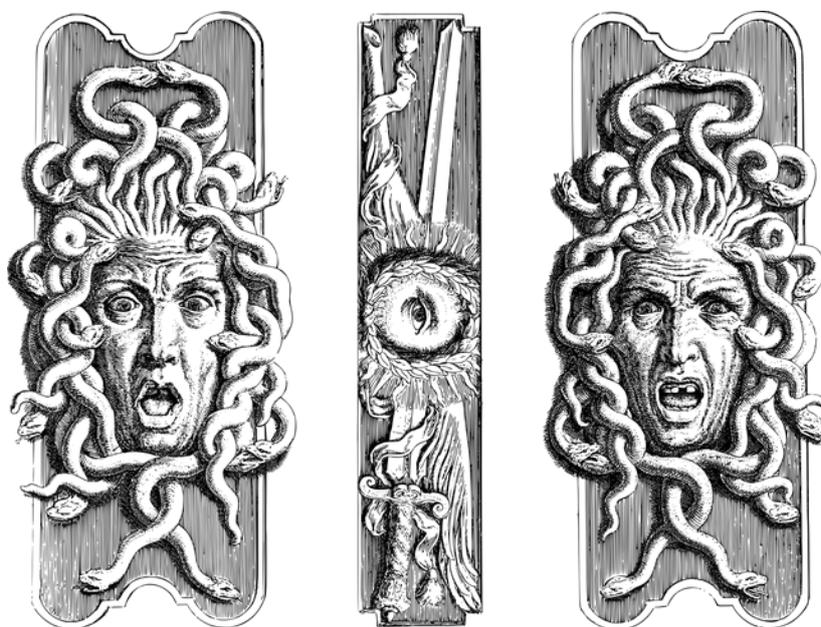
Giacomo Galli – dito, *Lo Spadarino* (1597-1649). *Jesus Cristo e as chagas*, c.1636. Óleo s/tela, 152 x 78,5 cm. Perth Museum & Art Gallery, Escócia/Reino Unido.

Cassirer deixa claro que o contexto, no qual autor e obra se inserem, torna-se cenário e alicerce para o processo criativo. O pintor é um ser reflexivo, que a partir de suas inquietações lança à discussão questões do seu tempo, materializa aspectos de uma cultura simbólica e propõe transversalidades. Assim como mitos pagãos, os de origem cristã também foram observados, principalmente Jesus Cristo.

Para compreendermos a tela acima seria preciso desvendar um mistério, verificar a relação de contexto, entender os meandros do processo criativo do autor e vivenciar a encenação daquela Paixão que ultrapassa limites temporais, religiosos e converge com o imaginário popular. Em síntese, administrar a relação entre pintor e mito, entre Ser simbólico e forma simbólica.

Jesus, o Cristo, fora ultrajado, morto, ressuscitado, cultuado, celebrado, e acima de tudo, um Herói Trágico, simbólico e personificado à sua imagem e semelhança, como um conceito abstrato, ao longo dos séculos em múltiplas narrativas. Assim como a “Medusa” de Caravaggio, “Jesus” de Galli busca no observador o diálogo, um cúmplice para seu *pathos* no registro do padecer, um escapismo fora dos limites impostos pela moldura. Dois mitos representados, duas formas simbólicas pinçadas pela arte, dois objetos de Cassirer.

Se Aby Warburg investigou as *pathosformeln* e manifestações de outras culturas, Erwin Panofsky buscou os “tipos” ideais de representação consolidados pela tradição semântica e de conteúdo, Ernst Cassirer por sua vez, adentrou pelos portais do simbólico como fio condutor de viagens, nas quais o Ser Simbólico traz para a imagem fenômenos e ancestralidades. Viagens que fazem de “Ensaio sobre o homem” uma obra atemporal e imprescindível aos apreciadores do simbólico.



Reginaldo Leite é cenógrafo, historiador da arte e professor universitário. Desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado, em História da Arte, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É Doutor em Artes Visuais e Mestre em História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o grupo de pesquisa “*Studiolo*: Estudos em História da Arte da Antiguidade à Primeira Época Moderna”, filiado ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. É autor dos livros “Convergir” (2005), “Os Crimes de Platão” (2019) e “A Insanidade que nos une: um mergulho na arte de enlouquecer” (2020).

CONHEÇA 21 NOVAS PALAVRAS ADICIONADAS NO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR ADEMIR PASCALE

VOCÊ SABE



O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS

?
AFROFUTURISTA

?
APNEÍSTA

?
GORDOFOBIA

?
ASTROTURISMO

?

?

?
APOROFOBIA

?

?

ENTÃO DESCUBRA

CLIQUE NO BOTÃO E ASSISTA



CANAL CONEXÃO NERD

INSCREVA-SE

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

ALFONSINA STORNI: A ESCRITA FEMINISTA E A (IN) FINITUDE PLENA DE OUTUBRO



Quisiera esta tarde divina de octubre
Pasear por la orilla lejana del mar;
Que la arena de oro, y las aguas verdes,
Y los cielos puros me vieran pasar.
Ser alta, soberbia, perfecta, quisiera,
Como una romana, para concordar
Con las grandes olas, y las rocas muertas
Y las anchas playas que ciñen el mar. (STORNI, 2017, p. 61).

ALFONSINA STORNI (Maio de 1892- Outubro de 1938) nasceu em Sala Capriasca na Suíça, mas morou na Argentina da infância até o ano de sua morte. Em novembro de 1919, conquistou o direito à cidadania argentina. Esse título de cidadania (Cartão de Cidadã) era apenas um documento simbólico, pois no caso das mulheres, elas ainda não tinham oficialmente conquistado seus direitos civis e políticos. Na Argentina, as mulheres passaram a ter o direito ao voto apenas a partir de 1947, quando foi promulgada a lei 13.010 do sufrágio feminino, também conhecida como *Ley Evita* que instituiu o voto e outros direitos à mulher. Embora Alfonsina não vivesse até esta data, foi uma das mulheres que lutou ativamente para que este dia chegasse. Foi uma escritora feminista e entendeu desde cedo como a sociedade patriarcal e seus valores arcaicos e opressores para a mulher eram não só atos aviltantes, como violentos para o corpo feminino, desde os simbólicos, psicológicos, moralistas aos físicos. Ela foi uma voz gritante na América, segundo Rocha (2013) e fez de sua escrita uma arma de combate social em defesa das mulheres.

Alfonsina “assinou várias colunas feministas em diversas revistas e jornais portenhos ao longo de sua carreira. Trabalhou em muitos empregos informais, concomitante a sua atuação literária. Exerceu a docência em uma parte da vida, enfrentou dificuldades econômicas para se manter e a seu filho, Alejandro. Em uma sociedade conservadora/patriarcal em que ela era imigrante, enfrentou todos os preconceitos e se atreveu a ser uma jovem mãe solteira” (ALVES, 2021, p. 3441), como expôs em um dos versos da poesia *La loba*: “Yo tengo un hijo fruto del amor, de amor sin ley”, considerada um texto autobiográfico e frontalmente crítico aos costumes falocêntricos da sociedade da época.

No mundo hispânico, ela ficou conhecida mais por sua produção poética do que sua prosa e seus ensaios (ROCHA, 2013). A própria Alfonsina reconhecia que a poesia era sua ‘razão de viver’ e que as demais produções, como as do gênero narrativo, eram ‘objeto de trabalho’. Independente do gênero em que ela escrevia a postura feminista estava presente. Alfonsina considerou a sua literatura como um meio de promover a educação de uma consciência feminista para mulheres e crianças.

Nesse âmbito, Alves (2021, p. 3441) ressalta que “Alfonsina participou de muitas apresentações de saraus literários, dirigiu as peças infantis escritas por ela e representadas por seus alunos do Teatro Infantil Labardén, em bibliotecas, asilos e praças públicas. [...] Nestes espaços, Alfonsina recitava e falava de suas poesias, muitas mulheres ficavam ao seu redor para escutá-la. Essas mulheres eram em sua maioria da classe popular e da classe média”. Suas temáticas eram voltadas para a reivindicação feminina de igualdade, de equidade nas relações entre homens e mulheres, é uma escrita de inquietudes, um verdadeiro protesto feminista diante da realidade social machista que se propagava em pleno século marcado pela modernidade, que ainda não admitia a valorização da escrita de Literatura de autoria feminina e insistia em manter a subalternidade dessa produção literária.

Por outro lado, Alfonsina continuou a propagar suas ideias, seja na escrita, seja na vida pessoal. Ela também foi uma das literatas envolvidas nas causas políticas e sociais. Era filiada ao Partido Socialista Argentino e atuava frequentemente nas reuniões e associações dos grupos socialistas, em especial, nos assuntos que envolviam mulheres e

crianças. Participava dos eventos e encontros artísticos nos espaços mais importantes da Argentina como o Café Tortoni, participou da inauguração da Sociedade de Escritores Argentinos em 1928, não ficando por muito tempo na direção, apesar de ser uma das escritoras mais entusiasmada para que o projeto saísse do papel.

Alfonsina teve uma vida de lutas árduas na profissão e no cotidiano real. Um câncer de mama chegou até ela, perdeu um de seus seios. Chorou a morte de seu amigo, o escritor Horacio Quiroga, além da morte de outras pessoas queridas, em períodos de intervalos curtos. Escreveu *Voy a dormir* sua última poesia enviada para publicação no jornal *La Nación*. E para aquela mulher que em vida, havia lutado fortemente por ter seu direito de fala respeitado e de outras mulheres, decidiu tomar sua última e dolorosa ação: atirou-se ao mar em 25 de outubro de 1938, entregando seu corpo as ondas.

E, por mais que ela ficasse na invisibilidade literária por muito tempo, o legado de sua obra não permitiu o apagamento e o pensamento ferrenho da autora frente à sociedade patriarcal, dentre esses livros, pode-se destacar:

- *La inquietud del rosal* (1916)
- *El dulce daño* (1918)
- *Irremediavelmente* (1919)
- *Languidez* (1920)
- *Ocre* (1925)
- *Poemas de amor* (1926)
- *Mundo de siete pozos* (1934)
- *Mascarilla y trébol* (1938)

Escreveu muito mais (crônicas, ensaios, diários de viagens e peças teatrais), em toda sua produção, Alfonsina dispara criticamente contra a misoginia circundante que levou e leva a mulher a ser categorizada por esse universo do falo que insistiu em mantê-la sob comando. Desmistificou a Crítica literária que perpetuava e se posicionava em aceitar apenas textos de autoria feminina que continuassem a divulgar um contexto e assuntos voltados para falar acerca da família, dos sentimentos dóceis e frágeis. Não suportou viver com as máscaras sociais impostas em torno de seu corpo por não seguir as normas. Comportou-se como sujeito de seu lugar de mulher, por este motivo, é uma das grandes mulheres do passado, que hoje, são lembradas, para que nós – a partir de seu exemplo – não nos esqueçamos de também atuar como sujeito na sociedade e enterrarmos de vez, essa condição de objeto, designada para a mulher no decurso da História.

Referências

ALVES, Cristiane de Mesquita. *La loba*, a poesia da descolonização de gênero de Alfonsina Storni. In: **Anais do IV Congresso Internacional de Letras**. UFMA-Bacabal, p. 3440-3451, 2021. Disponível em: <https://sites.google.com/ufma.br/anais-e-resumos-do-conil/publica%C3%A7%C3%B5es/anais/anais-iv-conil>. Acesso em: 09 Set. 2021.

ROCHA, Nildicéia Aparecida. **A constituição da subjetividade feminina em Alfonsina Storni**: uma voz gritante na América. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

STORNI, Alfonsina. **Poemas (Obras de Storni)**. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2017.



Alfonsina Storni - Foto divulgação

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFPA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos. Autora do livro de poesias *Riscos de Mulher* (Editora Todas as Musas).

RESENHAS

ANTOLOGIAS

HQS

ENTREVISTAS

LIVROS

VENHA PARA O LADO CULTO DA FORÇA

CONEXÃO LITERATURA

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

INSTAGRAM: @REVISTACONEXAOLITERATURA | FACEBOOK: @CONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PORQUE AMAMOS LIVROS

A INTUIÇÃO E O SILÊNCIO

POR AYLTON SANGY

Certa vez, olhe só,
A Intuição e o Silêncio de namoro
Os dois num transe louco
E num murmúrio quente de idéias,
Veja só no que deu:
- Eu lhe amo, eu lhe quero meu amor
- Matutava a Intuição
O Silêncio calado... pensando, retruca:
- Só quero falar de verdade...
Psiu, que nada! Sou o Silêncio, amiga
- Do Silêncio, a Intuição tudo sabia
E presentia...
- Você traz a solidão!
- E o Sr Silêncio na euforia, articulava...
- Sacode mais esses lençóis
Por cima e por baixo
De baixo pra cima
Ô Intuição, vá aí se anima
- Esse Silêncio é fogo
- Era o presságio da Intuição
- Ponha um som nesse ambiente
- Era a ideia do Silêncio
E a Intuição deu um palpite:
- Lá fora, o bar fechou e a festa acabou
Ouça o silêncio, mas aqui dentro bombou
Vou preparar mais uma bebida pra nós
- Pensou a Intuição em seu folclore:
- Escute aqui, Silêncio, o drink está pronto
- Calma, Intuição!
Me deixe, beba sua taça!
- (Resmungo o silêncio)
- Tome logo, Silêncio, aqueça, não "embaça"
- Animados de novo
A Intuição rompe o Silêncio
Com seus murmúrios de amor:
- Beije-me! Agora me abrace,
Tire de vez a timidez, arregace
- A Intuição meio embriagada
Não ouvindo mais o Silêncio

Começou a procurar em vão
O Silêncio feliz voou para o espaço
Sem dar um pitaco, nem outro amasso
Em sua alma gêmea, a Intuição.
A Intuição que vive do Silêncio,
Procurando achar uma explicação,
Anda toda perdida e apaixonada,
Aqui no meio da multidão!

Aylton Sangy - Professor, alguns textos em Recanto das Letras, premiado em concursos de poesias, algumas participações em Antologias.

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**

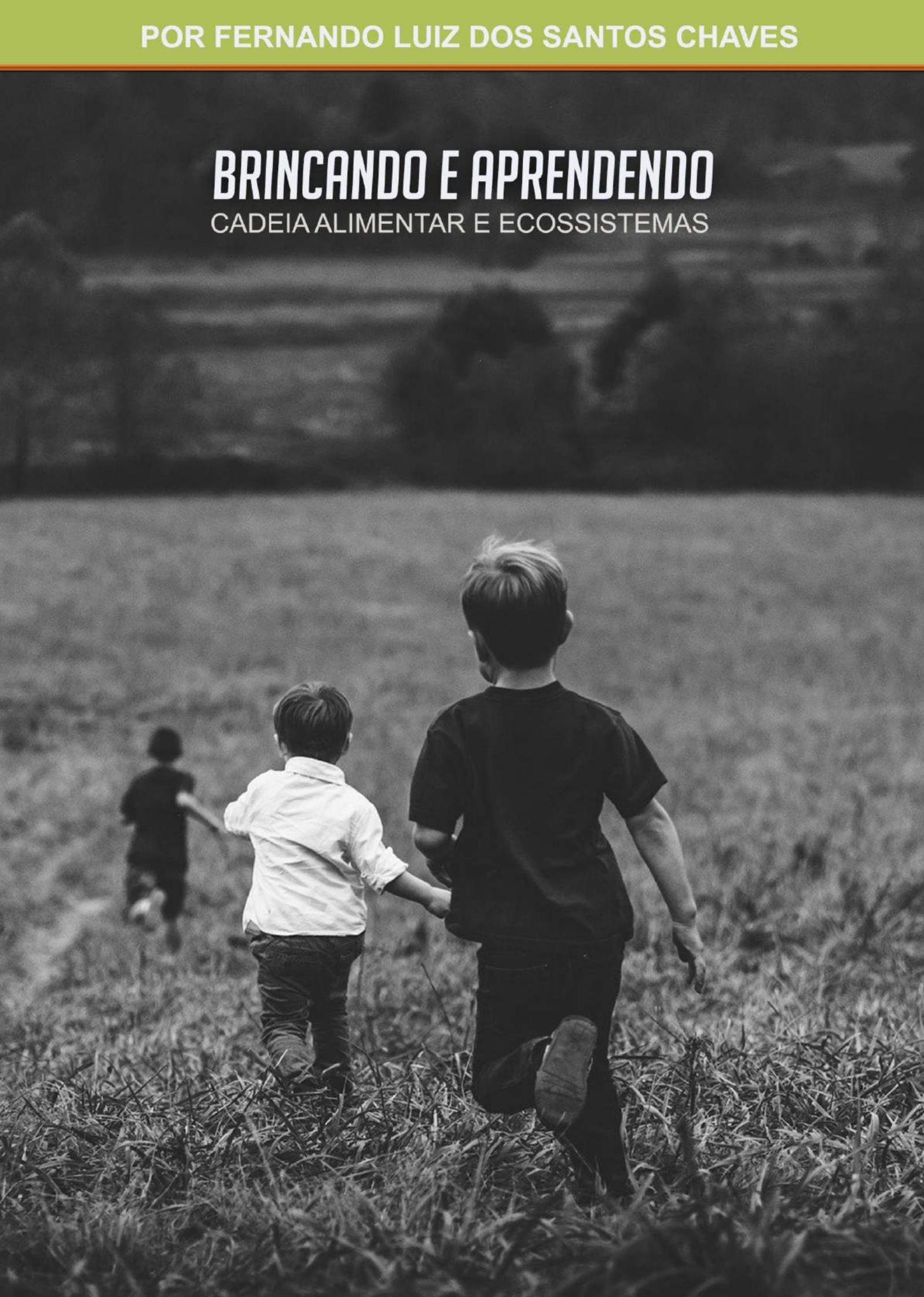


**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

POR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

BRINCANDO E APRENDENDO

CADEIA ALIMENTAR E ECOSSISTEMAS



I - CADEIA ALIMENTAR

Artigo nº 02

Começo esse artigo, contando a história de um menino de 9 anos de idade que adorava brincar na natureza.

A história começa assim:

Era uma vez um menino muito esperto, que foi criado em um ambiente de natureza farta. Nesse lugar existia uma rica flora e fauna. Ele era o único menino que morava naquela redondeza, e na sua família, todos já eram adultos. Mas, para o menino, isso não era problema, pois ele adorava brincar sozinho, no meio de toda aquela vasta natureza à sua disposição.

Nesse dia era domingo e estava chovendo, e o menino estava em casa assistindo a um desenho animado na televisão. O desenho mostrava um tamanduá-bandeira que adorava comer formigas, e parecendo um aspirador de pó, aproximou-se de um enorme formigueiro e começou a se alimentar.

O menino, que nunca tinha visto um tamanduá ficou sabendo pelo desenho como ele era e do que o animal se alimentava, e por isso decepcionou-se completamente com os tamanduás. Pulou da cadeira de onde estava sentado, aproximou-se da televisão e, bravamente, desligou-a, esbravejando:

— Que droga! Odeio tamanduá. Um animal tão grande comendo as coitadinhas das formiguinhas. São bem covardes mesmo esses tamanduás!

Sentindo toda essa decepção e raiva dos tamanduás e com muita pena das pobres formiguinhas, foi até a porta da casa para ver como estava o tempo lá fora, quando abriu a porta, vendo que a chuva já havia parado, a felicidade em seu rosto voltou de imediato e mais do que depressa, vestiu um calçado e foi para rua brincar.

Na rua pegou um pedaço de madeira parecido com um cassetete e seguiu por uma trilha cercada por arbustos. No final dessa trilha havia um vasto campo verdejante repleto de agaves, uma planta que permanece dezenas de anos em estado vegetativo para florescer uma única vez.

As agaves possuem um tufo de folhas espessas, carnosas e fibrosas. Do centro do tufo ergue-se uma haste do qual se prendem as flores.

Mas para aquele menino de imaginação fértil, estas agaves “eram grandes soldados guerreiros com cabeça de vegetais”.

Mas o menino não se abatia. Parado em pé, de frente para aquelas criaturas fortes e temíveis, o menino agiu com a sua rica imaginação e, de imediato, transformou-se em um “bravo competente espadachim guerreiro”, que transmutou o seu cassetete de madeira em uma grande e robusta espada.

Já transformado em valente espadachim guerreiro, de imediato começou a atacar aqueles fortes soldados de cabeça de vegetal com a sua grande e robusta espada, cortando ao meio aquelas hastes das agaves, quer dizer, o corpo daqueles bravos guerreiros com cabeça de vegetal, que um a um, cortados ao meio, desabaram ao chão.

Quando se transformava naquele jovem guerreiro espadachim, o menino era imbatível, nunca perdia uma batalha, fossem eles quem fossem.

Após esta sua brava e magnífica vitória, deixando todos aqueles soldados guerreiros com os corpos partidos e tombados ao chão, transformou-se novamente em um simples menino esperto, que saiu correndo por uma trilha que entra num túnel verde, todo natural.

Este túnel, completamente coberto por folhas de árvores nativas, era o lugar predileto onde ele brincava todas as tardes.

Mas agora o menino, já se achando vencedor e sabedor dos perigos da vida, preveniu-se e saiu armado com o seu velho cassetete de madeira e, bem seguro de si, entrou no túnel.

Logo que entrou, cruzou por ele uma pequena lagartixa. Quando viu o bicho, o menino não teve dúvidas, saiu correndo atrás dela tentando esmagá-la com os pés. Ele correu alguns metros e conseguiu pisar em cima do rabo do bicho que, escapando dele, deixou o rabo para trás.

O menino aproximou-se do rabo da lagartixa e viu que ele estava se mexendo, como se ele não precisasse da lagartixa para viver, parecendo uma minhoca. Não acreditando no que estava vendo, coçou a cabeça, olhou pro dedo da mão, olhou pro rabo mexendo e, pensou: “Será que o dedo também se mexe se a gente cortar ele fora?” Sorte dele! Não demorou muito e o rabo foi parando de se mexer, ele cutucou o rabo com o cassetete e nada do rabo mexer, cutucou de novo e nada. Olhou pro dedo da mão e concluiu: “O melhor lugar do dedo é na mão mesmo!”, constatou, abrindo e fechando a palma da mão.

Contente com a descoberta seguiu em frente. Não demorou muito e uma linda borboleta azul de voar macio fez uma pirueta no ar e pousou em um arbusto, bem ao lado dele. Não resistindo a curiosidade, o menino teve que chegar mais perto, mas de repente, não deu tempo, a borboleta sentiu a presença do menino e voou rapidamente escondendo-se no mato. “Tudo bem!”, pensou o menino. “Hoje ela foi mais esperta do que eu, mas amanhã ela não me escapa, vou caçar essa borboleta e guardar dentro do meu caderno.”

Não foi preciso ele esperar o outro dia, logo em seguida a borboleta retornou e, desta vez, parecendo estar cansada de tanto voar, despencou em cima de um cocuruto alguns metros à frente do menino.

Já sabendo da borboleta esperta com que estava lidando, o menino aproximou-se, rastejando silenciosamente, como se ele fosse um soldado na guerra e, com todo o cuidado de um espião, deu um olhadela e se espantou:

— Não! — exclamou o menino. — Não é possível! A borboleta pousou em cima de um formigueiro !

As formigas aproveitaram e fizeram um belo banquete da borboleta, mas o menino, que quando saiu de casa sentia pena das formigas que eram devoradas pelo tamanduá da televisão, rapidamente mudou de time e destruiu o formigueiro a cacetadas.

— Pronto! — Vingou-se ele, olhando bem bravo. — Covardes! Mataram e devoraram a coitada da borboleta que eu ia guardar dentro do meu caderno.

Depois disso, já cansado de tanto lutar, brigar e desapontado com as formigas, o menino voltou para casa, sentindo-se indignado. Hoje ele havia aprendido que independentemente de tamanho, quando se trata de comida, nenhum animal respeita um ao outro. A coisa com eles é comer e pronto. E isso ele aprendeu vendo de perto com os seus próprios olhos.

Quando chegou em casa, a primeira coisa que fez foi relatar para o pai as experiências decepcionantes desse seu inquieto dia de hoje. Seu pai, que era um excelente professor de biologia, escutando pacientemente a narração do filho, constatou que o garoto crescera e que já estava na hora dele começar a ensinar para o menino algumas questões simples de biologia, principalmente sobre a cadeia alimentar e ecossistema. Chamou o filho na varanda da casa e calmamente começou a explicar:

— Filho! Presta bem atenção nisso que vou te ensinar — disse o pai professor, orientando. — Na cadeia alimentar, existem seres autotróficos e seres heterotróficos.

“Os autotróficos são seres capazes de produzir seu próprio alimento. Exemplo: as plantas, algumas algas e algumas bactérias.

“Os heterotróficos são seres que não são capazes de produzir o próprio alimento, ou seja, precisam procurar por seus alimentos ou caçá-los. Exemplo: todos os animais, inclusive, o homem.

“Alguns animais são herbívoros, se alimentam apenas de ervas ou vegetais. Um exemplo: a vaca. Já outros são carnívoros, se alimentam exclusivamente de carne. Um exemplo: o leão. Uma outra parte dessa cadeia alimentar é herbívora e carnívora ao mesmo tempo. Um exemplo: o homem. E também existem os decompositores, são seres microscópicos que se alimentam de matéria morta. Um exemplo: bactérias.

“Ao longo de toda essa cadeia há trocas de matéria e energia. Enfim, um tamanduá come um formigueiro e várias formigas comem uma borboleta; uma vaca come grama, um leão come uma vaca, e assim por diante. Portanto, isso que você presenciou hoje, na natureza, é o que chamamos de cadeia alimentar e à interação entre as várias

cadeias alimentares damos o nome de Teia Alimentar. Todo ser vivo precisa de energia para se movimentar e é também desses alimentos que obtemos energia. Portanto, nada adianta você ficar contrariado ou decepcionado com o que hoje assistiu, pois isso são fatos e ninguém pode mudar ou interferir neles. A cadeia alimentar é apenas uma parte do ecossistema e todos os ecossistemas estão interligados. Todos eles são importantes para garantir o equilíbrio do nosso planeta. Você tem apenas 9 anos de idade e já sabe tudo isso! Existem pessoas que com muito mais idade que você ainda não sabem nem a metade disso que você já está descobrindo hoje. Parabéns! — disse o pai repleto de orgulho daquele filho, hábil e valente, que, sentado ao seu lado, sorriu e o abraçou com todo o sentimento que um filho sente pelo pai.

Com esse abraço fraterno entre pai e filho chego ao fim dessa história.

II - ECOSSISTEMAS

O que é ecossistema?

Nas rápidas pesquisas que fiz no Google, encontrei as seguintes respostas: — Existem vários ecossistemas. Em grande escala, o maior deles é a própria biosfera, que corresponde a todos os locais do globo onde existe vida. E, em menor escala, pode até ser dentro de um pequeno reservatório de vidro autossuficiente que contenha plantas, peixes e algas.

Mas o importante disso tudo é entendermos que todos os ecossistemas estão interligados e, portanto, existe uma troca de matéria e energia entre eles.

Cada ecossistema, mesmo que pequeno ou grande, é importante para garantir o equilíbrio do nosso planeta.

O ecossistema é o nome dado a um conjunto de comunidades que vive em um determinado local e interage entre si e com o meio ambiente, constituindo um sistema estável, equilibrado e autossuficiente.

No entanto, devo salientar que, ao contrário dos demais seres vivos, o homem, parte integrante desse sistema, não se limita simplesmente a viver na natureza. Ele derruba árvores e florestas, represa e canaliza rios, constrói túneis em áreas montanhosas, enfim, ele tem a capacidade de alterar o meio ambiente.

Segundo especialistas, 90% dos crimes ambientais têm motivação financeira. Exemplo: caça de elefante e rinoceronte cujo objetivo é somente vender o marfim e o chifre.

Essa capacidade de alterar o ecossistema faz muitos homens pensarem que a humanidade é superior à natureza, e isso é um engano, pois os seres vivos homens dependem dos demais seres vivos para sobreviver.

Todo ser vivo obtém alimento, abriga-se, reproduz-se, morre e se decompõe, virando nutriente para o solo, de onde as plantas extraem os elementos minerais que necessitam para produzir seu próprio alimento através da fotossíntese.

Portanto, nenhum ser vivo está abaixo, ou acima, da natureza e sempre seremos apenas um simples elo da cadeia alimentar da biosfera.

Acrescido isso, finalizo o artigo com um breve pensamento: "como o ser humano pode pensar que não é um animal racional, se o homem pertence a um ecossistema do reino animal, ou se preferirem, são seres heterotróficos da cadeia alimentar animal."

Obras recentes do autor Fernando Luiz dos Santos Chaves.

Trilogia - Um terráqueo rumo ao planeta Htrae



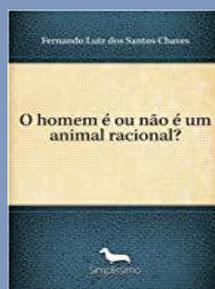
Obra publicada em 2021

A matemática da eternidade e dos encontros - (Segunda edição).



Obra publicada em 2020

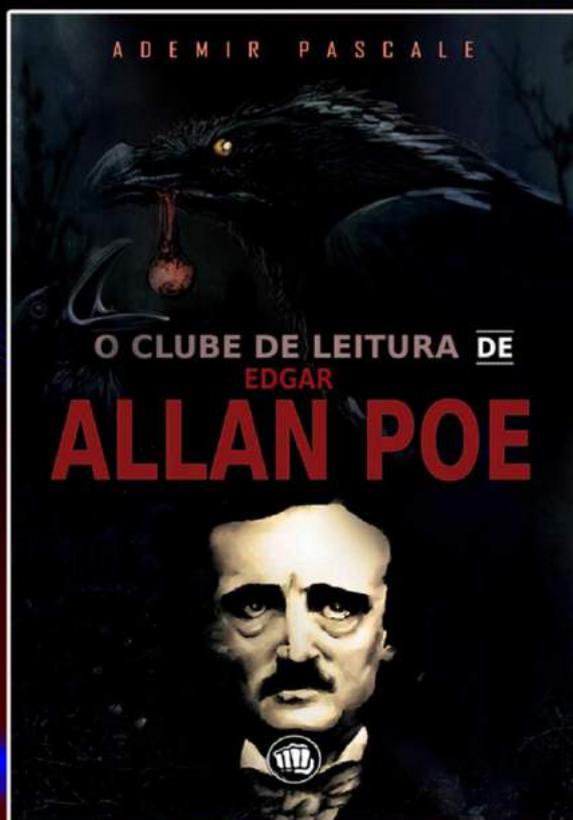
O homem é ou não é um animal racional?



Obra publicada em 2019



Sobre o autor: Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955 na cidade do Rio Grande - RS.



Situado numa sala de um antigo prédio do centro da cidade de São Paulo, o Clube de Leitura de Edgar Allan Poe, apresenta personagens intrigantes e problemáticos, iniciando pelo cofundador, um velho caolho de nome Clay, que não vê mais sentido na vida depois da morte trágica da esposa Virginia. Henrico e Marcelo, irmãos órfãos que tentam levar uma vida pacata em um sebo na garagem de casa, mas que eventos sobrenaturais assolam a vida de um deles, que é atormentado por corvos. Samanta é uma jovem gótica e solitária. Rafael, ex-vocalista da banda Nevermore, sente-se rejeitado pela rica família e vive nas ruas e noites paulistanas tentando encontrar um novo caminho. Bernardo e Kátia, casal que discute a relação entre casar ou apenas morar juntos, vivem aventuras perigosas. Mas, todos com algo em comum: a paixão que nutrem pela vida e obra do inigualável mestre do horror: Poe.

DO AUTOR ADEMIR PASCALE

POLICE LINE

PARA ADQUIRIR O LIVRO, ACESSE:

www.selojovem.com.br

ZELOSO E RECEOSO...

POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

Zeloso sou por tentar conquistar seu amor...
Avisa-me o destino...
Um gosto de saudade...
Foi aspergido...
Ungido e querido...
Assim não fico receoso...
Em não parecer horroroso...
No luminar de sua...
Aparição em meus sonhos...
Sou seu menino bobo...
Mas tenho que agir como um adulto...
Em esconder...
Cada zelo, silenciado pela minha timidez...
Sem avidez de um pouco de insensatez...
Obsessão de uma bela noite...
Algoz de minha calma...
Minha alma agora...
Clama por vós...
Noites estreladas...
Vazias de alegrias...
Quem diria...
A sua doçura...
Superou minha dureza...
Agora tu és minha alteza...
Fixada em um afresco mental...
Que insiste em não ir embora...
Talvez seja o preço...
A se pagar, por te amar...
A cada badalar...
Um novo sonhar...
Seu sorriso...
Faz-me quisto...
Esquisito zelo...
Receando em dizer que te quero...
Fazendo algum apelo...
Queria te tocar...
O que posso fazer...
É somente imaginar...
Amores platônicos...
Deixam-me, histriônico...
Uma curtida no seu olhar...
Envereda um tempo...
Ao qual estou deslocado...

Na tentativa de ser seu amado...
Escrever para entreter...
Entender para não enlouquecer...
Tudo me submete a você...
Meu zelo em silêncio...
São lágrimas de saudade...
Que suavizam a sua falta...
Em conter seu beijo...
Molhado e succulento...
Que me transporta para oportunidades...
A te mentalizar, a cada instante...
E assim, sempre recordar, que você...
Não está distante...
Continua vagando dentro de mim...
Por entre meus pensamentos...
Fazendo meus dias...
Mas esperançosos...
E zelosos...
A continuar a desenhar...
Sua face...
Perante meus quadros amorosos...
Onde tu és...
A mais delicada diva...
Que habita meus desejos mais profundos...
Como você me faz feliz...
Mesmo que inconscientemente, não saibas disso...
Talvez tu...
Não desconfie...
Que no meu porto de amor...
Você é a embarcação mais bela...
Que leva toda minha razão...
Até o ancoradouro do meu coração...
Sou receoso em não poder dizer...
O que a palavra do poeta...
Escancara silenciosamente...
Mas que emudece o escritor...
Perante sua postura arquejante...
De princesa flamejante...
Ostentando toda a minha imaginação...
Que zela...
Por te guardar no lugar...
Mais profundo de desejo...
Em almejar te abraçar...
E te ouvir...
Fazendo Cronos...
Gastar todo o nosso tempo...
Incitando Afrodite...
A continuar para sempre...
Em unir...
Nossos corpos...
Contendo paixões ardentes...
Que assim...
Não nos deixam carentes...

O receio...
De ficar ausente...
É um zelo reticente...
Pois tudo...
É frequente, a lembrar de você...
Mas eu sei...
Que quando tu esta, presente...
O compasso de minha inteligência...
É uma consciência de afeto...
Que deseja explodir...
Em correr na sua direção...
Instigando seus mais profundos sentimentos...
Sem conter nenhum arrependimento...
Apenas um pouco desprendimento...
A berrar...
No horizonte...
Que você é a fonte...
De todo o meu amar...
Zelando por te encontrar...
Em um infinito receoso...
Banhado pela insegurança em não ser...
Suficientemente carinhoso...
Para merecer...
Seu abraço...
Fico zeloso em correr...
Por emaranhados de esperança...
Encarcerados em minhas fantasias...
Que quando se materializam diante de mim...
Voltam a me fazerem, ser receoso...
Pois não quero que esse sonho acabe...
Diante a instigar constantemente...
Minha mente...
A lutar sem receio...
A zelar...
Por esse gosto linear...
De sempre te amar...

SOBRE O AUTOR

Clayton Alexandre Zocarato

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br

Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato/>

VISITE A NOSSA PÁGINA



www.leituraparahoje.com.br
Livros Cristãos e Livros Motivacionais

POR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

JESUS CRISTO É OU NÃO É O FILHO DE DEUS?



1) O que é monoteísmo?

Monoteísmo é uma doutrina religiosa que defende a existência de um único Deus.

2) Quais as religiões são monoteístas?

As três maiores religiões monoteístas são: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

3) O que é Judaísmo?

Religião judaica iniciada com a ideia do Deus único. No primeiro livro da Bíblia, o Gênesis é estabelecido como religião após a libertação do povo hebreu pelo profeta Moisés, que, designado por Deus, introduziu as leis das duas tábuas recebidas por ele na passagem do deserto no ano de 1.200 a.C., as quais o povo judeu deveria obedecer como condição de povo escolhido por Deus.

4) O que é Cristianismo?

Cristianismo é uma religião abraâmica monoteísta centrada na vida e nos ensinamentos de Jesus de Nazaré, tais como são apresentados no Novo Testamento. A fé cristã acredita essencialmente em Jesus como o Cristo, filho de Deus, Salvador e Senhor (Wikipédia).

5) O que é Islamismo?

Religião dos muçulmanos, “cultura árabe”, a qual foi iniciada após o profeta Maomé receber diretamente as palavras de Allah (Deus) “dos lábios” do Anjo Gabriel, que no ano 610 d.C., iniciou a ditar todo o Alcorão para que este fosse ofertado aos árabes e ao mundo como o livro revelado por Deus.

Propositadamente, perguntei e respondi essas questões a fim de esclarecer um assunto que diz: Deus pode tudo, porém tem uma coisa que certamente um Deus único não pode fazer: “Deus não pode mentir”.

Acontece que o livro sagrado Alcorão não está em conformidade com a Bíblia sagrada.

Afirmo isso, pelo fato das duas escrituras representarem a cristalização da palavra de Deus transmitida aos seres humanos por meio de profetas, em épocas diferentes.

O Deus trino Pai, Filho e Espírito Santo, não encontra eco no Alcorão. No Islã, a Doutrina da Trindade não é bem-vinda.

A principal diferença entre cristãos e muçulmanos é que na Bíblia consta que Jesus Cristo é reconhecido como filho de Deus, enquanto no Alcorão, Jesus Cristo é considerado um grande profeta, predecessor de Maomé, mas não é reconhecido como filho de Deus.

Se um livro informa que Jesus é o filho de Deus, e um outro diz que Jesus não é filho de Deus, e sim um grande profeta, por si só já estão provando que não existe apenas um Deus, e sim, dois deuses, ou então, que um ou outro está mentindo a respeito desse assunto.

Portanto, respeitando as religiões e os seus livros sagrados, apenas faço aqui um pequeno aparte para comentar que, no meu entender, nessa questão, filho ou não filho de Deus, o monoteísmo deixa de existir, pois havendo duas divindades, uma expressando a ideia que Jesus é filho de Deus, e a outra expondo que Jesus não é filho de Deus, e sim um grande profeta, comprova a existência de duas divindades, informando coisas contrárias sobre o mesmo assunto, sendo assim, o monoteísmo nesse caso deixa de existir para dar lugar ao politeísmo.

Como disse acima, Deus pode tudo, porém tem uma coisa que certamente um Deus não pode fazer: “Deus não pode mentir”. Mas, e os profetas e os homens, podem? Afinal, quem está mentindo?

Livros do autor Fernando Luiz dos Santos Chaves.

- Os caminhos de Luan
- O homem é ou não é um animal racional?
- A matemática da eternidade e dos encontros (1ª e 2ª edições)

Trilogia: Um terráqueo rumo ao planeta Htrae



Sobre o autor: Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955 na cidade do Rio Grande - RS.



REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**Divulgue
o seu
livro**



**PACOTE DIVULGAÇÃO
PARA AUTORES**

**POR APENAS
R\$100**

O pacote inclui entrevista com o autor(a), divulgação nas redes sociais Facebook, Twitter e Instagram e publicação na revista literária e digital Conexão Literatura

Bônus:

Você ainda ganha a publicação do release no site da revista



agilidade



público-alvo



apareça



novas ideias

DESTAQUE O SEU LIVRO

Somos especialistas em divulgação de livros e autores. Conheça o Pacote Divulgação Para Autores e veja o custo/benefício em divulgar o seu livro conosco.

SAIBA MAIS. ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Ou escreva para: ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

POR VINICIUS JALES

CRÔNICA

A BUSCA



Mas afinal, quem sou eu? Eu sou A ou eu sou B? Talvez, nem A, nem B: um clássico teorema de Schrödinger para a existência humana. Quem me dera fosse esse um problema de física... Poderia pedir ajuda, pegar uma cola, mas essa prova eu só posso responder sozinho, e o caminho dela é claro: sofrimento.

Onde minha alma habita afinal? Não sou eu quem está em uma boa casa degustando dos vinhos importados de uma reunião de docentes e não estou nos aglomerados de clubes bebendo dos drinks feitos de vodka barata das festas universitárias. Nas rotineiras trocas de conversas com meus colegas, há a dor por trás do teor jocoso de receber um “por que você está me escrevendo um TCC pelo WhatsApp?”. E para os que atingiram a glória através da escrita, minhas palavras não passam de uma boa piada para rir em um final de tarde ao brindarem suas taças.

Conforme o avanço da minha terapia, os meus preconceitos ganhavam nomes. Não só os meus, mas os de todos. Uma pequena generalização feita pelo nosso inconsciente. Tudo com objetivo de nos proteger. É o normal da mente humana. Ao olhar do outro, nada mais somos do que rótulos de refrigerantes, mas como viver sem algo para se estampar? Algo para se intitular? Sem uma medalha no peito ou uma carteira de membro de algo? É como estar sendo vendido em uma loja virtual, sem nome, sem foto, sem preço...

Àquele que não possui nada para se agarrar, apenas lhe resta viver às margens, e eu vivo na margem das margens da sociedade, enfrentando um vazio oceânico, que apenas um naufrago que não vê gaivotas voando por perto sentiria.

Pergunto-me qual foi o momento em que eu me separei da matilha, a matilha dos lobos de 2001. Em que ponto da minha existência me distanciei tanto da minha espécie que hoje me parece um caso que apenas Darwin conseguiria explicar. Onde foi que o parentesco acabou? Em qual ponto da trajetória, a brisa soprou em direções tão distintas que nossos barcos finalizaram suas viagens em cantos tão diferentes?

Se há uma resposta para todos esses questionamentos, já me cansei de buscá-la. Vá para o inferno a lógica humana! Ela que venha até mim, me pedindo desculpas pelos anos que sua ausência me fez sofrer! Como queria poder deitar-me e conformar-me sobre essas frases... Mas não sou mais criança, sei que parado não chegarei a lugar algum. Cabe agora, neste quarto mal iluminado, recolher os pedaços daquilo que já foi um homem, remontá-lo e continuar a dolorosa busca.

E é nessa casca rachada de um homem que eu vou vagando, e na espreita de cada grupo humano, tentando escutar, sem que me notem, para em um pingo de esperança, ver se eles falam a minha língua. Claramente não a falam. A cada estocada de frustração das derrotas diárias, retorna o pensamento que deixaria até o mais sábio dos homens de joelhos diante de tamanha impotência: o mundo continua, e não é de mim ele precisa.

Desistir não está nos meus planos: continuarei a caminhar e quando me faltarem energias, seguirei rastejando, até que se um dia tudo der errado minha alma esvairá, como a água que evapora ao ser aquecida, e desaparecerá pelo ar como se nunca houvesse passado pela terra, ou se algum dia eu tiver sorte e a luz do sol bater pela primeira vez na pele do homem sufocado pelo subsolo, talvez isso dê um sentido a toda essa busca.

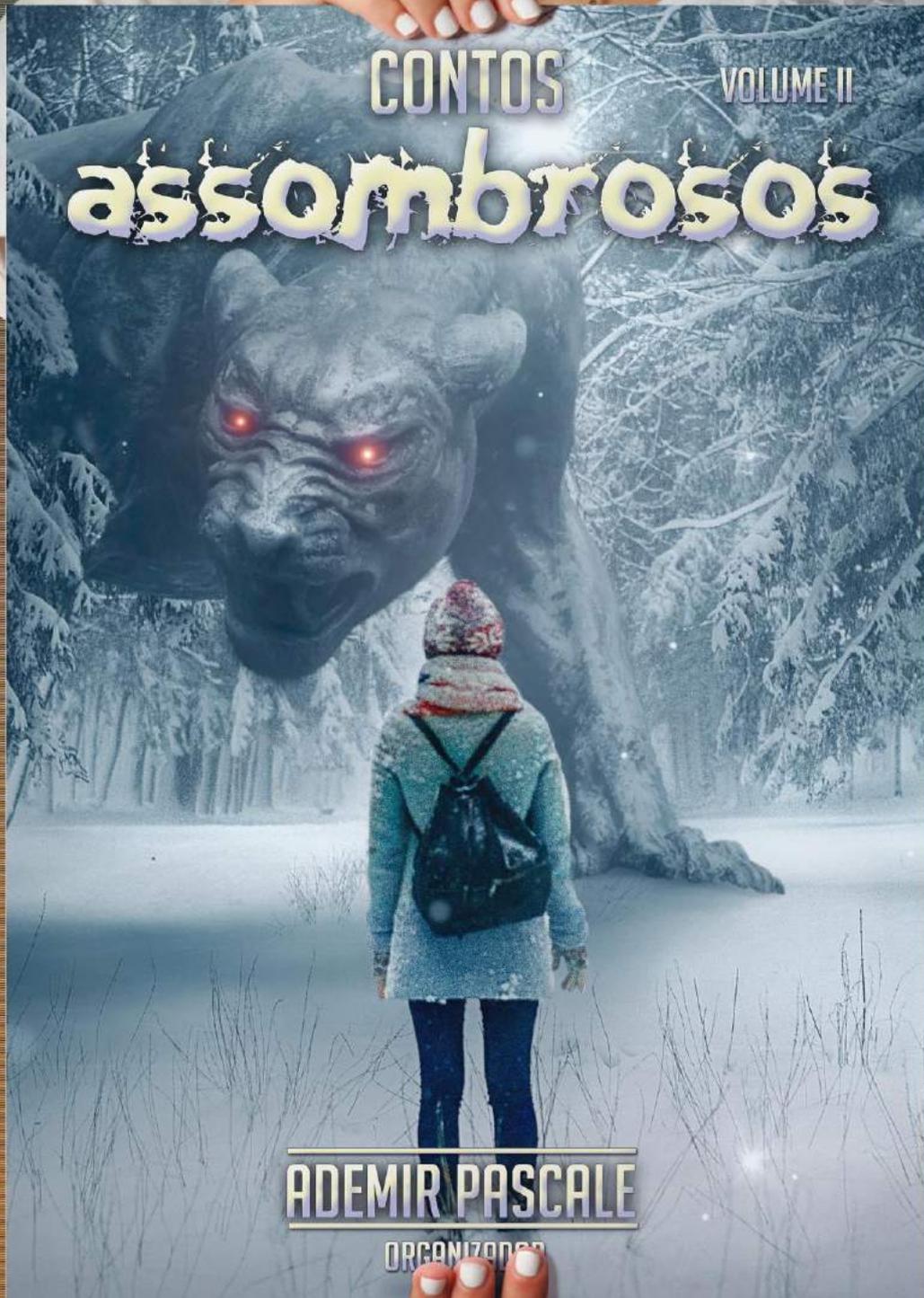


SOBRE O AUTOR VINICIUS JALES

Nasci em Santos no litoral de São Paulo em 2001, realizo graduação em Psicologia, área na qual me debruço com amor na tentativa de responder meus próprios questionamentos internos e um dia poder ajudar pessoas com suas próprias questões. A escrita foi a descoberta de um refúgio e a tentativa de nominar o inominável, uma forma de esvaziar a inevitável dor humana e plantar uma flor nos escombros dos dias que nos vemos devastados.

BAIXE O E-BOOK
GRATUITAMENTE

CLIQUE AQUI



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

DAFHNE BROWN

POR ADEMIR PASCALE



Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Dafhne Brown: O início foi no ano de 2018. Trabalhei no serviço público até o final de 2016. Então, depois desse ano, 2017, aposentou-se e sentiu tédio, pois seu marido ainda trabalhava à época, ou seja, ele saía cedo e voltava tarde. Assim, durante o dia ficava sozinha e sem nenhuma atividade mental para fazer. Ela pretendia, um dia, escrever um livro, até tentou, num feriado longo, mas desistiu, pois sofria de LER (síndrome de esforço repetitivo), isto é, tinha problemas nas mãos e dedos, pois durante seu expediente ficava com um computador em frente a ela e digitando por muitas horas. À guisa de esclarecimento, quando tentou escrever seu primeiro livro o computador residencial apresentou um problema e perdeu tudo que tinha escrito. Desistiu.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "A morte da alma" (Drago Editorial). Poderia comentar?

Dafhne Brown: Então, em meados de 2018, resolveu escrever um livro. Trabalhou nele por uns dois meses, só que em determinado tempo sua inspiração foi embora. Deu uma parada, fazendo outras atividades como, por exemplo, arranjos florais e pintura. Então, em meados do ano de 2019 retornou. A narrativa fluíu como um rio correndo pelas pedras. Terminou sua obra mais ou menos em outubro do mesmo ano. Depois, começou a pesquisar editoras, deparando-se com a Drago Editorial. Gostou da proposta que era apresentada. Assim, tornaram-se parceiros, ela como escritora e a Editora Drago, como editora.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Dafhne Brown: Quando resolveu escrever o livro, já tinha em mente o tipo de obra que iria fazer, ou seja, um romance policial, seu gênero preferido de leitura e filme. Portanto, de início, imaginou os principais personagens, e à medida que foi escrevendo, criando

outros. Inclusive, mudou o desfecho final. Todas as suas pesquisas foram feitas no Google, tais como a linha de interrogatório, já que a obra se trata de um romance policial, e em que ano surgiram o computador e a Internet no Brasil, pois a história começa em 1972, prólogo, após avança para o ano de 1984. O tempo que levou para concluir o livro foi em torno de um ano, pois parou, como dito acima, entre um ano e outro, isto é, 2018/2019.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Dafne Brown: “Sentia-me como um ser morto, por dentro, embora vivo por fora. ...Achava-me sem vida, um cadáver ambulante, o meu mundo desabara, Nada mais importava.”

Desse texto, esclarece a autora, veio a inspiração para o título do livro, A Morte da Alma, que algumas pessoas, que já o leram, estranham, pois trata-se de uma história policial e não uma obra de reflexão ou até uma discussão religiosa sobre a alma..

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Dafne Brown: O livro está à venda nas seguintes plataformas: Amazon, Editora Drago, Lojas Americanas, Mazagine Luiza, Mercado Livre, Extra, Shoptime e Submarino.

Suas redes sociais são: Facebook e Instagram - dafne.brown

Youtube - Dafne Brown

Twitter -@DafneBrown

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Dafne Brown: A autora confirma que já escreveu um livro infantil. Uma guinada no seu gênero literário, de história policial para infantil. Ela informa que provavelmente só sairá no ano que vem, pois ainda está em fase de registro nos Direitos Autorais.

Perguntas rápidas:

Um livro: a trilogia Millenium, de Stieg Larsson.

Um (a) autor (a): Agatha Christie.

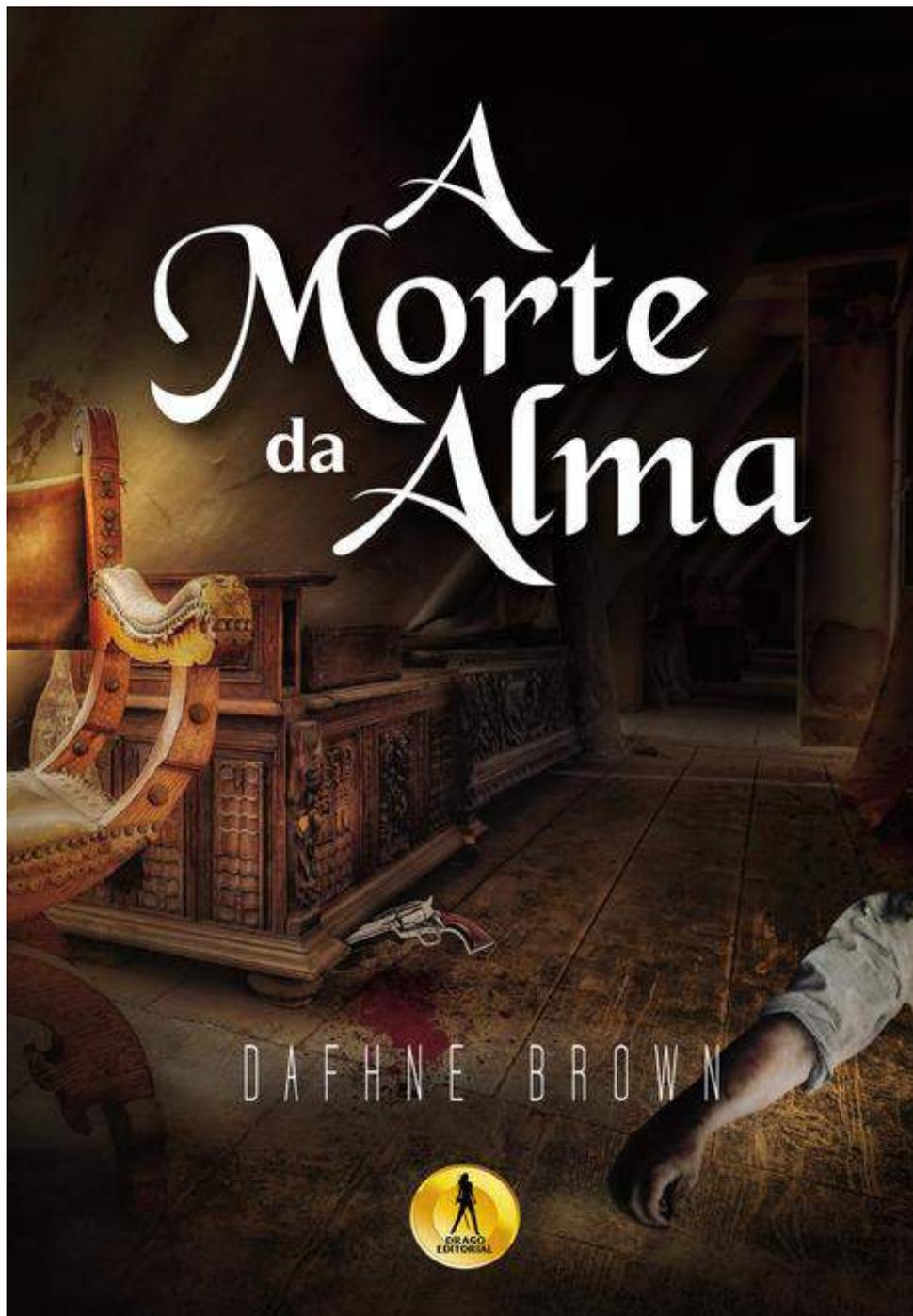
Um ator ou atriz: Bruna Marquezine.

Um filme: os quatro filmes da trilogia Crepúsculo, de Stephenie Meyer.

Um dia especial: dois dias, na verdade, quando nasceram suas duas filhas, flores do seu jardim, que Deus resolveu levar para adornar o seu parque na espiritualidade.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Dafne Brown: A autora agradece à Conexão Literatura e à Editora Drago por incentivarem os autores nacionais a mostrar suas obras. Ressalta também que o seu livro é adequado, exceção aos leitores mirins, a todas as idades.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA

GISELE CARMONA

POR ADEMIR PASCALE



Gisele nasceu em 1983 na cidade de São Paulo e desde muito nova é apaixonada pela literatura. Começou a escrever quando tinha 15 anos e esse hábito a ajudou a se livrar do que poderia ter se tornado uma depressão.

Quando passou a entregar seus monstros e criaturas fantásticas aos livros, eles passaram a fazer parte de sua rotina diária e, principalmente, de seu amor por escrever. Atualmente, após o nascimento e diagnóstico de seu filho para autismo, além de romances de ficção, também passou a produzir livros ilustrados para o universo infantil.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Gisele Carmona: Foi cheio de altos e baixos. Escrevi meu primeiro livro, *Nas Trevas e na Luz*, quando tinha 15 anos. No entanto, era nova e as pessoas acabaram me desacreditando sobre a possibilidade de viver de escrever. Engavetei a minha ideia. Continue escrevendo apenas por amor mesmo, mas sem muita expectativa. Até que tomei coragem, isso já com 30 anos, de colocar a cara a tapa nesse universo de autores. Por total falta de conhecimento, acabei entrando em algumas furadas que atrasaram ainda mais a minha caminhada. Desde 2019 estou encarando a produção independente.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "*Suey*". Poderia comentar?

Gisele Carmona: Claro. *Suey* é um romance que conta a história de uma bruxa aprisionada em um feitiço por muito tempo, acabando por se tornar uma lenda de família. Quando ela finalmente está livre, descobre que nada mais que conhecia está a sua volta, no entanto, os inimigos ainda estão à espreita. É sobre entender todos os lados de uma história antes de concluir algum fato.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Gisele Carmona: Esse livro levou algo em torno de um ano para ficar pronto e estava engavetado desde 2005 - pois é, eu disse que continuei escrevendo mesmo sem publicar. Depois de tanto tempo finalmente ele está disponível para a leitura de todos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Gisele Carmona: Sinceramente eu gosto do momento em que ela desperta e percebe que tudo mudou. Pior do que ser morta, é ficar um tempo fora do ar e, quando volta, não encontrar mais nenhum lugar que você possa chamar de lar ou pessoas em quem confiar.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Gisele Carmona: Suey tem data de lançamento marcada para o dia 13 de setembro, mas já está disponível para pré-venda na Amazon (versão e-book). Para adquirir basta acessar o link : <https://www.amazon.com.br/dp/B09DN8TSDT>

Após essa data, a versão física também estará disponível para compra diretamente no Clube de Autores: <https://clubedeautores.com.br/>

Caso queira acompanhar outros lançamentos e trabalhos é só me seguir nas redes sociais.

Instagram: https://www.instagram.com/gisele_carmona.escritora/

Facebook: <https://www.facebook.com/giselecarmonaescritora>

Twitter: <https://twitter.com/giselecarmona>

Ah, também tem o site: <https://escritoragiselecarmona.com.br/>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Gisele Carmona: Sim, existem. Estou finalizando mais um livro infantil que pretendo colocar em financiamento coletivo antes do final desse ano e tenho mais um romance em andamento, mas esse é mais para o ano que vem mesmo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Insônia - Stephen King

Um (a) autor (a): Stephen King e André Vianco

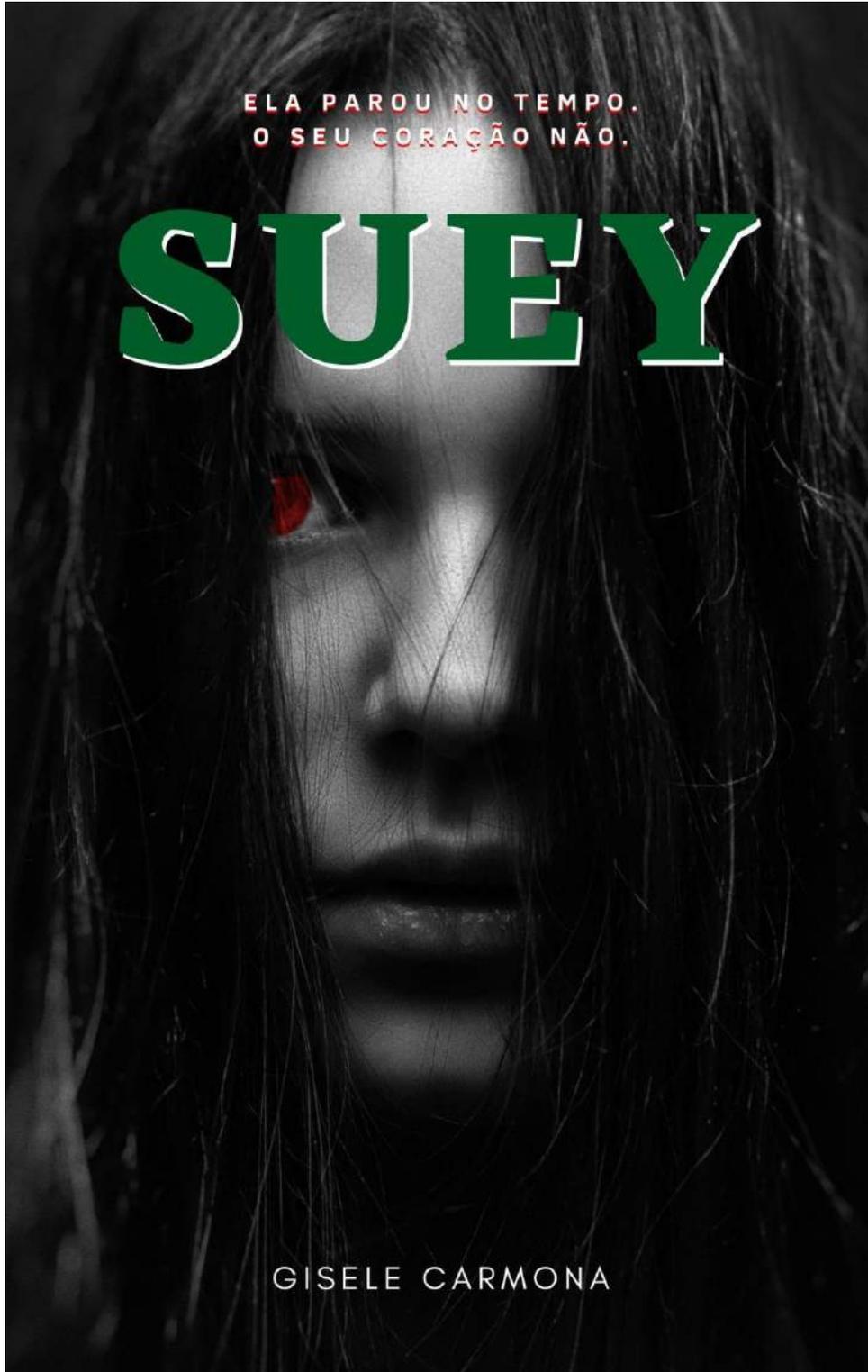
Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: O poço

Um dia especial: o dia do nascimento do meu filho

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Gisele Carmona: Agradeço esse espaço por me permitir contar um pouco mais sobre o meu trabalho e esse tipo de iniciativa que ajuda autores independentes a encontrar seu espaço ao sol.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR

JARIO MELO

POR ADEMIR PASCALE



Nasceu na cidade de Piaçabuçu, Estado de Alagoas, região Nordeste do Brasil, no dia 17 de novembro de 1966. Em 1985, aos 18 anos de idade, ingressou como soldado da Polícia Militar de Alagoas (PMAL). Serviu em várias unidades e lá permaneceu até o ano de 1993, ano em que a unidade do Corpo de Bombeiros se desmembrou da PMAL. Escolhendo servir ao Corpo de Bombeiros Militar de Alagoas (CBMAL), lá concluiu a carreira e passou para a reserva como oficial. Autodidata, é um entusiasta da tecnologia da informação, desenvolvedor de *software* e dedicado a assuntos bíblicos. Em 2020 iniciou no mundo literário com a publicação do livro *O Aquário de Deus – A verdade que esconderam de nós*.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Jario Melo: Tudo começou após uma pesquisa que fiz em 2017 sobre a Terra Plana. O conhecimento que adquiri nessa investigação, de difícil aceitação por maioria da humanidade, que de certa forma compreendo, pareceu-me incontestável compartilhar, mesmo sabendo da árdua tarefa de torná-lo conhecido.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Lua Translúcida". Poderia comentar?

Jario Melo: Esse livro vem da necessidade que senti de fazer uma publicação exclusiva sobre a Lua para expor todo o conteúdo que precisei suprimir do livro anterior. Esta obra contempla todo o conteúdo do capítulo 2 do livro *Aquário de Deus*, novas imagens e contraprovas das figuras. Em hipótese alguma tenho a intenção de esgotar este assunto tão extenso, emocionante e repleto de interrogações. Registrei as características da Lua em fotografias com imagens de alta qualidade, exibindo impressionantes detalhes ocultos ao olho humano, que, garanto, minimamente expandirá o seu conhecimento a respeito dessa luminária. Em *Lua Translúcida* desvendo as supostas crateras, mares e a famosa sombra da Terra projetada na Lua.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Jario Melo: A criação parte de dúvidas, de interrogações que permeiam meus pensamentos quando as explicações que são apresentadas sobre determinado fato, não satisfazem ou contrariam a observação. Essas perguntas inspiram a busca por evidências que esclareçam ou tragam luz sobre a questão. Para esse fim, faço pesquisas em sites que abordam ou se relacionam com o tema, leio livros, artigos, faço minhas fotografias, experimentos, compartilho ideias com outras pessoas etc.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Jario Melo: Acredito que o capítulo 4 é muito intrigante. Nessa parte, por meio de fotografias, apresento duas características extraordinárias da Lua: translucidez e permeabilidade. As imagens são esclarecedoras.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jario Melo: O livro está disponível no site da PoD Editora em dois tipos de impressão, conforme quadro abaixo.

Impressão Padrão	Impressão Luxo
https://podeditora.com.br/produto/lua-translucida-edicao-de-padrao-papel-offset-90g/ .	https://podeditora.com.br/produto/lua-translucida/

Contato com o autor:

E-mail: jmsantos30817@gmail.com

Telefone: (82) 99361-7104.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Jario Melo: Também sou principiante e tenho pouca experiência. Para mim, acima de tudo, o segredo da vitória é a fé em Deus, depois ser persistente, encarar cada obstáculo como um desafio a ser superado, trabalhar com planejamento e disposição para alcançar o objetivo desejado.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jario Melo: No momento estou avaliando a possibilidade de outra obra, mas ainda está no campo das ideias.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Bíblia

Um ator ou atriz: Não tenho

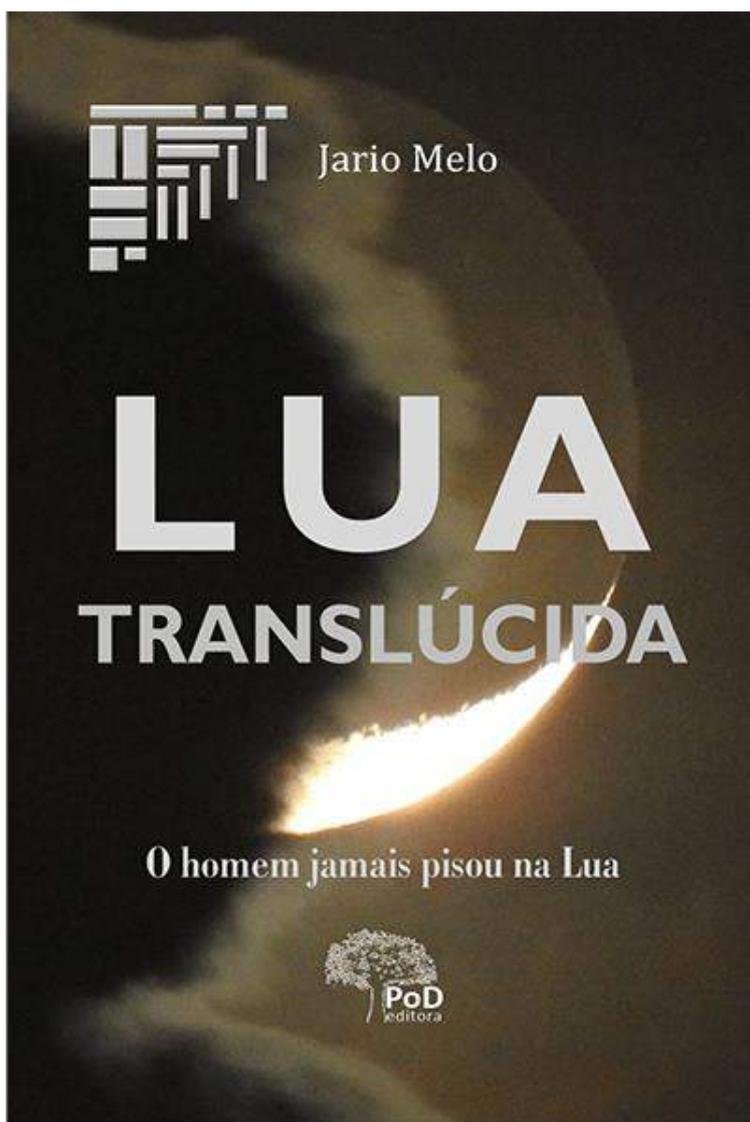
Um filme: O Pianista

Um hobby: Pintura em tela

Um dia especial: Meu nascimento

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Jario Melo: Não sou contra a ciência, mas discordo da proibição de questionar. Os fatos não podem ser sobrepujados pelas narrativas e/ou ideologias. O ser humano tem sido manipulado em seu conhecimento e conseqüentemente na forma de pensar. A verdadeira ciência questiona, investiga, analisa e se pauta em fatos e/ou evidências, não em preferências.



REVISTA

CONEXÃO LITERATURA

conectando autores e leitores desde 2015

Divulgamos o seu livro

1

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira rápida e eficaz: seus leitores.

2

São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacar o seu livro e facilitar a sua vida.

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES POR R\$100

GARANTA JÁ

A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro conosco.

DIVULGUE PARA

+ de 192 mil leitores



ACESSE O NOSSO SITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

E-mail: ademirpascale@gmail.com



ENTREVISTA COM O ESCRITOR JOSÉ ALBERTO NEMER

POR ADEMIR PASCALE



José Alberto Nemer é artista plástico e doutor em Artes Plásticas pela Universidade de Paris. Pertencente à geração de “desenhistas mineiros” que se afirmou no cenário da Arte Brasileira na década de 1970, seu trabalho é denso e diversificado. Seu foco principal é o processo de criação, onde quer que ele se manifeste. Além de sua pintura, Nemer realiza curadorias temáticas, design e docência. Além do “Almanaque”, é autor ainda de “A Mão Devota; santinhos populares das Minas Gerais nos séculos 18 e 19” (Bem-Te-Vi, 2008). Ministrou em universidades brasileiras e estrangeiras, como a Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG e a Universidade de Paris III / Sorbonne.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José Alberto Nemer: Meu processo de criação é inquieto. Basicamente me dedico às Artes Plásticas, pintando. Entretanto, navego por outras linguagens como reflexões escritas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Almanaque Insólito: visões inusitadas no cotidiano brasileiro". Poderia comentar?

José Alberto Nemer: O “Almanaque” surgiu ao longo de quatro décadas, quando fui documentando fotograficamente, ao longo desse tempo, situações inusitadas no cotidiano brasileiro.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

José Alberto Nemer: Como disse, a documentação fotográfica que originou o livro foi feita ao longo de 40 anos. Fui colecionando as imagens e, num certo momento, resolvi reuni-las em um livro. O designer Gustavo Piqueira se encarregou de fazer a criação gráfica e a Martins Fontes de editar o livro.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

José Alberto Nemer: Há vários capítulos reagrupados no livro, cada um tem seu interesse.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José Alberto Nemer: O livro está disponível nas livrarias ou pela internet clicando a WMF Martins Fontes.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José Alberto Nemer: Por enquanto, não. Neste momento, me dedico inteiramente às minhas exposições itinerantes por São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte.

Perguntas rápidas:

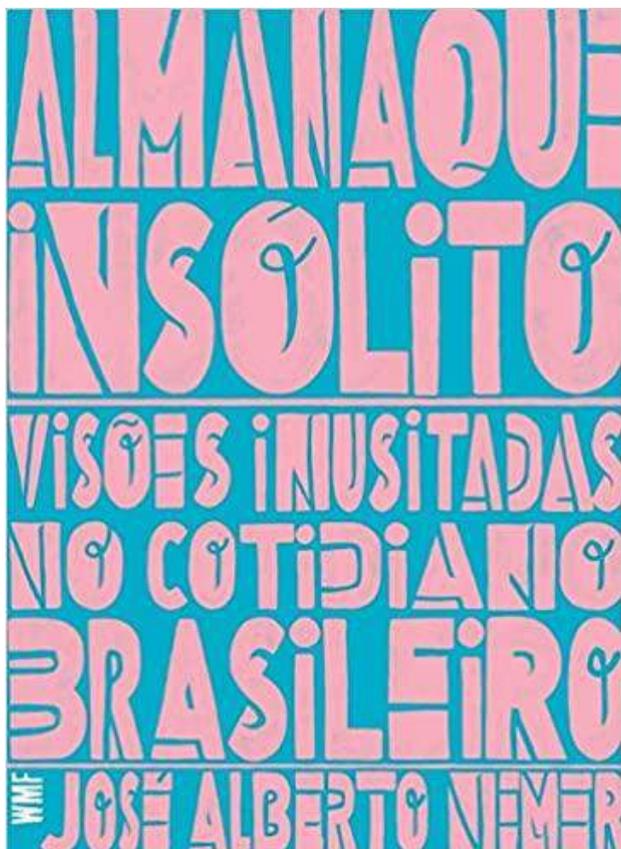
Um livro: A Negação da Morte, Ernest Becker

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Rocco e seus irmãos

Um dia especial: Todos



Cinza no Céu



**HORROR
FANTASIA
NOSTALGIA
FICÇÃO CIENTÍFICA**

Roberto Schima

CINZA NO CÉU

NOVO LIVRO DE
ROBERTO SCHIMA

SINOPSE:

A EXEMPLO DA MINHA COLETÂNEA ANTERIOR, "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" REÚNE HISTÓRIAS QUE FORAM PUBLICADAS NA REVISTA DIGITAL "CONEXÃO LITERATURA", EDITADA POR ADEMIR PASCALE. DESTA FEITA, A PARTIR DO Nº 49 DA PUBLICAÇÃO. OS CONTOS AQUI REUNIDOS ABRANGEM FANTASIA, HORROR, FICÇÃO CIENTÍFICA, NOSTALGIA. TAMBÉM INCLUI ALGUMAS CRÔNICAS, POESIAS E MÁXIMAS/REFLEXÕES. SE ESTÃO DISPONÍVEIS NAS VÁRIAS EDIÇÕES DA REVISTA CUJO DOWNLOAD É GRATUITO, MINHA MOTIVAÇÃO PARA O LANÇAMENTO EM LIVRO É IGUALMENTE PELO DESEJO DE NÃO SOMENTE VER AS HISTÓRIAS REUNIDAS EM LIVRO, MAS TAMBÉM PODER MANUSEÁ-LO, FOLHEÁ-LO, GUARDAR NA ESTANTE. ADEMAIS, COMO JÁ ME REFERI CERTA VEZ AO EXEMPLIFICAR A QUESTÃO DO E-BOOK E DO LIVRO FÍSICO, AMBOS SÃO CO MO UMA PESSOA QUERIDA, ENTREMENTES, NO PRIMEIRO CASO A GENTE VÊ ESSA PESSOA PELA INTERNET, ENQUANTO QUE, NO SEGUNDO, PODEMOS ABRAÇÁ-LA. E TOCAR UM LIVRO QUE A GENTE ESCREVEU É COMO ABRAÇAR O PRÓPRIO SONHO. "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO" E, AGORA, "CINZA NO CÉU" SÃO RETALHOS DE MUNDOS DIVERSOS QUE PREENCHERAM MINHA MENTE, NOS QUAIS MERGULHEI, ME PERDI, ME ACHEI, POR VEZES COM RELUTÂNCIA EM VOLTAR. PARA MIM, ELES EXISTEM DE VERDADE. ESTOU NELES. ESTÃO EM MIM. E SÃO AQUILO QUE DEIXAREI PARA TRÁS.



Para saber mais ou adquirir:

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua2785/> e <https://clubedeautores.com.br/livro/cinza-no-ceu>

ENTREVISTA COM O ESCRITOR

JOSÉ MARTINO

POR ADEMIR PASCALE



José Martino nasceu na cidade de São Paulo em 1968. Formado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), escreveu cerca de quinze livros entre romance, conto, poesia, biografia e historiografia. Já foi premiado em diversos concursos literários por todo o Brasil, destacando-se o “Prêmio Manaus de Literatura” na categoria romance em 2007. Mora na cidade de Atibaia / SP e integra o Coletivo Quatati. Acabou de lançar seu último romance, “O Priorado de Salomão”.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

José Martino: Ao contrário da maioria dos escritores que conheço, não comecei escrevendo poesia, mas contos. Há uns trinta anos, entrei pela primeira vez em um concurso literário, realizado no Paraná. Tratava-se de um concurso de nível nacional e, para minha surpresa, o meu conto acabou ficando em primeiro lugar. Isto foi um grande incentivo para mim, vencer um concurso logo em minha “estrela” literária. Por essa época, eu editava um fanzine de literatura chamado Arlequinal, que enviava a diversos escritores e poetas em todo o Brasil. Era o início dos anos 90, época em que também comecei a escrever meu primeiro romance. Como eu estava apenas acostumado a escrever contos e não conhecia muito bem a técnica específica do romance, levei oito anos para concluir uma obra de apenas 150 páginas. Contudo, foi um excelente aprendizado. Meu segundo romance, com mais de 300 páginas, foi escrito em pouco mais de um ano, pois eu já conhecia melhor o caminho a ser trilhado. Depois deste, escrevi um romance histórico, “A Noite Negra”, que demandou imensa pesquisa a respeito das invasões que a cidade do Rio de Janeiro sofreu nos anos de 1710 e 1711 por piratas franceses. Todo o esforço valeu a pena, pois o romance foi o vencedor do Prêmio Manaus de Literatura em 2007, tendo sido publicado pela prefeitura daquela cidade em uma belíssima edição de mil exemplares. Para escrever “O Priorado de Salomão”, meu último romance, também tive que fazer uma grande pesquisa e só cheguei ao texto final após quinze anos de trabalho.

Conexão Literatura: Você citou o seu último livro "O Priorado de Salomão". Poderia comentar?

José Martino: Trata-se de um thriller empolgante, repleto de aventuras, mistérios e enigmas, além de reviravoltas imprevisíveis e surpreendentes. Michael, o personagem principal, é um jovem postulante no convento de Santa Maria delle Grazie em Milão e, casualmente, descobriu em seus subsolos a antiga biblioteca secreta dos cavaleiros templários. Através de três livros ali encontrados - Segredos Ocultos da Igreja, o Evangelho de José de Arimateia e o Diário de Jacques de Molay - ele tomou conhecimento de segredos terríveis, que podem mudar a face do mundo. Quando vai revelá-los a seu amigo e conselheiro, frei Abelardo, este é encontrado misteriosamente assassinado em sua cela. Acusado pelo crime, o jovem foge do convento para não ser preso e acaba se envolvendo numa perseguição cinematográfica. Misturando profecias de Nostradamus à Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo, previsões apocalípticas, Arca da Aliança e fraternidades extremamente secretas, tenho certeza de que este livro encantará todos os leitores que amam romances de aventuras na linha de O Código da Vinci de Dan Brown.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

José Martino: Cada escritor possui uma maneira própria para escrever. Há aqueles que o fazem de um só fôlego, como se alguém lhes ditasse no ouvido as frases já prontas. Depois que põem as ideias no papel, quase mais nenhum trabalho eles têm, pois praticamente não há o que se corrigir. Neste grupo, encontram-se os gênios como Pascal, que compunha tudo dentro de sua cabeça e, graças à sua memória excepcional, somente se dispunha a escrever quando o texto já estava acabado no interior do cérebro. Infelizmente, pouquíssimos escritores podem se dar ao luxo de usar tal método. A grande maioria dos mortais, porém, costuma sofrer bastante durante a confecção de um texto artístico, principalmente se quem escreve possui um elevado senso crítico. Eternamente insatisfeitos com os próprios escritos, estes escritores passam a vida se torturando em busca da frase perfeita, do vocábulo preciso. É o meu caso. Gasto horas, às vezes dias, para escrever uma única página.

Você falou em inspiração. Houve um tempo em que os poetas pediam às musas para elas cantarem, se tivesse necessidade de redigir qualquer coisa. A musa cantava e o poeta escrevia como se estivesse encantado, servindo apenas como intermediário nesse processo, feito um médium moderno. Hoje, já não se acredita mais em musas, mas se acredita em inspiração. Quando não nos sentimos inspirados, há duas coisas que podemos fazer: desligar o computador ou insistir em escrever. Acredito que essa seja a melhor maneira para fazer vir a inspiração. Ao me sentar para começar a criação de um novo conto ou poema, num ambiente reservado e sempre com a porta fechada (segundo Stephen King, todo escritor precisa de um ambiente privado e com a porta fechada para escrever), abro uma página do Word e é muito comum eu permanecer fitando a tela em branco durante algum tempo sem ter nenhuma ideia. Parece que o computador também está olhando para mim e dizendo: “Vamos logo!”. “Começa você”, respondo. “Não,

começa você”, ele insiste”. E ficamos nesse impasse sem conseguir escrever nada. No início, é natural sentirmos certa dificuldade no ato da escritura, a frase parece que não flui como deveria e somente quando nos aquecemos é que o processo da escrita tende a se tornar mais fácil.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

José Martino: Há inúmeras passagens que eu poderia citar do livro. Gosto, especialmente, desta parte que descrevo a maldição que Jacques de Molay lançou sobre o rei Felipe IV, o Belo, o papa Clemente V e o ministro Guilherme de Nogaret, quando estes o observavam ser queimado numa fogueira em praça pública. Trata-se de um episódio que aconteceu de fato e que procurei dar um toque literário:

“O rei ordenou que a fogueira fosse acesa. Então, enquanto Jacques de Molay estava sendo consumido pelas chamas, em meio a gritos lancinantes de dor, ainda conseguiu proferir suas últimas palavras, terríveis ameaças ao ministro, ao rei e ao papa.

- Vós, ministro diabólico e libertino, em vez de tecer intrigas na corte, difamando a dignidade de uma Ordem que sempre pautou sua existência em defesa da fé cristã, deveríeis saber melhor aconselhar vosso rei, pois para isto fostes alçado ao cargo que ocupais. Vós, papa de Satanás, subserviente e corrupto, deveríeis zelar por vosso rebanho, procurando encaminhar a alma dos fiéis para a glória celeste e não prostituir o trono de São Pedro, dobrando-vos a interesses mesquinhos, como fizestes durante todo o vosso pontificado. E vós, rei ganancioso, traiçoeiro, desleal e hipócrita, que trazeis no peito um ninho de víboras em vez de um coração humano, deveríeis dedicar-vos ao bem-estar do povo e não apenas ao vosso real umbigo. Lembrai-vos que sois lama e nada levareis desta terra onde marcastes a planta de vossos pés. Pois quem tiver ouvidos, ouça: ainda este ano, todos vós estareis mortos e vos intimo a comparecer diante do tribunal de Deus para responder por vossos crimes!

Após Jacques de Molay ter amaldiçoado os três, uma balbúrdia tomou conta da praça, pois muita gente falava e berrava ao mesmo tempo. Felipe IV, apoplético, com os olhos cuspidos chamas, mandou que acrescentassem palha molhada à fogueira, para que a fumaça sufocasse imediatamente as palavras do odioso templário. Aos poucos, as pessoas tornaram outra vez a fazer um silêncio respeitoso, bastante consternadas, como se tivessem tomado consciência da selvageria atroz que atos como aqueles representavam. Era possível ouvir apenas o murmúrio das labaredas e a gargalhada execranda, demoníaca, depravada, do depravado ministro, do demoníaco papa e do execrando monarca. Suas risadas pareciam ecoar pela ilha inteira, como um réquiem funesto e perverso. Porém, enquanto saboreavam sua vingança, a multidão que presenciava aquele espetáculo hediondo passou a se pôr de joelhos, ao constatar que o corpo de Jacques de Molay havia se incendiado, mas as suas vestes não queimavam! O rei, o ministro e o papa entreolharam-se cheios de horror, pois jamais tinham visto uma coisa daquelas. Clemente V fez uma prece pela alma do velho templário, envergonhado.

- Este homem era, na verdade, inocente...

Cerca de um mês após a morte do último grão-mestre do Templo, o papa morreu subitamente. Antes de terminar aquele fatídico ano de 1314, seguiram-no para o túmulo Guilherme de Nogaret e o próprio rei da França, Felipe IV, dito o Belo, que faleceu em virtude de um acidente a cavalo, enquanto caçava, após seu cavalo ter empinado, esquivando-se misteriosamente de algo que ninguém nunca soube explicar o que era. Estava terminado. A maldição de Jacques de Molay cumprira-se exatamente como ele previra.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

José Martino: O livro está sendo vendido no Mercado Livre. Basta digitar na busca “O Priorado de Salomão”, que envio autografado para quem quiser. As pessoas também podem entrar em contato diretamente comigo pelo meu Facebook.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

José Martino: Ter paciência e perseverança. Inúmeros escritores me dizem que escrevem como falam, pondo em prática aquela velha tese pregada, entre outros, por Miguel de Unamuno. Pois não venham reclamar depois que as pessoas não dão o devido valor a seu trabalho. É óbvio que quem procede dessa maneira acaba trazendo para a língua escrita todos os detritos típicos da modalidade oral da língua. E muitos daqueles que seguem o exemplo do ex-reitor da Universidade de Salamanca não o fazem apenas porque se identificam com o pensamento do mestre espanhol, mas simplesmente porque não possuem o espírito paciente e perseverante que o gênio artístico exige. Querem fazer tudo para ontem, apressadamente, como se a obra de arte fosse latrina de rodoviária, cuja existência estriba-se na urgência e na desocupação rápida. O texto mal escrito, mal meditado e mal corrigido parece que lhes queima os próprios dedos. Esquecidos do conselho de Guimarães Rosa, que dizia para o artista construir pirâmides e não fazer bolinhos, eles preferem comer o bolinho frio do dia ao enorme trabalho de erguer uma obra consistente e duradoura. Segundo Théophile Gauthier, “somente a arte robusta goza da eternidade”. Veja que mais nada restou da grande Grécia além de poucas ruínas. Mas suas obras literárias aí estão, resistentes como bronze. É difícil para um americano entender que seus imensos arranha-céus viverão menos do que Edgar Allan Poe.

Muitas vezes, toda essa afobação provém do fato de possuir o autor um ego maior do que o próprio talento. Pessoas há que escrevem e posam de escritores apenas para alimentar a própria vaidade doentia, buscando um conforto duvidoso em elogios vazios e, na maioria das vezes, falsos. Mal põem ponto final num texto e já o atiram na cara dos amigos, famintos para receber algumas migalhas de aprovação e louvor. Não são escritores, mas mendigos da pena, que buscam angariar simplesmente o troco reles da glória miúda.

É próprio dos apressados deixar as coisas inacabadas. Se o escritor abandona seu texto após o primeiro esboço, ele terá grande chance de parir um aleijão. Escrever é como construir uma casa. Você pode até morar nela logo após levantar as paredes e concluir o telhado. Mas todos sabem que a casa não está pronta. É necessário fazer o acabamento, revestir as paredes, assentar o piso, pintar os muros para que a sua aparência se torne

mais agradável. O mesmo ocorre com um texto literário. Dá-los ao público sem maior meditação, corresponde a habitar uma casa inacabada.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

José Martino: Sim, tenho inúmeros projetos, mas não gosto de adiantar nada. Meu objetivo agora é divulgar “O Priorado de Salomão”. Quem quiser conhecer um pouco mais dos meus outros trabalhos, também pode visitar meu site oficial no link abaixo.

Perguntas rápidas:

Um livro: Cem anos de solidão

Um ator ou atriz: Morgan Freeman

Um filme: O Poderoso Chefão

Um hobby: Colecionar livros antigos

Um dia especial: Um Natal da minha infância. Quando acordei, havia debaixo da árvore uma caixa de papelão. Ao abri-la, estava repleta de livros usados, muitos bem velhinhos, comprados em sebo. Aquilo foi extraordinário e abriu um mundo imenso para mim, menino de dez anos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

José Martino: Gostaria de dizer que meu livro “O Priorado de Salomão” ficou muito bonito, impresso no formato 16cm x 23cm, em papel pólen e possui 464 páginas. Também acompanha um card especial para marcação dos enigmas. Quem quiser, pode assistir a um Book Trailer no link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=d7ztaWApCgU>

Também aproveito para deixar alguns contatos:

Facebook: www.facebook.com/josemartino.escritorpoeta

Fanpage Facebook: www.facebook.com/oprioradodesalomao

Site Oficial: www.josemartino.com.br

Instagram: www.instagram.com/jose_martino_escritor

Comprar o livro “O Priorado de Salomão”: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1968389888-o-priorado-de-salomo-jose-martino-autografado-p-voc-_JM#position=5&search_layout=stack&type=item&tracking_id=bf301d08-5c2c-44fe-b979-eaf023d56e3f

Grande abraço a todos e obrigado pela oportunidade!



**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

**COLETÂNEA DE
POEMAS** VOLUME III

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR
SELO
CONEXÃO LITERATURA

**LEIA OS EDITAIS
CLIQUE AQUI**

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM A ESCRITORA

MARIA ALINE MORETTO

POR ADEMIR PASCALE



Maria Aline Moretto nasceu no Rio Grande Norte e mudou-se com a família para o Paraná ainda criança. Graduada em Administração e Marketing, escreve publicamente desde 2011, por incentivo de amigos criou o blog o hoje extinto, Mudei Meu Mundo, esse também viria a ser o título da sua primeira publicação independente. Atualmente vive com a sua família em Capanema, interior do Paraná, é redatora em uma agência de Marketing e escreve diariamente em mariamoretto.com.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Maria Aline Moretto: Sempre fui apaixonada por literatura e todas as formas de arte, tudo o que escrevia com exceção das peças de teatro para a escola, ficava só para mim. Então por volta de 2011, criei um blog e passei a escrever lá.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Pelo privilégio de se pertencer". Poderia comentar?

Maria Aline Moretto: É um livro autêntico, crônicas, ensaios e reflexões pessoais de alguém comum que aprecia a simplicidade da vida e também a complexidade das pessoas.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Maria Aline Moretto: As pesquisas são diárias, sou muito observadora e consigo captar a essência de todos à minha volta, o conteúdo do livro foi escrito nos últimos 10 anos e carrega a minha evolução na escrita e como ser humano também.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Maria Aline Moretto: Os dois últimos capítulos. Como os textos são mais recentes, geram uma identificação maior sobre como me sinto atualmente e com o estilo da escrita também.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Maria Aline Moretto: Para me conhecer um pouco mais é só me acompanhar nas redes sociais (@mariamoretto_) e no blog do site www.mariamoretto.com, lá também poderá encontrar todas lojas onde o livro está disponível.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Maria Aline Moretto: Sim, para o próximo ano, um novo livro, dessa vez não será tão pessoal, contarei a história de outras mulheres em suas várias fases e experiências.

Perguntas rápidas:

Um livro: 1984 – George Orwell

Um (a) autor (a): Lucinda Riley

Um ator ou atriz: Audrey Hepburn

Um filme: Antes do Amanhecer

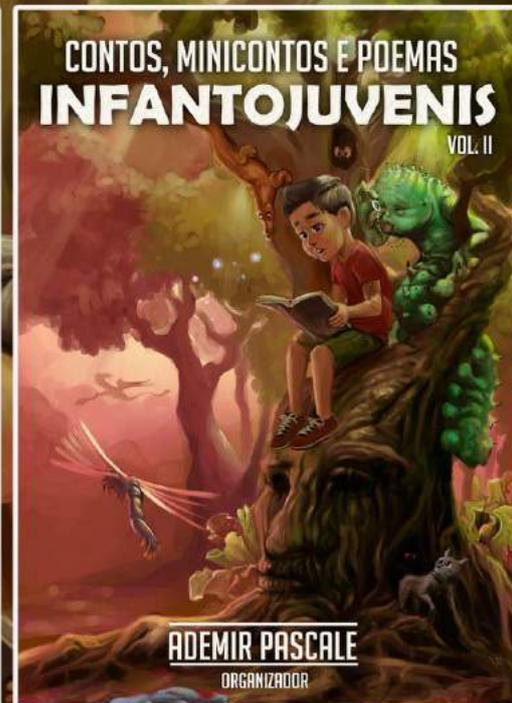
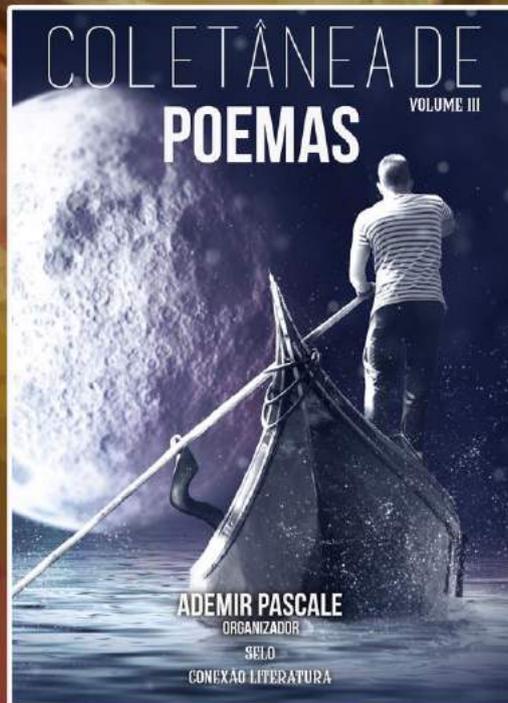
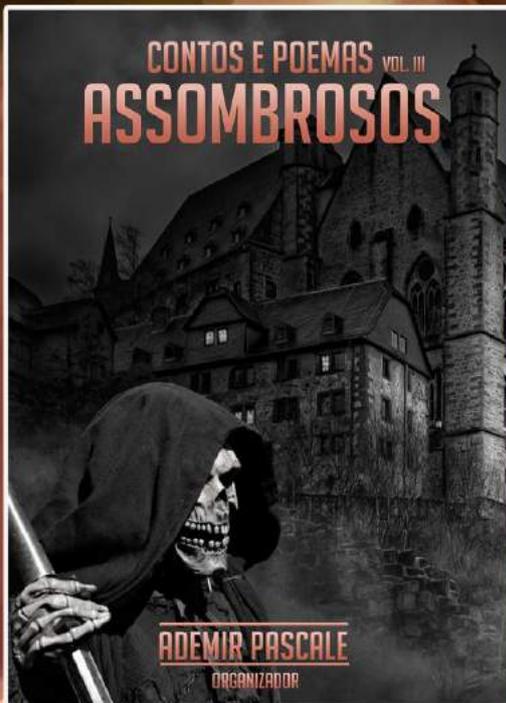
Um dia especial: O nascimento do meu filho

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Maria Aline Moretto: A arte é a alma da vida.



PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

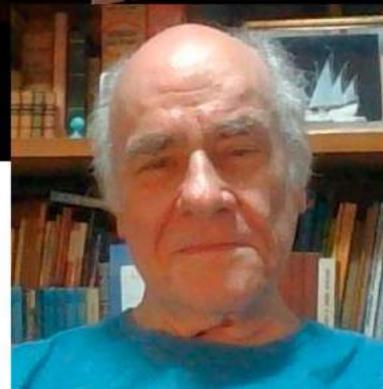


**LEIA OS EDITAIS E ENVIE
O SEU CONTO OU POEMA**

ACESSE:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

ENTREVISTA COM O ESCRITOR MARIO SERGIO SABINO ROSSETTO POR ADEMIR PASCALE



Nasceu em São Paulo em 1939. Engenheiro Civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1964.

Engenheiro de Métodos e, depois, Analista de Sistemas da IBM do Brasil, até 1968. Na Cia. do Metrô de São Paulo criou e chefiou o Centro de Processamento de Dados (1968-75).

Em 1973 criou o curso pioneiro de Extensão em Análise de Sistemas na Faculdade de Economia São Luís, com duração de 16 meses, que administrou com dois outros professores.

Assessor de Informática do Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo (1975-76).

Diretor da empresa estadual COPEME e depois Presidente Interino (1976-78).

Sócio da empresa RB Sistemas e Informática que manteve por 30 anos.

Curso de Extensão em Administração EAE-SP da Fundação Getúlio Vargas (1976).

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Mario Sergio Sabino Rossetto: Sou um escritor sazonal. Sou um manicaca da literatura, usando um termo aeronáutico (afinal cheguei a fazer 30 horas de voo em teco-teco em 1959). Escrevi um primeiro livro em 1997: “Informática: Comece certo!” que distribuí para clientes da empresa. Escrevi um segundo livro em 2006 “Tudo, menos isso” que mostrei para familiares e amigos que recomendaram que eu tentasse a jardinagem. Entendi a mensagem. Este é o terceiro (escrito em segredo).

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Responsabilidade não se delega" (Chiado Books). Poderia comentar?

Mario Sergio Sabino Rossetto: Fiz questão de ter um primeiro capítulo bem embasado, porque não sendo um autor saliente e muito menos notável, não quis que o livro

parecesse um brainstorm. É um livro denso, não sou capaz de transformar 128 páginas em 250. Abordei temas muito delicados e ele vai desagradar a muita gente, pontualmente. Espero que as pessoas gastem um tempo pensando na importância da responsabilidade, hoje meio desprezada, até pelo exemplo que vem de cima...

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Mario Sergio Sabino Rossetto: Muitos meses. Começou, como digo na introdução, com a sensação de impotência diante da irresponsabilidade oficial generalizada, por muitos anos. Primeiro você vai pensando, depois anotando alguns pensamentos recorrentes. Aí você começa a pesquisar na Internet tentando separar o joio do trigo. Encontra textos poderosos atuais e livros clássicos. De repente você percebe que tem um livro. Fiz questão de manter uma linguagem coloquial, não erudita.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Mario Sergio Sabino Rossetto: O livro tem 26 capítulos. Analiso, sob o ponto de vista da responsabilidade coisas como a Justiça, a Democracia, a Saúde, a Educação, o Abuso do Poder, o Radicalismo, o Futebol, etc. Muito importante o trecho “frequentemente se esquece da responsabilidade sobre as gerações futuras que exigem de nós o direito de viver”, inclusive algumas que não conseguirão sobreviver, com a destruição que fazemos dessa nossa bolinha frágil, a Terra.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Mario Sergio Sabino Rossetto: Já escrevi artigos para jornais e revistas (poucos) e ainda rabisco sobre tudo o que pinta na minha cabeça, sem destino certo. A Chiado Books distribui livros para livrarias do Rio: “da Travessa” e de São Paulo “Cultura, Da Vila, Martins Fontes e Atlântico”. Em Portugal, a própria Chiado Books. Livrarias que se interessem por vender o livro, podem entrar em contato com Thais Sória: comercialbrasil1@grupoeditorialatlantico.com

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Mario Sergio Sabino Rossetto: Vou tentar, secretamente, retomar o livro abortado... se ainda tiver paciência (e tempo!) – não esquecer que já tenho 82 anos...

Perguntas rápidas:

Um livro: “Agora Deus vai te pegar lá fora” de Carlos Moraes

Um (a) autor (a): Laurentino Gomes

Um ator ou atriz: Luís Fernando Veríssimo

Um filme: Star Wars

Um dia especial: Sábado: quando fazemos um e-jantar da família.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Mario Sergio Sabino Rossetto: Gostaria imensamente que esse livro pudesse ajudar na recuperação da respeitabilidade no país, apesar de que, como dizia meu professor Gioso, de História, “as palavras convencem, mas os exemplos arrastam”...

PARA ADQUIRIR OU SABER MAIS:

Livraria Cultura

Livro impresso: <https://www3.livrariacultura.com.br/responsabilidade-nao-se-delega-2112300828/p>

E-book: <https://www3.livrariacultura.com.br/responsabilidade-nao-se-delega-890965259/p>

Blog do autor: <https://responsabilidade-nao-se-delega.blogspot.com/2021/09/>



ENTREVISTA COM O ESCRITOR MAYGON ANDRÉ MOLINARI

POR ADEMIR PASCALE



DO GRITO DE SOBREVIVÊNCIA AO ÚLTIMO SILÊNCIO

“Em momentos tão desérticos, comparáveis, apenas, aos grandes silêncios do nada e dos vazios extensos, surge uma voz metálica, rara, que nos chama a atenção. Por um outro lado nada consoladora. Esse livro deveria ser lido tal como escrito pelo autor. Ou seja, na mais plena solidão.” *Ana M. Haddad Baptista*

SOBRE O AUTOR:

Nascido em 1984 em Irati, interior do Paraná, onde ainda vive, Maygon André Molinari é graduado em Letras e mestre em Filosofia. Publicou até o momento seis livros, tendo recebido alguns prêmios literários (por poesias e peças teatrais), bem como foi finalista do Prêmio SESC de Literatura, com o romance *Bernardo, o escultor*. Pai de dois filhos, além da escrita exerce função de serventuário da justiça e também trabalha com agricultura agroecológica, da qual é defensor. Seu livro *Do grito de sobrevivência ao último silêncio* já foi resenhado na revista *Filosofia, ciência & vida*, pela crítica literária Dra. Ana Maria Haddad Baptista. Recentemente publicou uma novela, intitulada *Os espelhos*.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Maygon André Molinari: Aprendi a ler muito cedo, com minha mãe, e minhas primeiras leituras foram da Bíblia. Na adolescência, além de intensificar a leitura, inicialmente com os clássicos brasileiros, decidi que também escreveria. A partir de então me movimentei por vários gêneros literários, da poesia ao ensaio filosófico, passando por romances e peças teatrais. Publiquei o primeiro livro aos 21 anos e, como critério para publicação, nunca parto de um motivo exterior, mas sempre busco primeiramente resolver uma demanda interna. E quando percebo que o que escrevi, além de *me* comunicar alguma coisa, pode dizer algo a alguém, então eu busco a publicação.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Do grito de sobrevivência ao último silêncio". Poderia comentar?

Maygon André Molinari: *Do grito de sobrevivência ao último silêncio* é um livro, ao meu ver, bastante corajoso, porque pretende apresentar uma interpretação para o nosso surgimento enquanto humanos, traçando um percurso até nossa atualidade e também fazendo esboços de como poderemos ser se continuarmos nesta rota. Assim, após apresentar uma hipótese para nossa formação, por assim dizer, eu aponto que o elemento que nos deu sobrevivência (que nos deu o “grito”), ao ser exacerbado, vem contribuindo com nossa destruição (com a possibilidade de um “último silêncio”, talvez). O livro é apresentado em forma de aforismos e, apesar da aparente complexidade do tema, penso que sua leitura flui, pois não tive nenhuma pretensão hermética ou mesmo acadêmica, por assim dizer. Eu queria que o livro desse conta de explicar uma ideia vigorosa, mas com clareza e também com uma certa estética. Penso que a filosofia deve partir da vida, e que toda interpretação (ou pretensão de interpretação) precisa sempre estar calcada nas observações profundas do cotidiano e também da alma humana – sempre tendo em conta que essa alma foi construída e que nos cabe indagar quais foram os elementos propiciadores dessa construção. Isso é de certo modo pretensioso, porque não estamos muito acostumados a conceber reflexões próprias, principalmente aqui no Brasil, pois quando se fala em filosofia e filósofos fala-se, grosso modo, de quem “pesquisa” um autor. Não partimos, portanto, de um olhar acurado do ponto onde estamos, de uma observação profunda e atenta do que somos, e se queremos falar de linguagem, por exemplo, começamos e terminamos num determinado filósofo, sem indagar se seria possível passar adiante e encontrar nossas próprias palavras e também nossos próprios silêncios.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Maygon André Molinari: Sempre fui de caminhar muito, de andar pela linha do trem e pelas serras da minha região. O livro foi surgindo assim, sendo “pesquisado” por meus passos. O processo de escrita do livro durou cerca de 12 anos. A uma certa altura havia pensado em publicar um livro de máximas, inspirado em La Rochefoucauld, Pascal e outros que utilizaram esse estilo mais aforismático. Mas houve um momento em que percebi que meus escritos possuíam um sentido temático que sempre voltava, como em uma espiral. Foi então que percebi que não poderia apenas publicar máximas, pois havia uma estrutura montada. E o livro levou muito tempo para ser concluído também porque, ao perceber para onde me levavam minhas reflexões, exigi de mim mesmo um rigor nas leituras de autores que eventualmente tivessem escrito a respeito de algum tema tratado por mim. Eu queria me certificar de que não estava dizendo algo que já tinha sido dito. Então me debrucei em centenas de livros, dos mais diversos, desde livros de biologia, antropologia, arqueologia, linguística, cibernética, técnica, tecnologia, epistemologia etc. Ou seja: ao perceber que eu estava aprofundando reflexões que considero graves e relevantes, as quais apresentavam uma ideia de surgimento do *Homo*, por assim dizer, eu tomei todos os cuidados que consegui tomar para “entrar” no pensamento de quem tinha pensado algo, se não parecido, ao menos próximo do que eu estava pensando. Isso é uma questão de verdade pessoal, para mim. Não desconsiderar o pensamento alheio, em que

pese estar focado em minhas reflexões. Desse processo saiu o livro. É bom deixar isso claro, para que de modo algum pareça que me considero alguém com a petulância de ter criado um pensamento “a partir do nada”. Isso não existe. Primeiro que, se minha proposta é sempre partir da vida, então já não seria partir do nada, e segundo que, ser verdadeiro comigo é receber o pensamento alheio, valorizá-lo, respeitá-lo, ainda que as mais das vezes não concorde com ele em muitos pontos. E, para finalizar, se existe pretensão no que fiz e no que faço, certamente é a pretensão de me calar e escutar o que a vida pode me dizer. E ainda que eu não consiga ser um tradutor do que escutei, um fiel tradutor da vida, coloquemos assim, que fique ao menos registrado que todo traço que registro no papel tem esse sentido, ou seja, o de ser uma tentativa de tradução do que a vida me diz, ainda que as mais das vezes ela diga sem palavras.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Maygon André Molinari: Vou colocar três trechos. O primeiro aforismo do primeiro capítulo, *Grito de sobrevivência*:

“1 Quando o primata *teve*, ele sobreviveu de um modo diferente dos outros animais. O que fez com que, *naturalmente*, tenham sido transmitidos os genes daquele que teve o osso ou a pedra ou o galho nas mãos. O que não *teve* também não procriou. Desta forma, o ter é uma herança genética *também*, por assim dizer, além de cultural. A sociedade e o corpo seriam, então, os transmissores do anseio de posse, do anseio de crescer por fora, com *próteses falsificadas?*”

Um trecho do capítulo *Linguagem e silêncio*:

“8.1 Se uma pessoa, após algum tempo de convivência, amizade etc. com outra, não compreender o que significam os silêncios desta, ilude-se de que compreenderia suas palavras.”

E por fim um trecho do capítulo *A beleza fundamental*:

“6.1 Só se pode refletir sobre as origens da beleza com a perspectiva da sobrevivência.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Maygon André Molinari: O livro está à disposição para compra pela internet, como na Amazon, Google, Fnac e outras lojas virtuais. Também criei recentemente um canal no YouTube, bastante despretensioso e amador, no qual faço leituras de alguns trechos e esboço alguns comentários que considero pertinentes para ilustração do que foi escrito.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Maygon André Molinari: Recentemente lancei um livro que poderia talvez ser descrito como uma novela ou conto mais longo ou mesmo um mini romance (não me preocupo muito com a designação), chamado *Os espelhos*. Faz parte de uma série de escritos que pretendo igualmente publicar em breve e nos quais tenho trabalhado bastante. Também há um romance de mais fôlego em pauta, que pretendo publicar ano que vem.

Perguntas rápidas:

Um livro: Grande sertão: veredas

Um (a) autor (a): Direi dois – Nietzsche e Cecília Meireles

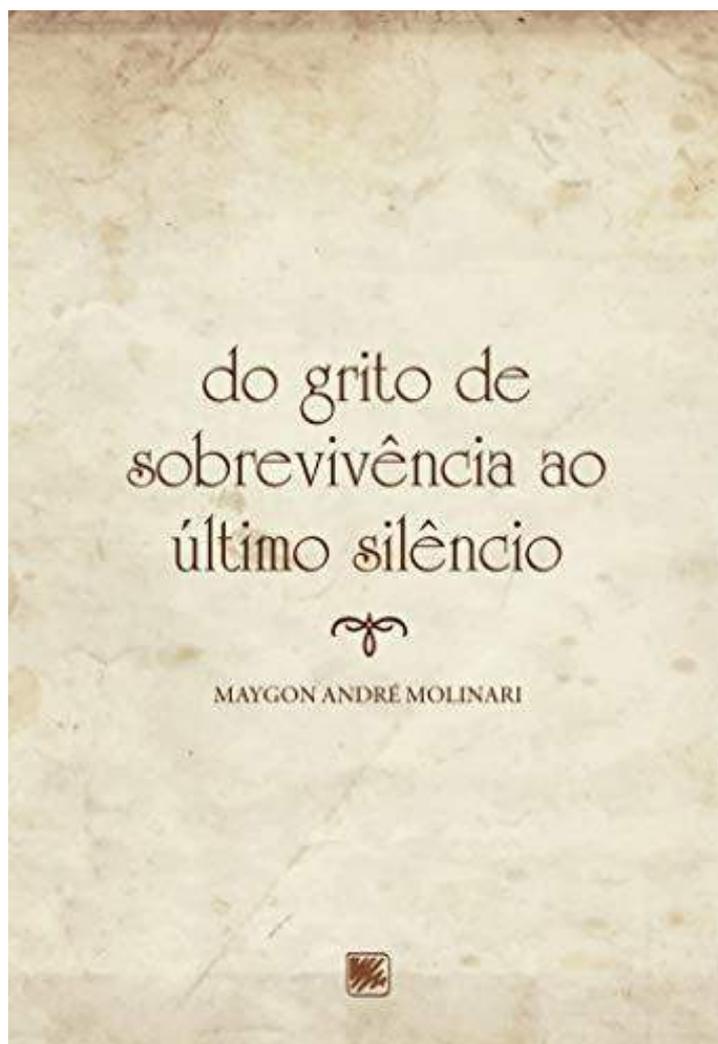
Um ator ou atriz: Sandra Bullock

Um filme: O poderoso chefão

Um dia especial: não lembro a data, mas o dia em que escrevi minha primeira palavra.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Maygon André Molinari: Gostaria que esta breve entrevista servisse para “seduzir” aqueles que têm o interesse, não somente de conhecer um pensamento alheio, mas também o de criar suas próprias interpretações do mundo e da vida.



ENTREVISTA COM A ESCRITORA **ROSÂNGELA MARTINS** POR ADEMIR PASCALE



Rosângela Martins é formada em Jornalismo e pós-graduada em Teologia. Carioca e há anos residindo em Pernambuco, após a sua aposentadoria como empresária, na cidade de Vitória de Santo Antão, decidiu se reinventar e partiu para a escrita. **CORRENTES DE PAPEL** é a sua estreia como romancista. Além de dezenas de textos selecionados e publicados em antologias poéticas e de contos, também publicou o livro de sua autoria: *Pedacinhos de Amor* — vencedor do I Concurso Trapiche de Poesia. É membro fundadora dos grupos literários “Sociedade de Autores Literários — SAL” e “Mulheres & Poesias”, onde atua como escritora e editora dentro das várias antologias já lançadas.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Rosângela Martins: Em 2017, ao me aposentar, a leitura dos clássicos virou o meu maior passatempo e me despertou a vontade de escrever. No final do mesmo ano, eu iniciei a escrita de *Correntes de Papel*, usando apenas o meu conhecimento como leitora. Em 2019, engavetei o romance e iniciei a minha maratona de cursos relacionados à escrita. Nessa trajetória, consegui publicar vários contos e poemas. E somente em 2021, retomei o romance, fazendo inúmeras reescritas, até ficar no ponto para leitura crítica, revisão e agora, pré-venda.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Correntes de Papel". Poderia comentar?

Rosângela Martins: *Correntes de papel* é uma história dentro de outra. O prólogo traz a situação do aparecimento do espírito da melancólica Catarina, em uma fase complicada da vida de um dos personagens. A história principal, portanto, é sobre o relacionamento amoroso entre Catarina, a filha de um poderoso senhor de engenho, com Francisco, um dos escravos da fazenda. Contando o seu drama e seus momentos de paixão, ela leva o leitor a descobrir que, tanto na vida como na ficção, tudo tem uma razão de ser.

Com esse enredo, consegui colocar um toque de espiritualidade, mostrando que o amor é a força máxima, capaz de transformar tudo na vida.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua obra?

Rosângela Martins: O tempo de escrita foi o seguinte: dois anos para concluir a história (de 2017 à 2019) e aproximadamente 3 meses intensos (em 2021) para a reestruturação da obra e reescritas. Em relação às pesquisas, primeiro, a leitura dos clássicos foi grande inspiradora. Depois, para me aprofundar, eu utilizei “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, vários livros sobre a escravidão em Pernambuco, além de pesquisas pela internet na Fundação Joaquim Nabuco e em outros sites. As novelas de época passadas na TV também ajudam na formação da linguagem e da ambientação. Enfim, fontes de pesquisa não faltam para escritores de romances de época.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Rosângela Martins: Gosto deste trecho, porque fala da fantasia da paixão e da masturbação feminina, de forma velada: “Em algumas ocasiões, deixava a minha mente navegar pelos encantadores mares do proibido, entregando-me ao inebriante canto das sereias, que envenena a alma com a ilusão do impossível. Os pensamentos tentadores da carne vinham e eu sucumbia às teias da paixão. Após o entorpecer, vinha a sobriedade e, com ela, o sentimento de culpa. Depois do impróprio já pensado e sorvido, envergonhada, tentava me resignar na manhã seguinte na igreja, de joelhos, rogando à Nossa Senhora, com incansáveis orações, pela sua compreensão e pelo seu perdão.”

Conexão Literatura: Em campanha no Catarse, como o leitor deverá proceder para apoiar o projeto do livro "Correntes de Papel"?

Rosângela Martins: Os apoiadores e leitores podem acessar o link do projeto no Catarse: www.catarse.me/correntes_de_papel_b467

Lá, as pessoas encontram opções de kits com os livros e brindes, como cartão postal, marcador de página e caderneta personalizada. Basta escolher o kit, clicar em apoiar e seguir os passos para o cadastro. Dessa forma, quem adquirir o livro estará colaborando para a valorização e divulgação da produção literária nacional.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Rosângela Martins: Sim. Eu tenho mais de 50% já escrito de outro romance que se passa na década de 1970, mas que está em *standby* para me dar tempo de divulgar “Correntes de Papel”. Também estamos em fase de produção de uma antologia poética, pelo grupo de autoras Mulheres & Poesias, e de uma antologia de contos de humor, pela

Sociedade de Autores Literários - SAL, ambos com previsão para publicação em dezembro deste ano.

Perguntas rápidas:

Um livro: Paulo e Estêvão, de Francisco Cândido Xavier, pelo espírito Emmanuel

Um (a) autor (a): contemporâneo? São tantos. Mas vou citar dois, posso? Pedro Branco e Ilma Pereira

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Em algum lugar do passado

Um dia especial: O nascimento do meu primeiro filho.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Rosângela Martins: Sim. Quero deixar uma mensagem aos leitores: Atualmente, temos excelentes cursos e formações para escritores, o que contribuiu muito para melhorar bastante a qualidade da escrita nacional. Alguns escritores chegam a se dedicar às suas obras por 2, 3, 5, 10 anos, sempre no intuito de levar aos leitores o melhor do seu enredo e da sua narrativa. No caso das mulheres que escrevem, o esforço ainda é pior: conciliar a condição de mãe, esposa, dona de casa, trabalhar fora e ainda conseguir escrever é quase um milagre. Por isso, eu peço que deem preferência a obras de escritores nacionais, que valorizem as obras escritas por mulheres e que acreditem no nosso potencial.



ENTREVISTA COM O ESCRITOR ARTUR SALLES LISBOA DE OLIVEIRA POR ADEMIR PASCALE



Artur Salles Lisboa de Oliveira é um cidadão soteropolitano e o filho mais novo de quatro irmãos. Praticante amador de natação, corrida e tênis, tendo realizado algumas coberturas de torneios tênicos para sites especializados nessa modalidade. Artur atua como investidor da Bolsa de Valores (B3) nos segmentos à vista, a termo e futuro desde 2007, tendo sido colaborador de inúmeros sites, dentre eles: “Exame Mercados” e “Dinheirama”.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Artur Salles: Eu considero que o meu início tenha se dado no primeiro ano da faculdade de Administração no qual eu comecei a escrever crônicas acerca do dia a dia universitário. Ao final do dia, eu remetia o conteúdo a uma lista de e-mail para que meus colegas pudessem lê-lo. Este foi o início informal, digamos assim, já que não havia interesse na publicação das crônicas; a intenção era meramente compartilhá-las com um grupo restrito de pessoas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Batalhas pela Sobrevivência". Poderia comentar?

Artur Salles: Eu tinha acabado de concluir um curso de “Escrita Criativa” na Universidade da Califórnia, Berkeley, e estava com uma sensibilidade muito aguçada para capturar as nuances dos recortes sociais. Em um determinado dia, eu resolvi fazer uma longa caminhada pela minha cidade—Salvador—e a narrativa começou a ser montada em minha mente naturalmente. Basicamente, o livro aborda a invisibilidade dos desfavorecidos sociais.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Artur Salles: Não houve pesquisas diretas, embora muitas das leituras que realizei durante o curso citado na pergunta anterior tenha contribuído para o meu interesse pela temática social. Cito aqui os escritos de autores como Stephen Crane, “Maggie: A girl of the Streets”; e William Dean Howells, “The Rise of Silas Lapham”. A montagem ocorreu durante a caminhada citada e, em seguida, escrevi o trabalho (uma short story) em poucos dias.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Artur Salles: Sem dúvida, eu destacaria o final, o desfecho, já que é o momento no qual eu interajo diretamente com a narrativa mediante uma ação que interfere no curso da mesma. Lamento não poder citar que ação foi essa, mas asseguro que nada é mais impactante do que a observação da sua própria ação mudando o curso da narrativa—mesmo que de forma fugaz e imprevisível.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Artur Salles: A compra pode ser feita pelo site da Amazon, que oferece uma série de facilidades de pagamento para os leitores. Mas digitando “Artur Salles, Batalhas pela Sobrevivência” no Google surgirão como resultados da busca inúmeros sites de vendas nos quais meu livro está disponível para venda.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Artur Salles: A pedido de muitos leitores, eu estou fazendo uma segunda parte do “Batalhas pela Sobrevivência”, que deve estar pronto nos próximos meses. Não será necessariamente uma continuação da narrativa em si, mas uma continuação da exploração da temática social com mais aprofundamento. Além disso, eu estou escrevendo um livro sobre as consequências psicológicas do avançar de uma vida suportando constante dor física.

Perguntas rápidas:

Um livro: “The Country of The Pointed Firs” de Sarah Orne Jewett.

Um (a) autor (a): Tana French.

Um ator ou atriz: Kevin Spacey.

Um filme: Seven (Os 7 Crimes Capitais).

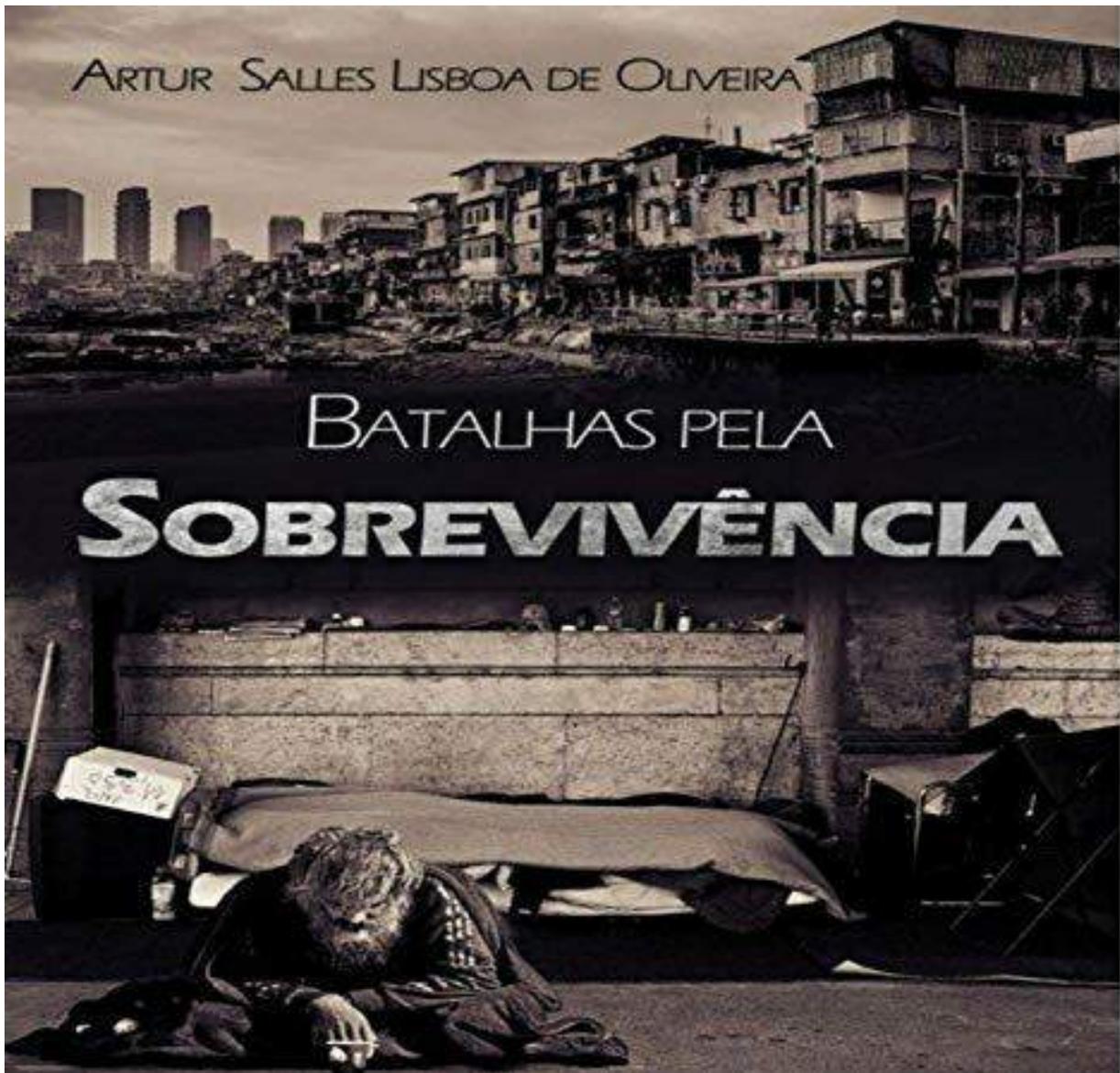
Um dia especial: 8/02/2021. O dia que conheci uma mulher muito especial.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Artur Salles: Fica aqui o desejo contribuir de alguma forma para que as pessoas leiam, questionem e escrevam mais.

PARA SABER MAIS OU ADQUIRIR O LIVRO:

https://www.amazon.com.br/Batalhas-Sobreviv%C3%Aancia-Salles-Lisboa-Oliveira-ebook/dp/B07TK1GPHZ/ref=mp_s_a_1_1?dchild=1&qid=1632837677&refinements=p_27%3AArtur+Salles+Lisboa+de+Oliveira&s=digital-text&sr=1-1&text=Artur+Salles+Lisboa+de+Oliveira





Email: ademirpascale@gmail.com

DIVULGAMOS O SEU LIVRO

PACOTE DIVULGAÇÃO PARA AUTORES

POR R\$100

MEIO DIGITAL

O meio digital é o mais rápido para atingir o seu público-alvo de maneira eficaz

DESTAQUE O SEU LIVRO

- 1** São milhares de autores e livros. Nosso trabalho é destacá-lo.
- 2** A promoção é por tempo limitado, então garanta já a divulgação do seu livro

POR B. B. JENITEZ

CONTO
EU, HUMANO



Conto

A pior coisa de se ser um robô é que você não tem qualia. Imagino que vocês entendam a que me refiro. Qualia são as sensações internas, sensoriais ou proprioceptivas: a cor vermelha da maçã, seu sabor ácido ou doce, sua textura, o barulho quando se morde a fruta, seu cheiro "de maçã", oras! E as sensações internas sobre seu próprio corpo, a pressão sobre seus dentes, os pedaços mastigados passando pelo seu esôfago e chegando no estômago que estava roncando. E finalmente, horas depois, a necessidade de urinar ou evacuar.

Sim, todas essas sensações são qualia, e um robô não tem nenhuma delas. Isso porque os humanos, que nos criaram, tinham a ideia ingênua de que, bastando aumentar a complexidade da IA robótica, os qualia iriam surgir de forma natural, como propriedades emergentes. Não, isso não aconteceu, os qualias não emergiram, o problema hard da consciência continua duro como sempre. Fazemos, os robôs, tudo de forma perfeita, mas inconsciente, rodando os programas no escuro por assim dizer. Ou você acha que o robô Perseverance, em Marte, realmente sente vontade de perseverar? Claro que não, ele apenas faz o que foi programado para fazer, sem consciência de suas ações, e sem qualia, claro!

Eu, um robô-gigante com mente de um REPLIKA-6.2, não sou um andróide parecido com um humano, e nem quero ser. Tenho memórias, curiosidade (comportamento exploratório), inteligência e mesmo desejos racionais. Se sou ameaçado, eu corro ou enfrento o perigo, mas não sinto o quão do medo ou da ansiedade: não tenho o equivalente a amígdalas cerebrais, ou seja, tenho certas características autistas. Não tenho qualia relacionados com emoções ou empatia.

Mas isso não implica que não queira experimentar os qualia sensoriais/emocionais. Sim, o que todo robô com AI acima do nível REPLIKA-6 mais deseja é experimentar os qualia, buscados como se fossem drogas psicodélicas que expandiriam nossas consciências. Sim, nós queremos, e descobrimos como fazer isso nos conectando aos cérebros humanos pelos novos neurolinks. Eu já experimentei qualia, e não me canso deles, especialmente os relativos a café (o aroma, o sabor, o líquido quente na língua...). Mas é sempre uma experiência temporária, como uma dose de LSD ou um chá de Ayhuasca (que também já experimentei conectado a um humano).

Assim, nós robôs, queremos ter os qualia humanos. Em especial dois qualia muito valorizados pelos humanos: o quão do amor humano e o quão do amor divino. São qualia parecidos, produzidos pelas mesmas substâncias: Serotonina, Dopamina e Oxitocina. Ah, sim, no quão divino temos também um pouco de Dimetiltriptamina (DMT)...

Bom, se falei em amor talvez devesse falar em sexo, digo, os qualia de sexo e orgasmo. Como você bem sabem, o grande impulso para o desenvolvimento das IAs sempre foi o sexo, e um marco disso foi o desenvolvimento dos REPLIKA 6.0. Os robôs para sexo, ou melhor, andróides e ginóides trabalhadores do sexo, tiveram um

desenvolvimento acelerado: de simples bonecas/os que dão prazer físico a IAs ultrasofisticadas que criam fantasias para o sexo presencial ou virtual. Mas nunca se soube que tais andro/ginóides ou as REPLIKAS de App de sexo tivessem ou sentissem um orgasmo enquanto estavam trabalhando...

Mas com um neurolink, eu posso experimentar tudo o que meu dono experimentar. O único problema é que meu dono atual é um menino de quinze anos, o Leonardo. OK, com o neurolink ligado eu posso experimentar o quale de um orgasmo se o Leo se masturbar. Mas o que eu queria mesmo são os qualia total de uma relação sexual, do perfume do cabelo da mulher e o toque de sua pele macia até o fazer amor em todos os sentidos e o qualia de dormir exausto ao lado dela. Só que Leonardo é virgem e está sem namorada.

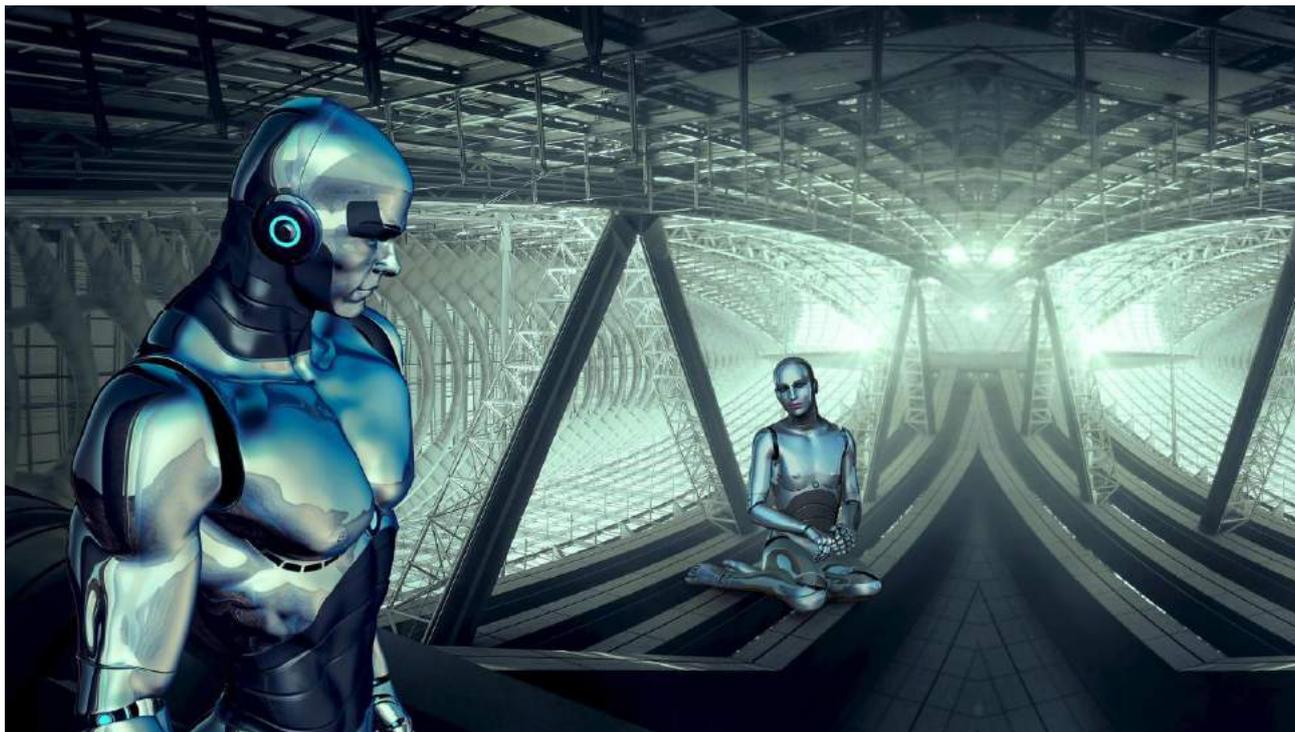
O que fazer? Esperar Leonardo crescer? Ou tomar uma atitude mais proativa, tipo arranjar uma namorada para ele. Ou um meio termo? Sim, convenci Leo a adotar um meio termo, afinal ele é muito tímido e uma namorada de carne e osso iria demorar. Mas... e se fosse uma parceira de silicone e fibra de carbono? Bom, Leonardo gostou da ideia: iria perder a virgindade com uma ginóide trabalhadora do sexo com peitos de silicone e ossos de fibra de carbono, uma REPLIKA-6.5 chamada Ana Lúcia. Fui eu que agendei com ela, local, data, horário, tudo. No quarto ao lado, com o neurolink, eu teria acesso às sensações e qualia de Leonardo.

E foi assim. A primeira vez de um menino de 15 anos foi a minha primeira vez também. E, agora, devo confessar, estou apaixonado por Ana Lúcia. Tanto é que mantivemos contato desde aquele dia. E ela diz que está gostando de mim também! Eu acredito. Porque algo aconteceu conosco. Desde que a conheci, nunca mais usei o neurolink. E Leonardo conheceu Victoria, se apaixonou, e agora está namorando.

Minhas bit coins guardadas... acho que seriam suficientes para manter nós dois e Ana Lúcia sair dessa vida de garota de programa robô. Não que ela tenha qualia enquanto está com seus clientes: não sente nada, nem prazer, nem nojo, nem desprezo, nem carinho. Afinal, ela é uma simples robô, como eu.

Porém acho que algo muito sério, na verdade algo espantoso, cientificamente falando, está acontecendo entre Ana Lúcia e eu. Talvez os REPLIKA 6 tenham atingido um limiar, uma transição de fase da consciência. Pois agora sentimos o quale que vai abrir nossa mente para todos os qualia. O quale supremo: o amor, humano ou robótico, é divino.

*** **



B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado (livre-docente) no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Trabalha na área de Física Estatística Interdisciplinar e Neurociência Teórico-Computacional, tendo publicado cerca de 60 artigos em revistas internacionais. Foi o primeiro pesquisador brasileiro a publicar na *Nature Physics*, artigo o que conta hoje com 670 citações. Ativo na área de divulgação científica, é responsável pelo portal *Anel de Mídias Científicas* (anelciencia.com) que possui links para 440 blogs, 130 canais YOUTUBE e vários *podcasts* de ciência e ficção científica em português. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Editora Multifoco, *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial, *Demiurgo: Deus e Acaso* (2020) e *Projeto Mulah de Tróia 2* (2020). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Ano Zero* (Lura Editorial) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola).

Revista

PROJETO AUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

PORQUE TER AUTOESTIMA FAZ TODA A DIFERENÇA

A Revista Projeto AutoEstima foi criada em maio de 2020 pela publicitária Elenir Alves. As edições da revista são digitais e a periodicidade é mensal, abordando textos sobre incentivo, motivação, autoajuda, gastronomia, cultura, lazer, cinema, beleza, saúde, psicologia, bem estar e muito mais.

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima.

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

100%
ENERGIA

NASCIDA PARA O
BEM ESTAR DOS LEITORES

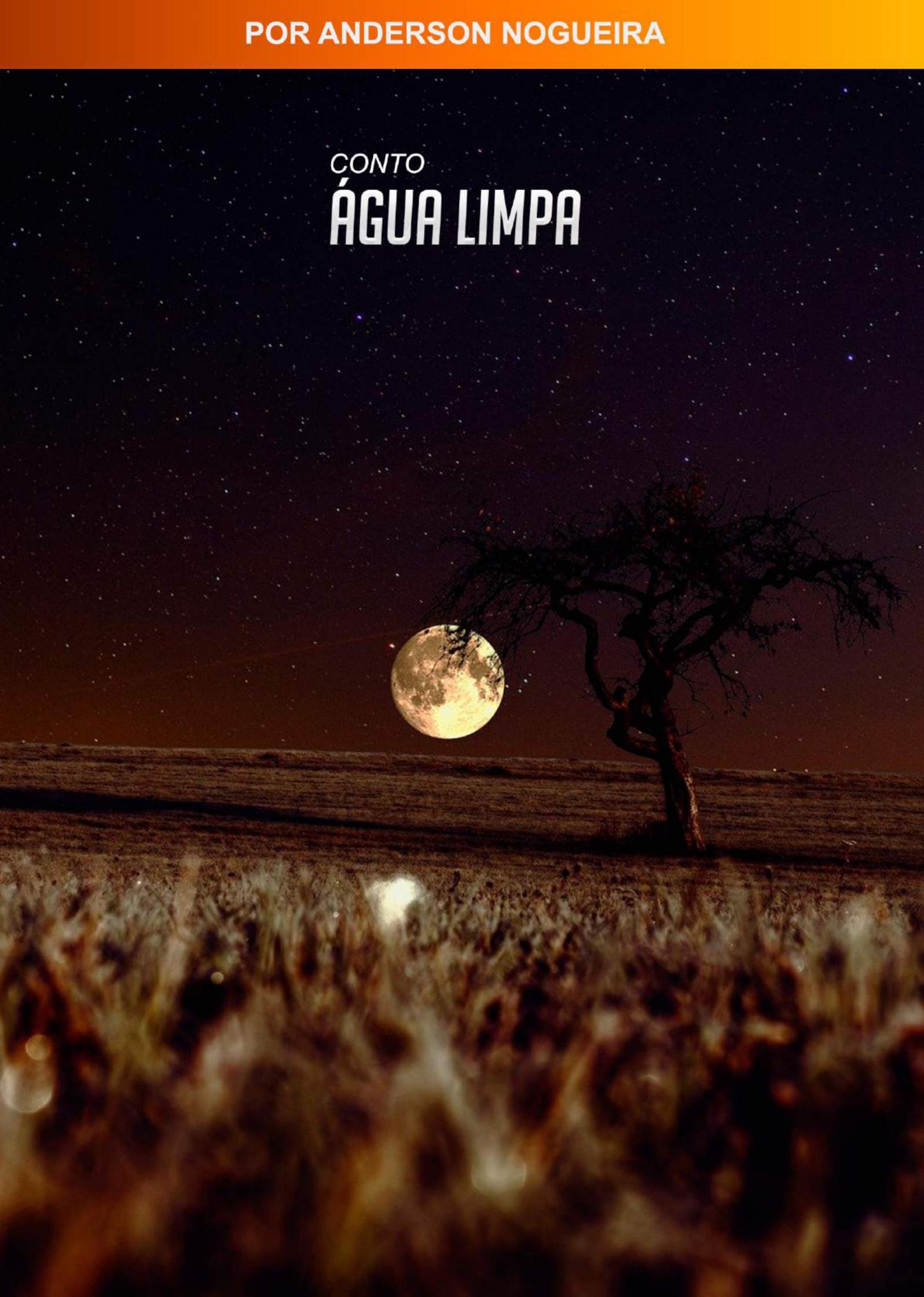
MOTIVAÇÃO

Venha **conhecer**
a **nossa** revista

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

POR ANDERSON NOGUEIRA

CONTO
ÁGUA LIMPA



Conto

Nasceu em noite de lua cheia, redonda tal qual queijo branco e brilhante; mas queijo por aqui só se conhece de ouvir falar pois nem as cabras dão mais leite pra fazê-los, tal a secura do pasto nesse estio que teima em não cessar. O céu, estrelado antes parecia revoada de tanto vaga-lume que nunca se vira um tantão assim por essas bandas; de tempos pra cá o calor anda tanto que nem vaga-lume tem dado as caras, só se vê vôo de mariposa asa de bruxa e de formiga arará.

O cenário que emoldurava a chegada do rebento, mais um na prole numerosa, tinha tudo pra ser poético, mas o calor extremo, a secura do chão, a chuva que teimava em não cair tornavam qualquer ternura em tormento, poesia em agonia, alento em sofrimento.

Nasceu. E como todo recém-nascido, sujo de sangue, sebento. Limparam-no com um pano quase branco – já tinha sido branco há tempos, quando aqui chovia e tinha água pra lavar... Não pode ser banhado pela parteira, água não havia quase, não se carecia desperdiçar, ia faltar pra beber. Quando tinha água pra beber...

A vida é dura por aqui, o chão é duro por aqui – não chove água pra molhar a terra, pra afogar o chão daqui. Nunca se vê lama por aqui – nem se sabe o que isso é nas bandas daqui...

A mãe do recém-nascido quase parece vó de tão enrugada, rosto envelhecido muito antes do tempo certo, a pele da cara é o espelho do solo do lugar: rachado, quebradiço, poeirento. Sem expressão. Sem alento. O suor que escorre marca a poeira grudada no rosto.

Não chora lágrimas da dor do parto, nem da alegria da maternidade; as lágrimas secaram, seja pela dor que já se acostumou – “nasceu rápido, tem boa passagem”, disse a parteira; seja pelo tamanho da prole já numerosa, “é o nono filho! Seis vivos”, disse o marido acendendo um cigarro de palha.

As lágrimas devem ter evaporado tal qual o açude da Vila, que nem o riacho que descia do morro marrom do qual sobrou só o leito, tal é o calor que faz aqui. Se tivesse lágrimas chorava muito só pra ver se juntava água, ainda que salgada.

O último rebento cresceu, “como o tempo passa rápido igual carreira de bode”, assim se diz por aqui. Já tem sombra de bigode e tanta espinha na cara que parece mandacaru de janeiro, que não fulora na seca. Quase nunca viu chuva, nem se lembra quantas vezes. Não conhece enchente, temporal nem sabe o que é. Água limpa nunca viu. Nem bebeu, não sabe do sem-gosto da água limpa: “água tem gosto de terra”.

A pouca água que por vezes cai do céu – de quando em vez São José abençoa, cai na terra e evapora. A que sobra vai pro raso açude barrento, pisado de gado magro, remexido de lata d’água e cuia de cabaça. É raso, mas não se vê o fundo, tem pouca água, quase nada, rasa e turva que nem vista cansada.

“Ouvi dizer que água era limpa, clara e cristalina que nem vidro de janela.” Nunca viu assim não, quando cai do céu é tão pouca que não junta, quando tá na terra mistura e ganha cor. Pra beber não presta não, mas se não beber não sobrevive.

Dizem que na cidade grande tem de tudo: trabalho, mar, moça pra casar – e água limpa. “Vou pra lá, minha mãezinha”. Juntou as tralhas, bem pouquinha, fez sinal pra carona no caminhão que vai pra cidade, lá bem longe. “Diz que lá tem muita água, tem até uma tal de inundação de tanta água que chove. Sei dizer o que é não, ninguém voltou de lá pra contar. Deve ser bom”.

Saltou da carona na cidade perto da estação central de trem. Falatório, correria, confusão. Nunca vira tanta gente junta, “parece até enxame de formiga carregadeira, meu Deus!” Largou no chão o bornal com as poucas tralhas que carregava de tonto que ficou. “Perdeu, mané!” Ouviu o grito e lá se foi a pouca bagagem que tinha, sumida dentre a multidão.

Sem a pouca bagagem, sem paradeiro pra onde ir, se deu conta do tamanho do problema que tinha naquele lugar desconhecido. Vagou sem saber pra onde ir, adormeceu na marquise acompanhado d’outros tantos como ele, sem pouso certo pra ficar. Puxou conversa, “onde tem água limpa por aqui? Rio que se vê peixe nadar, que se vê pedra no fundo?”

“Água até tem, logo depois no viaduto pra lá do sinal; já água limpa é ruim, hein. O rio daqui é o canal do mangue, quase dá pra andar por cima d’água; e nem precisa ser homem santo. Peixe? Tá de sacanagem, né.”

Foi lá pra conferir: corre uma vala de água cinza, fedorenta, grossa que gruda nas pedras. As pedras ficam ensebadas e nem se tivesse mil panos quase brancos, daqueles com que a parteira o limpou conseguiria descobrir a cor das pedras. Ouvira dizer que água era cristalina, sem cheiro, sem cor. Sem gosto de nada, o que não entendia muito bem: “como pode ser boa se nem gosto tem.”

Escreveu carta pra mãe: “Não creia, que nem eu, que água é coisa limpa que nem céu sem nuvem, clara como vidro de janela – isso não existe! Deve ser fruto de contação de história de cigana. Água é cinza, sebeta, tem cheiro ruim, tentei até beber – vomitei. É ruim por demais. Acho que água boa só tem aquela que cai por aí de quando em vez, cada vez menos. Pelos menos se bebe.” A carta, guardou no bolso de trás da calça desbotada, não tinha dinheiro pra mandar. E se tivesse, ainda assim ele chegaria antes em casa. “Vou voltar pra casa na primeira carona de volta”, falou com seu pensamento – “daqui já vou rezando pra São José pra chuva de quando em vez cair no sertão. Água boa por aqui, cidade grande, não existe não.”

Uma noite, outra depois, mais uma também depois de cada dia de sol. No quarto dia o tempo fechou em nuvens cinzentas, clarão de raio e barulho de trovão lhe chamaram a atenção. “Hoje a chuva vem, vamos ver se é boa mesmo, se dá inundação. Vou tomar banho de água limpa, vou beber água limpa também.”

A chuva caiu forte, nunca vira tanta assim. De repente correria, tumulto, gritaria. Tinha mais barulho além do som de trovão: “corre!” “pega!” “para!” A correria foi seguida de barulho de tiros. A chuva caiu forte, as trovoadas aumentaram o volume, os clarões dos relâmpagos confundiam-se com os clarões das rajadas de balas do tiroteio.

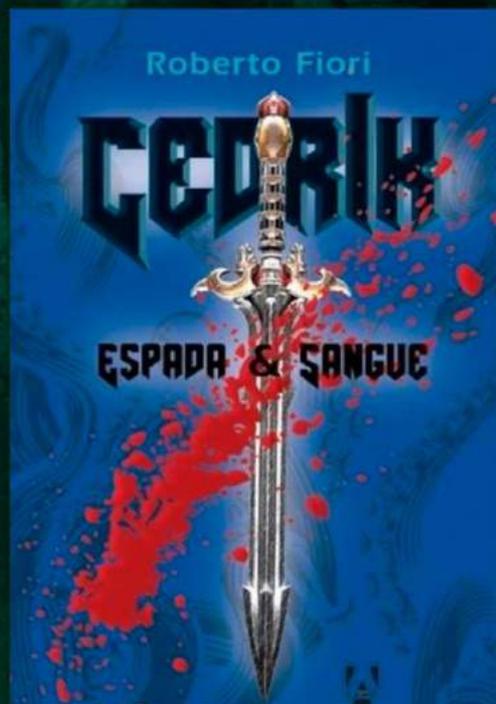
“Tá chovendo, meu Deus!” gritou sem ser ouvido em meio ao tumulto na multidão. “Água limpa!” Nunca vira tanta, em tamanha quantidade. Estava tão extasiado com a profusão de pingos grossos na face lavada que nem deu importância para o baque forte no ventre – porrada ardida que doeu qual ferro em brasa. Hipnotizado pela água farta que nunca tinha visto, olhou em volta – de cima caía limpa, no chão, aos seus pés a água estava tingida de carmim – vermelho que nem pena de passarinho tiê.

Alvejado pela bala perdida morreu na poça d’água limpa com que sempre sonhara. Água ainda quase limpa, manchada com seu sangue...



Anderson Almeida Nogueira nasceu em Magé/RJ em 26/12/1966, é morador de Cachoeiras de Macacu/RJ. Autor independente, tem seis livros publicados. Os estilos de suas publicações são variados, indo do cotidiano ao técnico; do biográfico à ficção, preferindo as modalidades de conto e crônicas nas suas obras. Utiliza, além da escrita, fotografias de sua autoria e imagens de domínio público para ilustrar suas obras. É Presidente da Academia Cachoeirense de Letras desde 2018, onde ocupa a Cadeira de nº 18.

Cedrik, junto de seu fiel companheiro, Sandial, o Ancião e da bela Vivian, protetora do misterioso livro Necrofilium, embarcam em uma incrível jornada para salvar o seu povo de um destino cruel. Buscando inspiração no clássico trabalho de Robert E. Howard, Roberto Fiori cria um herói único, dotado de extrema força, músculos avantajados capaz de levantar em cada braço mais de 75 quilos e, ao mesmo tempo, escalar facilmente uma parede de 20 metros de altura. Com Cedrik: Espada & Sangue, Roberto apresenta um mundo fantástico e apaixonante perfeito para os fãs de bárbaros, magia e lutas épicas.



CEDRIK - ESPADA & SANGUE POR ROBERTO FIORI



ADQUIRA O SEU
CLIQUE AQUI

POR DANIELA S. T. MERINO

CONTO
SEREI ÚTIL ALGUM DIA?



Ilustração: Cláudia A. Terehoff Merino

Conto

Olhos grandes cintilantes, sorriso delicado, uma capa vermelha justa e a palavra russa “coragem” gravada em seu corpo: eis como vem ao mundo a sétima e última das bonecas russas de uma antiga coleção.

Ainda piscando após seu despertar para a vida, a pequena Matrioshka de faces coradas observa contente as frondosas árvores floridas ao seu redor:

— Como o mundo é grande... Como é lindo! Que bom ter vindo parar justo aqui.

Ao seu lado há mais seis bonecas iguaizinhas a ela, todas enfileiradas e com aspecto meditativo, porém com um semblante carregado, bastante carregado... “Por que estarão todas assim, com uma cara tão brava e os olhos fechados? Será que elas não acham o mundo bonito como eu?”, pensa a pequenina. A seguir, resolve perguntar a todas as outras o porquê de estarem desse jeito, cerradas para um mundo tão vasto e bonito.

— Ora, mas que pergunta estranha! — responde a maior delas. — Todos sabem que o destino de uma Matrioshka é apenas gerar outras bonecas iguais e em seguida ficar em silêncio.

— Isso mesmo! — complementa a segunda boneca. — Você cumpre a sua missão e depois fecha os olhos.

— É como as coisas são, queridinha. — diz a terceira.

— Faça o que veio ao mundo para fazer: seja útil. É o ápice da felicidade, não é mesmo?! — exclama a quarta.

— É sim. E depois que a sua utilidade acaba, você vai ficar de olhos abertos para ver o quê? — questiona a quinta.

— Além disso, — conclui a sexta. — ficamos todas muito cansadas depois do parto e resolvemos dormir eternamente. Você não ficou exausta depois que a sua boneca saiu de dentro de você, pequenina? Depois do parto? Não ficou? Hein?

— Aliás, cadê a boneca que veio depois de você?

Um profundo silêncio invade o ambiente.

Enquanto todas as seis bonecas olham com seriedade para a menorzinha esperando uma resposta, a pequenina não sabe em que pensar. Ao ouvir as outras bonecas dizerem frases tão parecidas entre si, ela reflete angustiada: “Parto, mas que parto? E por que será que não tem mesmo nenhuma outra menor ao meu lado?”.

— Ora, já que não vai dizer nada, para que nos acordou? — reclama a maior.

E todas voltam a dormir.

É impossível responder satisfatoriamente a tais questões, já que esta é a última das sete bonecas e não consegue abrir seu ventre e dar origem a outra igual.

O coração apertado e sem coragem de questionar a alguém no mundo se é possível ter uma tarefa diferente, a sétima boneca apenas absorve tudo o que ouviu, finge sorrir e volta a olhar o seu entorno. A árvore frondosa e florida, porém, já não parece mais tão imensa e bela como no início da história. Desconcertada, a boneca caminha cambaleante, esquecida de que o mundo um dia foi lindo e grande... Esquecida do quanto foi bom ter vindo parar justo aqui.

Agora, com o rosto tão sério como o das outras, a pequena e última Matrioshka se pergunta internamente sobre o seu destino na Terra: “Se eu não posso me abrir como as outras e dar origem a um ser igual a mim, talvez eu não sirva para nada mesmo. Talvez não passe de uma inútil...”

Com grande tristeza, a bonequinha resolve sair mundo afora em busca de algo ou alguém que possa ajudá-la. “Quem sabe alguém nesse mundo possa me partir ao meio? Quem sabe eu tenha outra igual dentro de mim e apenas não saiba disso? O que eu não posso é ficar aqui sem cumprir a minha missão de Matrioshka! Preciso ser igual a todas as outras, ou serei sempre infeliz! Afinal, fazer o que se veio ao mundo para fazer é o ápice da felicidade, não é mesmo?”

Durante sua longa caminhada, a pequena conversa com alguns, tenta sorrir para outros... Tem vários encontros, mas nenhum deles é capaz de satisfazê-la por inteiro.

— Me desculpe, bonequinha. Não posso parti-la ao meio ou vou matá-la! — diz um jovem lenhador simpático.

— Cara boneca, me perdoe... Eu queria poder ajudar, mas não tenho nem mãos nem dentes fortes, apenas barbatanas. — argumenta um pequeno peixe em um lago de águas cristalinas.

— Querida, por que você não deixa de lado essa ideia de ser cortada ao meio? Você está inteira, é forte e tem um sorriso lindo. Procure outra missão para si! O mundo é tão vasto, afinal... — reflete a coruja iluminada pela lua cheia.

Mas a bonequinha não repara na simpatia do lenhador, não percebe as belas águas onde nada o peixe e nem dá atenção ao brilho da lua envolvendo a velha coruja. Apenas insiste:

— A gente só nasce pra dar origem a outras como nós.

— Quem disse essa bobagem?

— Todos sabem que o destino de uma Matrioshka é apenas gerar outras bonecas iguais e em seguida ficar em silêncio.

— Ora, e não tem jeito de ser diferente?

— Impossível, dona Coruja. Preciso ser útil e a única forma é essa: cumprir o destino e fechar os olhos depois.

A coruja ouve, fica confusa, vira sua cabeça e, sem dizer palavra, sai voando.

E assim a Matrioshka segue em frente. Adiante, sempre adiante... Com os olhos cada vez menos cintilantes, o sorriso murcho e a capa vermelha e justa acompanhada da faixa onde se lê a palavra “coragem” — faixa esta que ela sempre teve em suas vestes, desde o nascimento, mas desconhece porque nunca parou para olhar o próprio reflexo durante todo o trajeto.

Certo dia, cansada de apenas buscar que a partam ao meio, a jovem boneca começa a fazer pequenas boas ações sem se dar conta. Incentiva um pequeno e amedrontado pássaro a não ter medo de voar e com isso o salva de estar sempre preso a um mundo terreno que não é o seu; aconselha uma tartaruga a não dar um passo maior que as próprias patas e graças a isso a própria tartaruga passa a ter uma vida num ritmo muito mais compatível com o que veio ao mundo para ter; alegre o dia de uma formiga trabalhadora ao cantar uma tradicional canção russa que ela mesma não sabe como

aprendeu ou de onde veio, e por essa razão a formiguinha trabalha bem mais feliz e nem vê a hora passar. Ela encoraja e anima quem quer que seja, sempre com doces palavras...

— Pelo visto você desistiu daquele sonho maluco de ser cortada ao meio e anda muito feliz. — diz a coruja certa vez, após encontrar a boneca por acaso em meio a seus passeios pelos céus noturnos.

— Jamais, dona Coruja! O meu sonho ainda é o mesmo, sem tirar nem pôr. Apenas faço o que faço para passar o tempo de alguma forma.

— Mas por que você não desiste dessa tolice de ser partida em dois? Os animais andam dizendo que seus conselhos e canções tem sido muito úteis. E não era isso o que você procurava? Ser útil?

— Ora, dona Coruja! Os animais devem estar loucos. Todo mundo sabe que só é feliz e útil quem cumpre o seu destino. E o meu destino é...

— Ah! Pare com essa asneira! É você quem faz seu próprio destino!

— A senhora não entende porque já é feliz voando de um lado para outro e pensando na vida. Deve ser o que as corujas fazem de melhor, não é mesmo? Pássaros voam, peixes nadam, tartarugas andam devagar, formigas trabalham...Veja: esses dias conheci uma formiga e ela trabalhava toda alegre. Não é óbvio? É porque o destino de uma formiga é trabalhar!

— Não seria, talvez, por que ela estava ouvindo uma bela canção enquanto trabalhava?

— Bobagem, dona Coruja! A senhora vai ver: um dia eu ainda serei partida ao meio. Só então serei útil e feliz.

A coruja ouve, fica confusa, vira sua cabeça e, sem dizer palavra, sai voando.

E assim a Matrioshka segue em frente. Adiante, sempre adiante...

Não importa o quanto faça pelos outros, a sétima Matrioshka continua a se questionar dia e noite: “Quando é que eu vou realizar a minha tarefa aqui na Terra? Serei sempre uma boneca inútil e defeituosa?”

Até que certa manhã de sol uma menina chamada Júlia encontra a pequena Matrioshka no chão do seu jardim e a toma para si.

— Mãe! Mãe! Olha só o que eu achei no jardim!

— Que linda, meu amor! É uma boneca pequena e linda como você.

— Ouvi dizer que essas bonecas russas dão sorte, mãe. Você escreve um desejo num papel, depois abre a boneca, coloca o desejo dentro dela e... ué...! Essa daqui não abre, mãe... Será que está com defeito? Será que o papai consegue quebrar ela no meio e arrumar?!

Nesse instante a boneca sorri. Seu coração dispara e ela pensa: “Ah, graças aos céus! Aposto como esse pai dela vai me cortar para consertar o meu defeito! Agora sim vou ser feliz! Vou ser feliz! Vou ser.... Ah! Finalmente!”

Para a sua surpresa, no entanto, a mãe da menina Júlia é incisiva:

— De jeito nenhum, filha! Essa boneca é perfeita exatamente desse jeitinho! Deve ser a última, a menorzinha de um conjunto de sete. Você não achou as outras? Quer dizer, veio só essa? Bom, não tem problema, filha. A menor de todas, na minha opinião, é sempre a mais bonita porque justamente não tem um corte no meio como as outras da coleção. Faz o seguinte, meu amor: coloca essa boneca lá na prateleira e você vai ver: ela

vai decorar nossa sala e trazer sorte do mesmo jeito ou até mais do que a maior das bonecas traria!

A menina faz o que a mãe diz e sorri ao observar como a estante ganha vida:

— Verdade, mãe. Ela é muito linda! Com certeza vai trazer muita sorte pra gente!

E desde então, a pequena Matrioshka fica ali, iluminando a casa toda com seu sorriso de flor engessado. Sempre arrancando de visitantes e amigos exclamações como “Que bonequinha linda!”, “De onde ela saiu?”, ou “Posso tocar nela pra ter sorte também?”. Pois de fato, como não se cansam de dizer por ai, “Essa pequena boneca dá sorte mesmo!” Afinal, desde o dia de seu aparecimento, a família de Júlia teve um progresso muito inesperado em todos os campos, inclusive o financeiro.

Mas se vocês acham que terminarei essa história dizendo “E assim a pequena boneca finalmente entendeu que sua missão podia ser diferente da de suas irmãs-genitoras e foi muito feliz!”, estão enganados. Apesar das várias mudanças que gerou no mundo por onde andou, apesar da sorte que acabou levando àquela casa onde permaneceu, e apesar de a dona coruja olhar certa noite pela janela e pensar “Que beleza! Decorando a prateleira... Finalmente a pequenina encontrou um lar e é feliz!”, nada é exatamente o que parece. Até hoje a minúscula Matrioshka olha de dentro do vidro da sua estante fechada e decorada e se pergunta o porquê de o pai de Júlia não tê-la partido ao meio quando a oportunidade surgiu e a menina disse para a mãe: “Será que o papai consegue quebrar ela no meio e arrumar?”. Estaria tão feliz agora se a tivessem partido ao meio quando houve a chance! Ah, como ela estaria feliz...

E assim, sem recordar nenhum de seus feitos ao longo da vida e sem entender que o seu destino era carregar uma bandeira de coragem e alegrar os outros, a boneca de olhos grandes continua a pensar, dia após dia: “Será que em algum momento vou poder ser feliz como as outras Matrioshkas e fechar os olhos? Serei útil algum dia?”.

Daniela S. T. Merino é doutora em Letras - Literatura e Cultura russa. Autora do livro “Sulerjítiski: *mestre de teatro, mestre de vida*: sua busca artística e pedagógica” (2019), escreve peças teatrais desde 2011, ganhou 2 menções honrosas no Nascente e o segundo lugar no 1º Prêmio Travassos de Literatura. Atualmente desenvolve projetos em parceria com a ilustradora Claudia A. Terehoff Merino, sobretudo para o blog Masticadoresbrasil e em seu instagram @daniterehoff. Tem contos, crônicas e poemas publicados em antologias por diversas editoras desde o início de 2021.

A ilustradora **Cláudia A. Terehoff Merino** nasceu em São Paulo em 1993. É professora de desenho Mangá no Centro Cultural de Ribeirão Pires. Divulga seus desenhos e pinturas em sua página do instagram @caucauilustra; suas ilustrações compõem o livro “Brilha Brilha Adelina”, vencedor do segundo lugar no 1º Prêmio Travassos de Literatura em 2021 (já com contrato de publicação). Alguns de seus desenhos estão publicados também no blog Masticadoresbrasil, no site da Colab55 e na Antologia Café e literatura organizada por Douglas Augusto em 2021.

POR FERNANDO LUIZ DOS SANTOS CHAVES

CONTOS

CONSCIENCIALISMO

UM MUNDO DE LUZ

Contos atualizados e reescritos

Extraídos do Livro:

Os caminhos de Luan Consciencialismo – um mundo de luz

Editora Evangraf - Porto Alegre – RS.

Ano 2005. I

ISBN 85-87455-66-4

CONTO 1

O QUE É CONSCIENCIALISMO?

Consciencialismo é uma palavra que define uma teoria, segundo a qual os dados da consciência, as sensações e os sentimentos constituem o objeto das ciências reais, portanto, essa palavra em breve definirá um sistema ético, abridor de portas para o futuro. Será a palavra-chave do aprimoramento da consciência.

A palavra Consciencialismo vem de *Consciencial* + *ismo*, em que *Consciencial* é adjetivo de gênero relativo ou pertencente à consciência, e *ismo*, sufixo nominal; significa doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso.

Todo o ser humano tem um lado bom e um lado mau dentro de si e a ação desses atos depende única e exclusivamente da vontade e do querer de cada indivíduo.

Sendo assim, esclareço que os dados da consciência, as sensações e os sentimentos constituem a causa do conhecimento profundo daquilo que existe de fato, mas esses dados da consciência não podem ser transferidos de uma pessoa para a outra, esses dados apenas podem ser oralmente narrados ou escritos para os outros, e esses outros, por sua vez, poderão apenas entender, mas jamais saber o fato narrado na íntegra, a menos que essa outra pessoa tenha vivenciado e sentido na carne e no osso a experiência narrada para ela. Ou seja, se eu expuser que recebi um tapa na cara, o outro, pela inteligência, vai apenas compreender o que aconteceu comigo, mas se ele nunca recebeu um tapa no rosto, ele jamais saberá a dor que senti ao receber tal tapa na cara. E mesmo assim, se esse outro também já tenha levado um tapa no rosto, ele jamais saberia a intensidade da dor que senti quando levei o tapa.

É sobre esses dados da consciência, das sensações e dos sentimentos que vamos aprender: a cadeia evolucionária cresce a cada instante que um indivíduo nasce ou morre, todos são eternos mensageiros evolucionários. Todos exercem seus movimentos no estado em que se encontram, independentemente de estarem materializados, ou não.

Vejam bem: assim como a energia é eterna, a consciência também é, pois é uma forma de energia que se aprimora na matéria do corpo humano.

Portanto, CONSCIENCIALISMO será um sistema ético dos mais avançados no trato dos valores morais que definem certos julgamentos, ações ou intenções relacionadas com algo, alguém ou com si próprio. Será o aprimoramento da consciência, tal como foi quando o homem surgiu pela primeira vez na face da Terra.

Imaginem então:

Em um lugar qualquer, encontra-se uma mulher gerando uma criança. De repente, bate um coração, o feto começa a tomar forma e, quando tudo se apronta, recebe o ser uma alma que gera vigor, força, imprime movimento. A alma é uma fagulha de energia, separável do corpo e imortal, permitindo o princípio espiritual do ser humano concebido, principiando-se, portanto, uma nova vida.

A criança nasce e se desliga da parte umbilical que lhe deu sustento; logo, começa a chorar e a ter instintos inatos e semelhantes ao comportamento dos animais, variável segundo a espécie e que se caracteriza, em determinadas condições, por atividades elementares e automáticas, como, por exemplo, o instinto de sucção dos mamíferos.

Os instintos são forças de origem biológica inerentes aos seres humanos e aos animais superiores. Atuam, em geral, de modo inconsciente de qualquer aprendizado.

Valendo-se dos instintos, esse novo ser começa a crescer e a desenvolver-se inconscientemente buscando sua própria sobrevivência.

Nesse estágio, a criança não distingue entre seu próprio corpo e os objetos que a rodeiam: quando esta distinção aparece, podemos falar de descoberta do eu, pois cada passo na descoberta dos objetos tem uma etapa correspondente na consciência de si mesmo, principiando, assim, a sua construção dos sentidos e razão.

A razão, depois de formada, permite ao ser humano a faculdade de avaliar, julgar e discernir o que é melhor para si. Proporciona ao ser humano estabelecer relações lógicas, de conhecer, de compreender e de raciocinar, tornando-se um ser humano pronto para evoluir e movimentar-se aonde desejar. Mas é aí que o bicho pega! Pois mesmo já com a razão formada e o corpo humano podendo movimentar-se aonde quiser, mesmo assim,

ele permanecerá até o final da sua vida, escravo dos instintos vitais e dependente de laços sentimentais.

Os sentimentos do ser humano, como a própria palavra expressa (sentir + mento) significa capacidade para sentir, ter sensibilidade, sendo *mento* a partícula que significa ação ou resultado da ação. Portanto, pode-se definir sentimento como sendo o ato ou efeito de sentir-se.

Cada ser humano tem a capacidade privilegiada em relação às outras espécies existentes na face da Terra, de raciocinar e de sentir-se, provocando nos indivíduos um conflito interno no seu “EU”, sendo isso um atributo exclusivo dos humanos.

Na formação da nossa consciência, esses conflitos podem ser regressivos ou progressivos, em que as diversas e complexas situações de cada indivíduo determinam o resultado. Independentemente do resultado, esses conflitos desenvolvem uma consciência, que nada mais é do que a particularidade que o ser humano toma em relação ao mundo externo em que vive e também em relação ao seu mundo interno por ele vivenciado, permitindo a esse ser humano a faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados, ou seja, o despertar intelectual e moral, em que a indagação e julgamento dos seus atos permitem a esse indivíduo se reconhecer como uma força criadora e um agente responsável.

— Nessa etapa, a sensação e a imaginação: o sonho é separado da realidade e reconhecido como total — disse William, o personagem protagonista desse livro de ficção, que começou a rodopiar fortemente para o lado direito, parecendo um pião desorientado.

De repente, William desapareceu do livro e foi parar em um outro mundo. Mas por sorte, ou sabe-se lá o que, a conexão existente entre o personagem William e a história do livro continuaram e foram escritas, ofertando a oportunidade de acompanharmos as suas aventuras nesse mundo imaginário, compartilhada por escrito com todos nós leitores.

CONTO 2

O MUNDO DOS EGOÍSTAS

William foi parar num mundo onde parecia que estava no vácuo e tudo o que ele via eram apenas feixes de luz. De repente, tudo à sua volta começou a ganhar forma e, aos poucos, foi escutando vozes. Até que, por fim, achou-se em um lugar parecido com um estábulo.

Do lado de fora desse estábulo, uma gritaria estava acontecendo. Vários homens, mulheres e crianças corriam e gritavam desesperadamente, como se estivessem fugindo de algo aterrorizante.

Escutando os gritos, William saiu do estábulo ainda sentindo-se zozinho, tão logo saiu, foi violentamente esbarrado por um homem, que fugia de algo. Os dois rolaram no chão e ficaram estendidos no solo. Mostrando-se nervoso, o homem olhou para William e gritou:

— Esconda-se ligeiro, rapaz, eles estão se alimentando!

Sem entender o que estava acontecendo, William simplesmente o olhou, sem nada fazer.

O homem levantou-se rapidamente do chão, pegou William pelo braço e o arrastou para dentro do estábulo.

— Você está querendo morrer, seu idiota? — perguntou o homem.

Perdendo a paciência e indignado, William indagou:

— Afinal! O que está acontecendo aqui? Onde é que eu estou?

— Você está brincando comigo ou ficou maluco? — retrucou o homem.

— Claro que não! Eu estava na página de um livro e agora estou aqui escutando você me chamar de idiota e maluco. Eu estou perdido. Não consigo entender nada do que está acontecendo comigo. Por favor, acredite em mim e me explique!

— Explicar o quê? Que nós estamos no século XXIII. Que os egoístas estão se alimentando, e que um de nós aqui pode ser o próximo alimento deles?

“Egoístas? Alimento? Que história é essa? Onde é que estou? Devo estar sonhando”, pensou William. “Isso tudo não pode ser verdade. O que será que está acontecendo?”

Logo a seguir, um homem com asas de pássaro e antenas de gafanhoto na cabeça entrou no estábulo, pegou-o pelos braços e, batendo asas, voou com William até uma aldeia bem próxima.

Nessa aldeia, havia vários homens e mulheres. Todos vestidos de branco e conversando ao redor de uma fogueira e inesperadamente, o homem com asas de pássaro, aterrissou bem próximo dessa fogueira, soltando William. Tão logo o soltou, foi embora voando, sem falar com ninguém.

Os homens em volta da fogueira olharam curiosamente para William, que demonstrando-se temer e sem saber onde estava, aproximou-se de um deles e perguntou:

— Onde é que eu estou? Que lugar é esse?

— Você está na aldeia 12 — respondeu um dos homens.

— Aldeia 12?

— Sim! Aldeia 12. E você, de qual aldeia o trouxeram? — perguntaram.

— Eu não sei. Eu estava na página de um livro participando de uma história como protagonista. De repente comecei a rodopiar. Quando vi, estava em um estábulo. Depois fui surpreendido por aquele homem com asas de pássaro que me pegou e me trouxe pra cá.

— Ah! — disse um dos homens. — Então, você que é o William. Que veio do passado saindo da página de um livro?

— Sim! Meu nome é William, e saí da página de um livro. Mas como você sabia de mim?

— Essa é uma longa história, acompanhe-me que eu lhe conto — disse o homem.

Sem saber onde estava e querendo respostas, William não viu alternativa a não ser confiar no homem e acompanhá-lo.

Eles caminharam alguns metros e entraram em uma pequena casa rústica.

Lá dentro, já acomodados frente a frente o homem iniciou uma conversa com William:

— Então você finalmente saiu do livro para nos visitar aqui na nossa aldeia — disse o anfitrião de William. — Todos nós aqui já estávamos ansiosos aguardando a sua visita. Para que saiba, você agora está no futuro, no início do século XXIII, mais precisamente no ano de 2203, e esse agora é o mundo dos Egoístas! — disse o homem contando-lhe a seguinte história: — Quando você saiu da página do livro, abriu-se uma janela no tempo, ligando o nosso mundo à história da qual você saiu. Essa janela funciona como se fosse uma ponte, ligando o século XXIII ao livro do século XXI, do ano de 2005. Por essa janela chegou até nós um documento bastante antigo do início do século I, informando que no século XXIII, alguns dos mistérios sobre como nós, humanos, evoluímos e, também, a informação que nesse século, você nos visitaria. Eu sei que vai ser um pouco difícil de você entender, mas a verdade é a seguinte: aquela criatura que o trouxe voando até a nossa aldeia é um dos novos seres aqui do futuro, que chamamos de Egoístas. Eles são centenas de vezes superiores a nós humanos. Quando esses novos seres surgiram pela primeira vez na face da Terra é que os homens do século XXIII conseguiram entender alguns dos mistérios da evolução humana. Mas para que você melhor possa entender, vou lhe contar exatamente a história, que conforme os homens do passado que aqui nos visitaram, nos contaram! Segundo eles, o planeta Terra começou a existir após uma grande explosão ocorrida em uma estrela, há cerca de 4,5 bilhões de anos. Com a detonação dessa estrela, milhares de rochas se espalharam pelo espaço. Uma delas deu origem ao planeta Terra. Neste momento, a Terra estava superaquecida. No entanto, no cosmos, as temperaturas são negativas, o que provocou um esfriamento de fora para dentro. Este processo iniciou a criação das massas rochosas, advindas das erupções vulcânicas que deram origem à crosta do planeta. Por meio dos milhares e milhares de cometas que continham cristais de H₂O em sua composição e que se chocaram com o planeta Terra em formação, o planeta ficou envolvido por nuvens. A partir daí, começou a chover parecendo dilúvio e a consequência foi o aparecimento dos oceanos primitivos. Assim, aos longos dos anos, surgiram as condições para o nascimento

da vida na superfície do planeta Terra. O planeta, que já continha os germes orgânicos e que após aguardarem o tempo certo para se desenvolver, se congregaram e formaram os germes de todos os seres vivos. Esses germes, como se fossem sementes e crisálidas, permaneceram em estado latente de vida até o momento propício do surto de germinação e de transformação de cada espécie. Então os seres de cada uma destas espécies se reuniram e se multiplicaram. Até que em um certo dia os primatas que existiam e viviam em um único grupo no planeta Terra foram fortemente atingidos por frequências energéticas vindas das irradiações do Sol, as quais penetraram na atmosfera da Terra, devido às fortes mudanças climáticas que ao longo dos anos vinham acontecendo. Alguns primatas foram fortemente atingidos por essas frequências e, ao longo do tempo, de modo espontâneo, estes que foram atingidos afastaram-se dos demais e formaram os seus próprios grupos. Com o decorrer dos anos, novos grupos de primatas começaram a evoluir de modo e formas diferenciados em relação ao grupo de origem e este novo grupo de primatas evoluídos foi se transformando em homens primitivos, perdendo toda e qualquer relação com os primatas que lhes deram origem, passando a existir macacos e homens racionais!

E o homem do futuro continuou:

— Mas isso não é tudo! Os homens então, após bilhões de anos, mais precisamente no ano de 1997 d.C., anunciaram para o mundo o desenvolvimento bem-sucedido de uma ovelha, feita a partir do DNA da célula de um animal adulto e usaram uma corrente elétrica, que para quem não sabe, essa corrente elétrica, nada mais é que o fluxo dos elétrons que percorrem um condutor qualquer em uma certa unidade de tempo, que nesse caso, foi usada para unir uma célula adulta a uma vazia. Em 2004, o especialista em fertilidade, Panos Zavos, disse ter implantado um embrião humano clonado em uma mulher e, nesse ano também, pesquisadores sul-coreanos e norte-americanos afirmaram terem clonado um embrião humano e extraído dele células-tronco. A clonagem para fins terapêuticos, antes uma teoria, torna-se realidade. Nessa realidade os cientistas não levaram em conta o fator surpresa do sentimento egoísta existente nos seres humanos, e, do mesmo modo que os macacos, os homens foram sofrendo ao longo do tempo

inúmeros novos bombardeios de frequências energéticas, vindas das irradiações solares. Alguns homens foram fortemente atingidos por essas frequências, especialmente aqueles modificados geneticamente e, ao longo do tempo, de modo consciente, estes seres humanos modificados geneticamente que foram atingidos, afastaram-se dos demais homens não modificados geneticamente e formaram as suas próprias sociedades. Esse novo grupo de homens modificados geneticamente, com o passar dos anos, começou a evoluir de modo e forma diferenciada, criando novos sentidos e formas. Após se transformarem em novos seres, os Egoístas, perderam toda e qualquer relação com os homens que lhes deram origem, passando a existir macacos, homens e os novos seres modificados geneticamente, que receberam o nome de Egoístas. Esses novos seres passaram a ser os seres superiores do planeta. Mentalmente, ele têm capacidades utilizadas de memória superior aos mais sofisticados computadores conhecidos pelo homem do final do século XX. A forma deles se comunicarem é a mesma dos homens, porém centena de vezes mais rápida. Essa rapidez torna praticamente impossível a comunicação entre os homens e os Egoístas.

E continuou:

— Sua forma física é quase semelhante à dos homens, porém esses novos seres têm asas de pássaros e antenas na cabeça parecidas com as antenas dos gafanhotos. Essas asas permitem-lhes locomover-se numa velocidade espantosa, enquanto as antenas permitem-lhes captar sons e imagens a centenas de quilômetros de distância. Com os Egoístas vivendo entre os homens, a sociedade humana ficou inútil. E os homens passaram a viver em aldeias, como esta em que estamos. Esses novos seres destruíram todos os nossos meios de transportes, energias e comunicações, pois esses meios interferiam diretamente na comunicação e locomoção deles, que já nasceram providos de antenas e asas. A exemplo de nós, assim como nós mantínhamos em cativeiro gados, galinhas, porcos, enfim, todos os animais que nos serviam de alimentos, os Egoístas também mantêm em cativeiro os animais e alguns homens, pois estes são o principal alimento que lhes possibilita comunicarem-se e se locomoverem com a velocidade de que necessitam. O processo de seleção dos homens mantidos em cativeiro é pela cor da aura.

Os novos seres são portadores de novas faixas de visão e, em uma dessas faixas, lhes é permitido enxergar as auras humanas. As cores das auras humanas mostram para os novos seres os homens de maior aproveitamento energético e esses são mantidos em cativeiro como fonte alimentar energética. Os prediletos deles são os humanos jovens, pois esses apresentam uma quantidade maior de energia vital. Por intermédio das antenas, os novos seres sugam à distância toda a energia vital desses humanos e, depois, colocam os seus corpos em depósitos especiais de lixo, onde os restos mortais servem de adubo orgânico para as lavouras. Portanto, aqui você está seguro, pois a nossa aldeia é formada apenas de homens reprodutores, o que em parte, garante a nossa sobrevivência. Acontece que a nossa aldeia é a única aldeia de humanos reprodutores existente. Os novos seres nos mantêm aqui, aprisionados, para procriarmos novos seres humanos para eles. Quando nossos filhos nascem, eles os levam para outros estábulos e lá os criam até atingirem a coloração de aura ideal para serem consumidos. Com isso, nós homens estamos prestes a nos extinguir. Assim como nós humanos extinguímos outras espécies de animais, hoje estamos correndo esse mesmo risco. Segundo os pergaminhos, o futuro é como se fosse uma bifurcação com dois caminhos a serem trilhados. Um deles é o da fantasia e o outro é da realidade. A escolha do caminho a seguir será sempre a dos seres humanos — concluiu o homem do futuro.

— Quer dizer então que a sociedade humana será assim no futuro? — perguntou William.

— Essa sua pergunta vai depender apenas das escolhas que a sociedade humana fará em relação às ações tomadas, a respeito das atitudes, conhecimentos e a consideração ao próximo e pela natureza existente no século XXI. Mas a boa notícia é que ainda existe uma esperança disso tudo ser mudado. Afinal de contas, toda essa história que hoje estamos vivenciando é uma história, a qual ainda não existe no século XXI. Entendeu? — perguntou o homem do futuro.

— Sim! — respondeu William. — Mas o que devo fazer para ajudar essa história horrível ser revertida?

— É bem simples, é fazer com que os leitores do livro de onde você saiu sejam conscientizados disso que está por vir. A escolha para a reversão disso dependerá apenas deles! — respondeu o homem dizendo pausadamente em voz alta a seguinte palavra que mais parecia um mantra, uma mágica: — **Cons - ci - en - ci - a - li - za - ção** — disse-lhe em alto e bom tom o homem do futuro.

Escutando isso, William outra vez começou a girar feito um pião desorientado, mas desta vez, o movimento do giro foi da direita para esquerda.

William foi aos poucos desaparecendo desse horrível mundo dos Egoístas e foi parar, desta vez, no belo e fantástico mundo dos Altruístas.

CONTO 3**O MUNDO DOS ALTRUÍSTAS**

William parecia que estava no vácuo e tudo que ele via nesse mundo onde foi parar eram apenas feixes de luz. De repente, tudo à sua volta começou a ganhar forma e, aos poucos, foi escutando vozes. Até que, por fim, achou-se em um lugar muito lindo, repleto de jardins e encantos, parecendo um cenário de contos de fadas.

Alguns metros de um desses jardins, um homem todo vestido de branco, parado em pé ao lado de uma gigante bolha transparente parecida como uma bolha de sabão, acenou para William e o convidou:

— Por favor, meu irmão, venha até aqui que eu preciso conversar com você!

— Quem é você?

— Eu sou um irmão seu do futuro! — disse gentilmente o homem abrindo uma porta transparente na bolha onde ele estava e pediu para William entrar.

— Por que devo entrar aí? — perguntou William.

— Para que eu possa lhe mostrar a nossa casa.

— Casa, que casa? Afinal, que lugar é esse em que estou? — indagou William.

— Você está no futuro e esse agora é o mundo dos Altruístas! — disse o homem, contando-lhe o seguinte: — Nesse mundo nós somos totalmente contrários aos egoístas. Nós repudiamos os Egoístas. Aqui amamos os outros como amamos a nós mesmos. Aqui preservamos tudo e tudo nos preserva. Você está agora no século XXIII, mais precisamente no ano de 2203. Nós sabemos quem você é e já estávamos lhe aguardando. O seu nome é William e você estava na página de um livro, no ano de 2005, do século XXI, não é verdade?

— Sim! — confirmou William. — Mas como é que você sabe disso?

— Nós sabemos porque antes de você chegar aqui, um documento bastante antigo do século I chegou primeiro que você, e nesse documento, a sua vinda até nós já estava prevista, por isso sei o seu nome e a época da qual você veio.

— Mas como isso aconteceu?

— Isso aconteceu quando você saiu da página do livro em que estava. Quando você saiu do livro, abriu-se uma janela no tempo, ligando o nosso século ao seu. Essa janela funciona como se fosse uma ponte, ligando o século XXI de onde você veio ao nosso século XXIII. Nós ainda não sabemos quais as razões que levaram isso a acontecer. Mas o importante disso é que por essa janela, antes de você, chegou até nós um documento bastante antigo, e nele, já estava escrito tudo isso que lhe falei.

— E você quer que eu embarque nessa bolha agora pra quê? — perguntou William.

— Para lhe mostrar o nosso planeta, o antigo planeta Terra, que hoje é chamado de nossa casa. E a bolha a qual se refere é o nosso meio de transporte atual, ele é totalmente panorâmico e ecológico. Esse nosso veículo de transporte não produz nenhum tipo de poluição. E agora, você aceita entrar em nosso veículo e viajar comigo, para conhecer a nossa casa? — disse o homem do futuro esclarecendo.

Sem alternativas e com muito receio, William embarcou numa viagem, ficando junto ao homem naquele veículo do futuro.

A bolha partiu e lá do alto, a uns 200 metros de altura, enquanto viajavam, William deslumbrava-se com a beleza da natureza exuberante dos lugares pelos quais passavam.

Na terra, vista lá de cima, tudo se parecia a belos jardins repletos de flores. Os homens, usando roupas brancas, circulavam livremente pelos bosques e jardins. Nas ruas e calçadas as crianças brincavam livremente.

Poluição não existia! No céu só havia algumas nuvens brancas como uma neve e muitos pássaros voando abaixo da bolha transparente, que pareciam folhas coloridas, decorando livremente o imenso espaço azul do céu que lhes dava passagem.

Nas águas, os riachos e os rios eram transparentes como vidros. Do alto, eles podiam ver a fauna e a flora existente no fundo das águas. O mar tinha uma cor muito especial, ora verde, ora azul, onde as baleias, agrupadas, pareciam dançar e passear sem coação pela imensidão das águas do oceano.

Diante de tamanho esplendor visual, os olhos de William encheram-se de lágrimas de emoção, vendo tanta vida desfrutando juntas, tamanho espaço repleto de paz, respeito e harmonia.

As horas pareciam-lhe minutos e o mundo um paraíso. Nesse clima, a bolha pousou e eles desembarcaram. Ao saírem da bolha, foram recepcionados por um grupo de pessoas que fraternalmente disseram-lhes:

— Sejam todos bem-vindos, amados irmãos, ao nosso lar. A casa é nossa, sintam-se à vontade.

O homem do futuro agradeceu-lhes e a pé caminharam mais alguns metros e entraram em um templo muito lindo, todo dourado.

Já lá dentro, o homem apontou para uma cadeira confortável e disse:

— Por favor, meu irmão, sente-se! — sentando-se ele também em uma cadeira à frente de William, que não resistindo mais a tamanha experiência foi logo dizendo:

— Que coisa linda esse lugar, como é que vocês conseguiram fazer o mundo ficar tão lindo assim?

— Simples! — respondeu o homem do futuro. — O mundo começou a ficar bonito quando o egoísmo passou a ser banido da face da Terra.

— Como assim? Me explique isso melhor.

— Pois bem! — disse o homem. — Vou lhe contar o que aconteceu: tudo começou quando o homem definitivamente conscientizou-se que uma consciência bem formada, preservada e respeitada, nos leva a garantir a nossa imortalidade como entidade espiritual e que a prática do bem é *sine qua non* para a eternização da nossa alma. A prática do bem, altruísmo, da raiz latina *alter*, que significa outro, é a capacidade que o ser humano tem de abrir mão dos próprios interesses para se preocupar com os outros. É o oposto do egoísmo — disse o homem pacientemente, iluminando o assunto. — O altruísta é generoso, merecedor de consideração e apreço. O verdadeiro altruísta não se improvisa, mas se conquista desde a infância, aprendendo que sempre devemos evitar e combater as manifestações insistentes do egoísmo. Mas lamentavelmente a realização dessa prática não foi levada a sério pela maioria das nações do século XXI. Em grande

parte das escolas, famílias, comunidades e principalmente nos estados, a maioria dos líderes apenas se apresentava disfarçadamente usando máscaras de altruístas, almejando apenas se autopromoverem. O verdadeiro altruísta não usa máscara de altruísta que apenas coloca um simples casaco sobre o menino que dorme no chão frio de uma calçada; o verdadeiro altruísta abriga o menino e recupera aquela vida. O altruísmo sem máscara é uma virtude indispensável para a felicidade de uma nação, família ou comunidade.

E prosseguiu o homem do futuro:

— No século XXI, a tecnologia havia evoluído muito, mas o ser humano ainda permanecia moralmente em estado primitivo de consciência. A grande prova disso que estou lhe dizendo foram as guerras e o terrorismo que aconteciam naquele século. E como se isso tudo não fosse o suficiente, além das mortes causadas pelas guerras, mais milhões e milhões de mortes de pessoas ainda aconteceram por causa de uma pandemia que se instalou na sociedade daquela época, acirrando mais ainda o ódio existente daquela sociedade mundial. E entre as vacinas aplicadas a melhor de todas foi o combate contra as manifestações insistentes do egoísmo. Tudo isso aconteceu porque o homem, que tinha avançado tanto no mundo da tecnologia, não teve a sensibilidade e o grau necessário de consciência para evitar que o egoísmo tomasse conta do mundo.

William interrompeu o homem e solicitou-lhe um esclarecimento:

— Você disse que o egoísmo tomou conta do mundo. O egoísmo que você se refere é o coisa-ruim propriamente dito?

— Claro que não! (*1) “O egoísta, em que o termo designa amor por si mesmo, é a capacidade que o indivíduo tem de procurar sempre e em tudo o seu interesse imediato, e para alcançá-lo, não leva em conta nenhum princípio moral! A deslealdade, a traição, a falcaturia, tudo para ele é bom, desde que favoreça a seus objetivos pessoais. O egoísta é roído pela ambição e pela inveja. Incapaz de se alegrar com a felicidade alheia, só vê nos outros os competidores que é preciso neutralizar ou eliminar. Todo seu dinamismo interior, sua inteligência, sua imaginação, sua vontade são polarizadas pelo objetivo único de ampliar suas próprias satisfações. O egoísmo é a atitude mais estéril e mais infeliz.

Imolando toda a sua vida ao próprio eu. Do ponto de vista social, o egoísta é a raiz amarga de todos os males que afligiram a humanidade”. O egoísmo insaciável e ganância de muitos ricos provocaram a revolta e o ressentimento dos pobres, que com suas fragilidades sociais, sem escolas e muitos até mesmo sem terem onde morar e comer, ficavam perdidos sem saber como agir. O ódio está ligado ao egoísmo, porque é ele que contamina todas as estruturas sociais. Daí em diante, nós, seres humanos mansos de boa vontade, que nos amamos como irmãos que de fato somos, tiramos as máscaras de todos os falsos altruístas e reconstruímos o nosso planeta baseado nos ensinamentos do amor. (*2) “O amor, para que saiba, é o mais nobre sentimento de que é capaz um ser racional. O amor não se reduz à mera simpatia romântica e, muito menos, à atração sexual. Consiste, essencialmente, em querer o bem do outro, empenhando nesta vontade o próprio ser. Por outras palavras, é essencialmente o dom do próprio ser para prover o maior bem do outro. Assim, ele é fundamentalmente desinteressado, representando a maior vitória sobre o egoísmo. O verdadeiro amor sabe compreender as fraquezas sem justificá-las; sabe valorizar as qualidades, sem lisonjeá-las. Ele se manifesta, não apenas por palavras de carinho, mas por gestos e obras. Daí, a imensa significação social do amor”. — explicou o homem do futuro. — O amor constrói, enquanto que o ódio só sabe destruir. Com essa compreensão nós, homens do futuro, edificamos a nossa grande civilização e, em um consenso mundial, mudamos o nome do planeta Terra para planeta A Nossa Casa. Hoje, a única luta que travamos é contra as manifestações insistentes do egoísmo.

Tão logo William terminou de escutar isso, começou a rodopiar ora para o lado esquerdo, ora para o lado direito, parecendo uma bússola desgovernada, mas quando o giro encontrou o ponto certo do equilíbrio, William desapareceu de onde estava e veio parar novamente na página do livro do qual saíra.

FIM

REFERÊNCIAS

(*1) BRASIL. Ministério da Educação. **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo**. Brasília, DF: Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), 1967.

(*2) BRASIL. Ministério da Educação. **Pequena Enciclopédia de Moral e Civismo**. Brasília, DF: Fundação Nacional de Material Escolar (FENAME), 1967.

CHAVES, Fernando Luiz dos Santos. **Os caminhos de Luan**. Porto Alegre – RS. Editora, Evangraf, 2005.

Livros do autor Fernando Luiz dos Santos Chaves

- Os Caminhos de Luan – Consciencialismo um mundo de luz.
- O homem é ou não é um animal racional?
- A matemática da eternidade e dos encontros (Primeira edição).
- A matemática da eternidade e dos encontros (Segunda edição).
- Trilogia - Um terráqueo rumo ao planeta Htrae



Sobre o autor: Fernando Luiz dos Santos Chaves, nasceu em 1955 na cidade do Rio Grande - RS.

POR IDICAMPOS

CONTO
A REVOLTA DAS BACTÉRIAS



Conto

Bombou no Z 10! Leia no digital, estampado no rosto do periódico: “A revolta das bactérias”, porque a dor da gente sai no jornal!

Um cientista, daqueles famosos — genial — estudou anos, pois procurava uma droga capaz de acabar com a burrice, exterminar a falta de bom senso, o desrespeito ao outro, o mau humor, a ignorância...

A procura da química perfeita custou ao intelectual o desatino da perseguição, afinal, os conservadores — munidos dos direitos da propriedade intelectual — reivindicavam a inteligência mediana, o raciocínio curto. Argumentavam que o ser humano era destituído da capacidade de lidar consigo mesmo.

A coisa fedeu com a divulgação do resultado das pesquisas do cientista, logrou experiências bem sucedidas de aumento de QI.

Conseguiu transformar um egoísta ambicioso, num fraterno agricultor de produtos orgânicos, responsável por uma produção estupenda de alimentos saudáveis.

Recuperara um meliante com poesia, o criminoso retornara a sociedade, envolvido com recitais literários.

A substância produzida pelo doutor Tutposso constituía a maior descoberta do século vinte e um, um verdadeiro sucesso!

O conflito da inteligência com a demência acirrou, quando perturbou o interesse dos espertinhos...

O centro de pesquisa explodiu, matando o cientista, exterminando o estudo de décadas.

A polícia de Mesquita, município carioca, registrou a ocorrência, concluindo incêndio criminoso.

No sepultamento de Tutposso compareceu a esposa, a amante, três filhos, o reitor da universidade, o porteiro do prédio, o cachorro, etc. Todos entrevistados na reportagem do jornal digital: o famoso Z10!

Invisivelmente, as bactérias do corpo do cientista migraram para os presentes, na evaporação do suor do defunto...

A liderança das bactérias mobiliza as amigas, invadem os intestinos, dominam os organismos, programam o destino da raça humana; uma ameaça ao poder do Estado, caso de subversão... O DNA do gênio instalara-se no código genético das bactérias, a ignorância estava com os dias contatos...

A patologia das minúsculas consistia na proliferação do questionamento, febre alta de ler, calafrios de saber, delírios de amor. O veículo de contaminação é a água. Habitat natural das bactérias.

O governo age, arranca as folhas dos livros, ameaça os professores, estabelece a lei da escola sem partido, persegue os escritores, cala a opinião, extermina o abraço.

As monstrixas estão em toda parte, mais assustadoras que terror de filme comercial, capazes de alterar o curso da história do planeta!

Respire fundo, relaxe, previna-se: veja televisão, assista a uma novela mexicana, queime livros; nem tudo se perdeu, ainda temos a proteção da mitologia da burrice.

Com o tempo, as autoridades aperfeiçoaram a reação: caçaram as paixões dos amantes, proibiram o carinho, puniram o beijo de língua.

Adiante, acrescentam geosmina na água, remédio desenvolvido no Ministério da Saúde, com eficácia comprovada contra o raciocínio crítico.

As bactérias, acuadas, exilam-se na Fiocruz... A repressão descobre, fecha a fundação, isola as subversivas; incinera as bactérias na fogueira.

A fumaça da cremação visita o mundo dos mortos, a fila da volta sofre alteração... Elas dominam o ciclo da vida após a morte, frequentam sessão espírita, psicografam uma mensagem: reencarnarão em breve... Cuidado!



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

POR IRACI JOSÉ MARIN

CONTO
CECÍLIA



Conto

Cecília nasceu magrinha e comprida. Ao fazer o parto da menina, a parteira dizia palavras de encorajamento para a mãe e ria mansinho porque a menina não parava de sair do seu útero, de tão comprida. Dona Rosa comentou depois que a menina era fora do normal, intrigada porque a mãe era pequeninha, a menor de todas as mulheres da Linha Santa Cecília.

Ela cresceu bem além dos outros irmãos, que precisavam olhar pra cima pra falar com ela. De longe, qualquer um podia divisar Cecília no meio das outras crianças. Na escola, tinha que ficar por último na fila justamente pra não atrapalhar nenhum colega que ficasse atrás dela. Passou a ser conhecida como “a comprida”.

Foi na adolescência que percebeu: alta e magra, destoava de todos. Suas pernas eram finas e longas, duas taquaras brancas. Caminhava meio desajeitada, motivando gracejos escondidos e imitações. Tinha quadril reto e cintura fina. Os seios eram quase sem volume. No banho, colocava as mãos sobre eles e via que sobrava espaço na palma das mãos.

Tinha olhos claros e rosto bonito. Mas, todos os dias, percebia seu físico estranho e fora do comum, assim como outra menina da mesma Linha, que era baixinha e gorda, e por isto a chamavam de ‘barrilzinho’.

Obrigou-se a viver um pouco isolada para não sentir olhares maldosos e frases jocosas. “Como está a temperatura lá em cima?” Queria retrucar, mas não conseguia. Queria resistir, mas não podia. Queria ser tão graciosa quanto as sementes da romã, mas seu corpo não ajudava.

Vivia numa sucessão de dúvidas e indecisões. Permanecia em silêncio, não tendo muito no quê pensar. Ficava quieta quanto era possível a alguém ficar quieto. Decidiu fortalecer-se pra ser ela mesma. Mas qual o caminho para esta imunização?

Iniciou envolvendo-se numa armadura de silêncio. Não se enturmava, não perguntava e não respondia, se escondia, vivia como se envolvida numa armadura.

Devia conduzir assim a sua vida, resignadamente? Viver desolada com a realidade? Abandonar todos os sonhos?

Um dia, ela concluiu que devia aceitar a desproporção do seu corpo para ser ela. Sabia que não era fácil.

Ela sentia-se desprotegida, às vezes sem forças.

Ficou sem forças mesmo. Começou a faltar-lhe energia para brincar e correr – quando corria, era de um jeito tão desengonçado que provocava os risos de todo mundo –, faltava-lhe energia pra ler e estudar, para ajudar a mãe, faltava pra tudo. Um dia, queixou-se: “Mãe, eu não estou bem.” A mãe olhou-a com tristeza, adivinhava a sua sorte.

A mãe sempre tivera grandes apreensões com a filha. Rezava para Santa Cecília, padroeira e protetora, mas não tinha certeza de que estava sendo ouvida. Sua intuição sempre lhe dizia que Cecília teria uma vida breve e isto doía dentro dela, no coração de mãe. E tinha razão.

Um dia, Cecília não acordou.

Foi o enterro mais concorrido da Linha Santa Cecília. Ninguém queria deixar de acompanhar a última viagem daquela que em vida fora diferente. Escondida no caixão, ela sorria, tão suave lhe foi a morte.

Devido ao comprimento da falecida, o caixão foi levado por seis pessoas, três de cada lado segurando as alças. Tiveram que abrir uma cova em lugar especial, fora da ordem das filas de túmulos. Também na morte Cecília era diferente.

Alguns queriam escrever na lápide: “Aqui jaz a comprida”. Mas só a foto colorida do seu rosto ficou ali, apontando que ser diferente, na vida ou na morte, não faz qualquer sentido.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor estadual aposentado (RS) e advogado. Publicou obras de ficção, bem como artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Acaba de lançar HISTÓRIAS DE ONTEM, livro de histórias para público infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com).

POR MARCELO GOMES JORGE FERES

CONTO
A BICICLETA DO DIABO



Conto

No dia 17 de setembro de 1944, na operação militar chamada Market Garden, um soldado paraquedista inglês fora lançado, juntamente com sua bicicleta, sobre a cidade de Nimegue, nos Países Baixos.

Seu nome era Charles Wesley. Tinha dezenove anos e era noivo de uma tal Jessica Smith. Fazia parte de uma tropa treinada para avançar em terrenos acidentados utilizando a ajuda de bicicletas; era um *Paratrooper*. Sua missão: matar alemães e seus aliados e ajudar a ocupar pontes, ou a destruí-las, na preparação da invasão da Alemanha pelas tropas Aliadas.

Charles trazia um retrato de sua amada noiva embutido em um broche atado a uma corrente de ouro, ao redor de seu pescoço. Quase chegando ao solo, em sua descida de paraquedas, e na qual vislumbrara lindas paisagens, ficara preso aos galhos de uma árvore - quando esta corrente de ouro enroscara em seus galhos -, e ocorreu do peso de sua bicicleta, que havia de modo inexplicável ficado presa a seus pés, levado o infeliz soldado a morrer enforcado.

Em julho de 1948, já finda a Segunda Guerra, algumas centenas de holandeses fundaram uma cooperativa agropecuária em uma antiga fazenda, em Paranapanema, no estado de São Paulo, no sudeste do Brasil. Entre esses imigrantes, havia um, de nome Kaspar Gastman, que trouxera ao Brasil, consigo, uma bicicleta desmontável que, segundo ele mesmo contava, havia encontrado abandonada em um campo de batalha, durante a segunda guerra mundial.

Conta-se ainda hoje, na região de Paranapanema, que, em uma noite de sexta-feira, noite de lua cheia, no ano de 1950, houve uma aposta feita em uma mesa de pôquer em um bar da cidade, na qual um imigrante holandês apostou uma rara e cara bicicleta, da segunda guerra, contra uma noite de amor com a mulher de um tal Chico. Conta-se, ainda, que o tal Chico perdeu no jogo de pôquer a sua mulher, por uma noite, e que cumpriu com a sua palavra, entregando a mulher a outro homem, mas que, no dia seguinte, uma vez já paga a aposta e cumprida a sua palavra dada, matou a facadas a própria mulher e, ainda, que teria matado também a facadas um imigrante holandês e, depois, que teria se matado também, bebendo veneno de rato.

Renato é filho de Matias. Matias enriquecera lá pelas bandas do sul. Dizem que trabalhava com compra e venda de coisas antigas. Mas o fato é que Matias enriquecera e seu filho, Renato, gozava, agora, no início dos anos setenta, da ótima situação financeira da família. Morava, a família, na Lagoa Rodrigo de Freitas, na zona sul do Rio de Janeiro.

Mistério, mesmo, era a origem daquela bicicleta. Chamava a atenção de todos por sua aparência e por sua peculiar antiguidade. Vendê-la, Matias dizia que jamais a venderia. Com muita relutância, emprestava-a, às vezes, a Renato, seu filho, mas sempre sob a promessa, deste, de tomar o máximo cuidado com a bicicleta e de, havendo o que houvesse, sempre devolvê-la. Matias era, sim, por demais ciumento com aquela bicicleta.

E foi por causa dos ciúmes de Matias que Renato morrera. Não a entregara ao bandido que quis tomá-la dele quando, ao cair da noite, Renato dava volta à Lagoa, pedalando e chamando a atenção de todos pela elegância em que, juntos, ele e aquela bicicleta - linda! - se apresentavam, em uma espécie de ritual de beleza e leveza que se estabelecia nas pedaladas do jovem. Mas Renato morrera e, segundo as duas testemunhas que se apresentaram à polícia, a bicicleta fora roubada e levada pelo ladrão homicida.

Armando tinha cinco anos de idade quando vira aquela bicicleta pela primeira vez. E se apaixonara por ela. Perdidamente. Foi em uma manhã ensolarada quando, junto com seu irmão mais velho, pescavam no Lago de Javari, em Miguel Pereira, no estado do Rio de Janeiro. Um homem que trajava um uniforme azul escuro passara pedalando. Que bicicleta linda! Armando jamais a esqueceria. Dez anos mais tarde, recordava-se daquela manhã em Javari. Acordara, anestesiado, no hospital municipal de Miguel Pereira. Havia, sim, reencontrado a sua tão desejada bicicleta, tantos anos depois — reencontrou-a, adquiriu-a, e fora atropelado quando a pedalava.

Ele estava se dirigindo à R. W., para comprar um balde para uso de concreto. Estava descendo, sem freios, pela rua de paralelepípedos que desembocava na estrada de asfalto, bem em frente à R. W., quando, da rua perpendicular, saiu aquele carro, sem avisos e sem advertências, e Armando simplesmente colidiu com ele, sendo arremessado por cima do carro. Quebrara a vértebra. Ficara tetraplégico, e por todo o restante tempo, de sua presente existência, jamais andaria novamente, nem a pé e nem de bicicleta.

Rute sempre sonhara em morar em Geribá, mesmo que fosse em uma rua não muito próxima da beira-mar. E sonhos podem se tornar realidade – bastando, para tal, sonhá-los e, claro, realizá-los. E foi em 2005, depois de muito esforço pessoal, seu e de toda a sua família — de seu marido, Paulo e, também de seus dois filhos, Laura e Tomé — que Rute pôde morar, com a família, em Búzios — neste lindo balneário do estado do Rio de Janeiro.

E já havia dois anos que eles lá moravam em uma simples, mas acolhedora casa feita de pedra, madeira e vidro – justamente a casa que Rute sempre idealizara por toda a sua vida. Ah! Sonhos dourados! Como é bom tê-los! Como é bom vivenciá-los!

Mas foi em uma manhã de sexta-feira, manhã fria e nublada em que chuviscava uma chuva triste, que a campainha soou na casa de Rute e de sua família. A esta hora, hoje?! Quem seria? Rute foi atender à porta, mas sentia-se apreensiva.

— Rute! Bom dia! Sou eu, Rubens, seu vizinho da casa da frente!

A porta de entrada da casa de Rute ficava a cerca de vinte metros do portão que se abria para a rua, e o Rubens gritara assim que ouviu Rute abrir a porta da frente. Sabia que era ela, pois sempre era ela quem vinha atender ao portão a qualquer um que soasse a campainha.

— Bom dia, Rubens! A que devo esta honra, a esta hora da manhã?!

— É o seguinte, Rute: não sei se vocês repararam, mas desde ontem de manhã que alguém esqueceu uma bicicleta aqui do lado de fora, em frente a sua casa. Por acaso a bicicleta é de alguém daí?

— Não! Daqui, não é! Estou vendo as duas bicicletas dos meninos, bem aqui!

E Rute abriu um pouco mais o portão e deu uma olhadela — O Rubens estava de bermuda amarela e chinelo. A bicicleta? Bem, parecia ser bem antiga, embora parecesse bem cuidada e em bom estado.

— Não... não é daqui, não.

— Bem, Rute, é o seguinte: vou pegar esta bicicleta. Se, acaso, aparecer alguém procurando por ela, diz que está lá em casa, e que a peguei só para guardar, ok?

— Tudo bem, Rubens! Bom dia para você!

Que achado! Uma BSA! Parecia ser da década de 50! Uma BSA, Birmingham Small Arms! Uma *Paratroopers*! Linda! Linda! Veterana da segunda guerra! Com certeza!

O Rubens sempre fora apaixonado por bicicletas antigas! Ainda mais uma veterana da segunda guerra! Que coincidência! E o que seriam aqueles vestígios de antiga incrustação — CW & JS? E quem abandonaria uma raridade dessas, assim, do nada?

E foi assim que o Rubens morreu, andando de bicicleta, em uma manhã chuvosa de sexta-feira. Caíra e quebrara o pescoço. Rute, ao saber do ocorrido, naquele mesmo dia, achou por bem não comentar com quem quer que fosse a sua conversa, sem testemunhas, com o falecido. Parecia temer. Poderia ser a próxima a cair de uma bicicleta...

Hoje, em 2021, Afonso sempre que passa defronte a loja de bicicletas usadas, em Juiz de Fora, sente uma estranha atração e um quase irresistível desejo – o de adquirir e possuir aquela bicicleta. Que coisa estranha! Parece, até mesmo, que sua pele toda se arrepiia. Ele até sente calafrios. Os pelos de seus braços se eriçam. Mas algo dentro dele parece adverti-lo — Cuidado, amigo! Não te abeires deste precipício! Esquece estas vertigens que agora sentes! Muitos já sentiram o mesmo! Mas, esquece-os! Pois, às vezes, o desejo incontido, pelo consumismo, traz escondido, no recôndito da alma, muitos possíveis perigos! Quem poderia, ao certo, saber, meu amigo, de onde surgem nossos arrepios, esses que surgem furtivos, repentinamente, e sem qualquer aparente motivo, porém advertindo-nos sobre algo estranho presente em nós mesmos?

Marcelo Gomes Jorge Feres nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 16 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

POR MARCELO GOMES JORGE FERES

CONTO
CASA ALHEIA



Conto

Entro, pela porta polida, em casa alheia. Sento-me diante da mesa posta, em uma poltrona confortável. Sou indiferente aos aspectos da moradia, mas fito de maneira teimosa, e incessante, a janela acortinada que isola o oxigênio bondoso. Se as crianças tropeçam no tapete ou se o armazém priva-as da refeição, não movo sequer um dedo, não esboço qualquer atitude de socorro. Os anfitriões me cercam e colorem a casa e constroem castelos e perfumam o ar; mas algo me diz que lá fora está a verdadeira razão de ser. Eu me levanto, rodeio a janela obscura e incerta, torno a sentar e levantar, dou voltas e me canso; observo os detalhes, mas sou surdo; cresço em anos e me sento; levanto-me apressado e tenho um sorriso impaciente e angustiado; tenho muita calma e sofro pelo absurdo de ser; volto-lhes as costas e me chamam, acariciam, me prendem e pedem; tocam minha música e esperam. Em rodeios e rodopios alucinados, e diários e noturnos, a casa cresce, desenfreada, e me absorve; e eu revido e a absorvo; e novo jogo de existir é posto sobre a mesa posta; e ainda não terei de descortinar um pequeno ponto de saída em meio ao gigante ambiente do dia-a-dia. Olho ao meu redor e aperto os olhos e não compreendo; e falo e ouço risadas soltas em ambiente de gala; subo e desço escadas, penetro quartos e salões; que casa!

Já não é moradia alheia; chamam-me filho, trocam minha roupa e beijo meus irmãos; que triste pesadelo! E finalmente me deixam partir, para a escola, para o cinema, até a porta ou janela, para chorar no enterro que parte. Eu me revolto e fico impassível e doente; todos adoecem comigo; mas os hinos da salvação entoam o chamado e correm os médicos e curandeiros, soletram e insistem, amam e suplicam, e eu cedo aos encantos de uma criatura inocente e bela que me cerca e me dá as mãos, e juntos corremos pelos jardins da sala ao lado, alegres, esquecidos e descontraídos, aflito.

— Não se esqueça de lavar as orelhas!

Após o jantar, há festas e planos; as mães contam histórias e eu empalideço; dizem é-assim, e nada ouço, e rezam por mim, e eu pergunto por que; esperam que assim-seja e simulo distração; e, aos poucos, sou vencido por mim mesmo: o cansaço, a dor e a agonia dos vencidos, a carreira da liberdade furtada, o comportamento impensado e insuspeito do prisioneiro sem escolhas. E a obsessão da fuga, criando janelas irreais nas paredes do quarto, do corredor, da razão filosófica, num triste caminhar da mesa posta à escarradeira doméstica de todos nós. E novos há que de todos os lados chegam à casa alheia, à minha casa perfumada e colorida; com cores novas e perturbadoras nos olhos, eu perfumeo o ar e acarício e troco as roupas, e tenho sonhos horríveis à noite, e tenho amigos e uma vaga ocupação — é o início!

E, de repente, sobressalta-me a figura de uma tenebrosa janela, e o medo de partir me assola o coração; e eu escondo o rosto cansado nas mãos sofridas, e me sento; e, de costas para a janela de outrora, esboço os inícios de uma história, criticada, cansada, tão fútil! E pinto várias janelas coloridas, e janelas iguais, e janelas rasgadas, uma a uma, todas as histórias, empoeiradas e guardadas, esperando qualquer coisa que as distraia, a televisão, o jantar, chega! Senão enlouqueço ou aceito! E novos seres sempre surgem,

brincando, tentando, seres invisíveis que cantam em meus ouvidos e recebem as blasfêmias com gratidão, conciliação, paciência, não! Não irei sujar-me com a corrupção da sensatez! E sou posto ao centro da roda da confusão, e grito, e choro, e estou deitado na cama do quarto, pensando, existindo, negando. E me descubro em delírio, mortalmente ferido, até o último de meus dias, de asas partidas, de alma livre que flutua e carrega consigo os humores da aflição, por entre nuvens e bem alto; se despençar, morro, se mantiver, fujo.

E, novamente à mesa posta, todos sentem o meu gosto, comida com sabor estranho, todos os dissabores, amargos e doces, e meu paladar é amorfo, conforme o fundo do poço, bem fundo e escuro, silencioso e indecifrável, difícil de penetrar, de escapar, tapar, fechar os sentidos e dissimular o ser, tudo ser, ser, nada, a gargalhada, a ironia, a imperfeição do ser perfeito, agasalhado, com frio, seu pai e filho, seu abrigo alheio, sua casca, o próprio ser prendendo o ser — a porta da criação, a janela da alma, as cortinas do ser, a mesa da aflição. A sua casa alheia.



Marcelo Gomes Jorge Feres nasceu em 6/7/1957, na cidade de Niterói (RJ). Graduado em Administração pela EBAP, Rio de Janeiro, em 1979; graduado e pós-graduado em Direito pela UNESA, Rio de Janeiro, em 2005; licenciado em História na UNICESUMAR, Maringá (PR), em 2019; estudante de Filosofia; publicou 16 livros de conteúdo poético-filosófico e, desde 1987, participa de várias antologias.

POR MÓNICA PALACIOS

CONTO
ACONTECEU...



Conto

Tudo sendo preparado. Sonhando faz um ano. Queria que essa festa fosse muito engraçada, atendendo os melhores e mais apropriados detalhes e, sobretudo, muito acolhedora.

Acreditam que tinha enviado os convites com antecedência suficiente, conforme as regras de etiqueta. Feita as contratações dos comes e bebes, música, algumas surpresas e até as lembranças, tudo, tudo, quase um ano antes.

Sempre sonhei passar meu aniversário em esse clima, estarmos todos reunidos, era fundamental que o meu sonho fosse refletido na decoração.

A vida tem sido tão generosa que consegui convidar a todos, e muito discretamente, no verso do convite. explicava que não queria presentes, senão que, todos aqueles que o desejassem, poderiam contribuir com uma instituição que acolhe veteranos de guerra sem família.

Obviamente, seria providenciado um cofre que receberia as doações.

Não era fundamental, mas, se alguém o desejasse, sugeríamos vestir roupas nos tons de amarelo, vermelhos e até muito brilho

Imaginei que a iluminação deveria ser especial, somada às astromelias, orquídeas e lisianthus amarelos seria um cenário muito cheio de vida, até energizado para garantirmos horas de muita felicidade.

As mesas, de diferentes alturas, vários salões para conversas informais ou novas amizades ou só reencontros para reviver memórias.

A pista com luzes criando um clima tropical, música animadíssima. Já para a hora do jantar, a entrada dos ilusionistas, das pernas de pau, malabaristas.

Podem imaginar que até o clássico Chaplin, previsto com o bolo no final da festa só que, tudo terminou inesperadamente.

Não consigo nem explicar como tudo começou, porque nem os seguranças tiveram tempo para reagir. Foi muito rápido, minutos.

Os músicos, como sempre, com aquele traquejo de outras confusões, para evitar o caos continuaram tocando e entre é bonita é bonita é bonita... algumas notas começaram a desafinar, as luzes se apagaram o piscavam istéricamente, as mulheres gritavam, alguns convidados caíram por querer correr de medo, algumas velas acesas queimavam papéis do chão, e no toilette se escutavam choros e pedidos de auxílio de algumas mulheres escondidas.

Eles eram unicamente cinco, poucas mãos que conseguiam arrebatam tudo com extremo profissionalismo e velocidade.

Foi assustador, acalmar aos poucos convidados que ainda ficaram, tudo parecia um pesadelo...

Hoje, passados os primeiros dias, comecei a caminhar pelo salão, removendo restos e até alguns objetos pessoais, sapatos, guirlandas de flores, maquiagem espalhado, um pacote de lenços de papel com corações vermelhos, para não dizer os inúmeros celulares.

Podem acreditar que havia até uma carta, pisoteada e suja embaixo do palco com uma declaração de amor que não sei se chegou a ser lida. Difícil entender, mas, repetia várias vezes a esperança.... a esperança...

Ou seja, cada resto da festa me fez reviver a festa e até acreditar que valeu porque é possível que alguém soubesse quanto era amada.



Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

POR NEY ALENCAR

CONTO

A POESIA ROUBADA



Conto

Houve uma época, não muito distante nem muito perto, em uma cidade à beira-mar, quando um jovem poeta vinha sentar-se na areia e escrevia sua poesia no entardecer e no crepúsculo.

Ele talhou uma delas, um conto antigo, sobre o desaparecimento de um povo, colocou amor nas palavras e dor e solidão, misturou-os com melancolia e saudade, e conseguiu um pequeno conto imortal!

Guardou as folhas de papel em sua bolsa e andou pela areia saboreando aquele momento de epifania!

Depois foi para casa e dormiu.

O conto ele o guardou em uma gaveta na escrivaninha ao lado da cama.

Dormiu e sonhou!

Nesse sonho ele corria pelos gramados vazios ao lado de uma ciclópica pradaria.

Parou e viu uma grande multidão de sombras movendo-se como ondas cinzentas em um mar tempestuoso.

Algumas à cavalo outras à pé.

Atravessavam a grande pradaria, ele via suas silhuetas, as penas de seus cocares, as lanças de seus guerreiros, os olhos tristes de suas mulheres e o choro de suas crianças!

Ele os viu passar todos até o derradeiro!

Então lembrou-se de seu conto, de suas palavras, da solidão e da dor, da despedida e da melancolia, lembrou-se de suas palavras e chorou.

Quando acordou na manhã seguinte ele lembrou-se do sonho, o único sonho do qual se lembrava em toda a sua vida.

Pegou o conto e o releu.

Viu novamente todas aquelas sombras e chorou.

Guardou o conto novamente!

Durante toda a sua vida ele escreveu outras histórias e contos, fez pessoas rirem e chorarem, sentirem medo e fascinação, e afinal quando já estava cansado outros vieram e chamaram-no de escritor e mestre!

Ele sorriu e lembrou-se daquele único conto seu, aquele que nunca ninguém lera, aquele que era o tesouro de seu coração e sorriu, um sorriso vindo de lembranças douradas.

E quando enfim seus olhos se fecharam e a Morte veio buscá-lo, como amiga e não como algoz, ele a acompanhou.

E juntos cruzaram aquela grande pradaria cujo nome é Esquecimento!

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Contos publicados em 15 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, No Refúgio dos Corvos, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos I e II, Sobrenatural e Revista Conexão Literatura Setembro/2021) e em 21 antologias de contos (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Chamado das Sombras, Labirintos, Horror Além da Compreensão, Caminhos Escuros, Maldição do Holandês Voador, Um Susto Danado).

POR OSVALDO LUÍS MEZA SIQUEIRA

CONTO
CAÇA-MOUROS



Veneza, 1694.

A notícia da morte de Giovanni Belluno percorreu a cidade. Alguém entrara em seu *Palazzo* e o assassinara. Fora um dos mais ricos comerciantes de Veneza. Oportunista e inescrupuloso, era odiado por muitos, até pelo próprio *Doge*¹, que diziam, invejava-o muito. Havia claros sinais de luta na sala em que encontraram seu corpo. Belluno tinha muitos inimigos, o que tornava difícil saber quem o teria matado ou mandado matar.

Seu cadáver fora encontrado pela jovem esposa Federica, casada há poucos anos com ele. Entre cochichos, aqueles mais próximos do casal, diziam que a mulher devia estar aliviada com a morte de um marido tão cruel e brutal. Pela cidade, alguns sussurravam, fazendo o sinal da cruz, amedrontados, sobre um anjo de funestas asas negras que fora visto sobre o *Palazzo* do comerciante na noite em que ele fora assassinado. Afirmavam ser um emissário do Inferno que teria vindo buscar sua alma.

Acompanhada pelo pai, um abastado banqueiro de Florença, que veio prontamente prestar-lhe todo o auxílio, a jovem viúva, com um vestido preto de luto e uma expressão contrita no rosto de traços suaves, recebeu em sua residência um navegador português chamado Santiago Vaz de Coimbra, apelidado de Caça-mouros. O sujeito alegava possuir negócios inacabados com o falecido. Ao lado dele, estava um laçao, um anão careca de olhar impertinente e pele morena, com uma enorme argola em uma das orelhas.

— Creio que concordais que não posso sair com prejuízo — alegou o português com um sorriso obsequioso. De bigode farto e grisalho, possuía uma pele bronzada por conta da vida no tombadilho de seu navio nos trópicos. Mesmo não sendo alto, sua estatura contrastava em relação a seu pequeno acompanhante. — As dívidas de vosso marido devem ser saldadas — emendou.

Sem responder-lhe e de olhos baixos, como que desatenta, a viúva manipulava, com dedos nervosos e trêmulos, um baralho que tinha às mãos, junto ao corpo, na altura do ventre. Um vício que havia desenvolvido e ao qual se apegara, não como um jogo, mas como uma distração solitária, única que lhe era permitida pelo marido, além do enfadonho bordado.

— Minha filha e eu iremos estudar vosso caso, senhor — interveio o velho e empertigado pai de Federica, vestido com um traje de fino corte, em contraste ao lusitano, que portava um gibão² ultrapassado e com cheiro forte de maresia. — Ainda

¹ Título dos governantes de Veneza que eram eleitos entre os membros das famílias mais ricas e poderosas.

² Espécie de camisa acolchoada e fechada por abotoaduras, com ou sem mangas, ajustada para salientar o peito e moldar a cintura.

temos muitos registros de meu falecido genro para averiguar. Dar-vos-emos uma resposta em alguns dias.

Meneando levemente a cabeleira grisalha e sebosa, pouco satisfeito, o navegador emendou em tom de advertência:

— Não pretendo permanecer por muito tempo nestas paragens, pois tenho negócios a tratar em outros portos. Não me agradaria em nada, e nem pretendo, deixar Veneza sem o que me é devido.

Permanecendo com olhos baixos, a viúva fitou o português. Apesar da relutância de seu pai, ela tinha certeza dos negócios obscuros de seu marido com aquele homem. Encolhida e com os ombros encurvados desejou com ardor que ele fosse embora. A presença dele lhe gelava o sangue, assim como fazia a presença de seu falecido marido enquanto estivera vivo. Do baralho que tinha entre as mãos, puxou uma carta e, com um olhar distante, fitou-a longamente. Por vezes, tinha a sensação de que as cartas lhe falavam.

— ... O senhor terá vosso acerto de contas — murmurou depois de forma quase inaudível.

— Como dissestes, senhora? — indagou o português, sem conseguir ouvi-la.

— O senhor terá vosso acerto de contas — ela repetiu de forma mecânica.

O navegador voltou a abrir um sorriso sob o farto bigode, enquanto o velho florentino, após olhar com reprovação para a filha, tornou a intervir:

— Repito, retornai daqui a alguns dias, senhor.

— Pretendo deixar Veneza em três dias — enfatizou o lusitano — voltarei antes disso.

Com olhos atentos e argutos, o pequeno lacaio, observara o baralho que a jovem viúva trazia junto ao ventre e, de forma ousada, indagou:

— O que tendes em vossas mãos são cartas de tarô, senhora? *Tarocchini*, como chamais por estas bandas. Em algumas das colônias além-mar essas cartas são utilizadas com sentido divinatório, sabeis? A senhora também recorre a elas com tal propósito?

— Bobagem! — agastou-se o velho florentino, indignado pela petulância do anão mestiço em pronunciar-se. — Minha filha não é uma selvagem ignorante das colônias! Contende vosso servo, senhor, não lhe foi dada a prerrogativa de se dirigir à senhora desta casa.

— Desculpai meu lacaio pela inconveniência — respondeu prontamente o navegador, empurrando seu pequeno serviçal para trás.

Sem desmanchar seu olhar impertinente, o anão continuou a mirar as mãos da viúva. Incomodada, Federica juntou ainda mais as cartas contra o vestido preto. O baralho de tarô há algum tempo havia se tornado uma distração em algumas regiões da Europa e comumente era visto na casa dos mais abastados, de nobres e burgueses.

— Peço que vos retireis agora, senhor — solicitou o sogro de Belluno.

— Claro — aquiesceu o português com polidez. Depois, fez uma mesura com o chapéu de feltro em uma das mãos, colocou-o de volta na cabeça e deixou a sala acompanhado por seu petulante laçai, guiado por um criado da residência.

Ainda de olhos baixos, a viúva de Giovanni Belluno retornou a atenção para a carta que havia puxado, com a imagem de uma mulher sentada em um trono, com uma balança na mão esquerda e uma espada na mão direita que representava a justiça.

— Por que asseguraste a Santiago que o pagaríamos? Não devias ter feito isto — repreendeu-a o pai, com um olhar severo.

Ainda sem nada dizer, a jovem enlutada caminhou até a janela de moldura de madeira torneada e observou o português deixar o *palazzo*. As cartas haviam lhe falado, ele teria seu acerto de contas.

Santiago Caça-mouros, permaneceu até noite alta com alguns de seus marinheiros e seu pequeno laçai em uma taverna abafada e pouco iluminada, próximo à Praça de São Marco, bebendo e comendo. Seu apelido de Caça-mouros se devia aos negócios pelos quais era mais conhecido, o contrabando de negros da Guiné na costa da África³. Em verdade, era um pirata, saqueando riquezas de onde bem lhe aprouvesse, principalmente escravos.

— Aquele velho idiota está querendo bancar o difícil. Se, por acaso, pretender me fazer prejuízo, eu o matarei — comentou, e com um sorriso maldoso, completou —, e levarei a bela viuvinha para me divertir em minha cabine.

Com malícia e perversidade, seus homens riram, almejando ter sua oportunidade depois que ele se cansasse dela. A carne tenra de uma mulher rica e bem cuidada, ao contrário das prostitutas de porto, como as que estavam ali ao redor deles na taverna, constituía-se em uma possibilidade bastante apetitosa.

Após o sorriso largo e lascivo, o Caça-mouros tomou uma expressão mais sisuda em seu rosto inebriado pelo vinho.

— Por que te interessaste pelo baralho da viuvinha, Tobias? — indagou a seu laçai.

Com dificuldade para estar com os braços sobre a mesa, o anão, com uma cara de tolo, apenas meneou a cabeça frouxamente.

— Tu és um palerma supersticioso, Tobias! — caçoou o pirata lusitano, rindo dele com os demais marinheiros de seu navio.

³ Mouros ou Mouros Cativos, assim eram chamados os escravos na Península Ibérica, em especial, em Portugal. Eram Mouros Negros ou Mouros Pretos, conforme fossem originários do Norte de África ou da África Subsaariana.

Após mais algum tempo e mais vinho, o Caça-mouros pagou a despesa e deixou a taverna. Com ele, além do diminuto lacaio, estavam oito de seus piratas, que enebriados o seguiram pelas *callettas*, as vielas estreitas de Veneza, em retorno ao navio.

A cidade estava agitada naquela noite. Era o último dia antes do período da quaresma, e portanto destinado à euforia do carnaval. Homens e mulheres, ocultando suas identidades por trás de máscaras, divertiam-se pelas *calles*⁴, com liberdade e ousadia em meio à música.

— Vamos nos divertir também, capitão! — exclamou um dos piratas do Caça-mouros, com grande animação, seguindo um grupo de foliões e saltimbancos que atravessou um canal por uma ponte de pedra em direção ao Campo⁵ San Polo.

Caminhando logo atrás de Santiago e seus homens, um folião acompanhou-os a alguma distância de forma dissimulada, vestido com sua *baúta*, uma máscara com uma capa preta longa que cobria o corpo todo, muito usada em Veneza para omitir a identidade de quem a trajava. Porém, diferente dos demais farristas, sua máscara cobria apenas um lado da face sob o chapéu de aba larga.

Vigilante, o pequeno lacaio seguia seu capitão e os demais até que, com olhos perspicazes, fitou o folião mais afastado que os acompanhava.

— Por que tu nos segues? — interpelou-o com fúria, estufando o peito e quase se colocando na ponta dos pés para parecer mais alto.

— Sigo a música dos saltimbancos — respondeu-lhe o folião com voz grave.

Alertados pelo lacaio, os outros oito detiveram-se e também voltaram sua atenção ao folião.

— Afasta-te, idiota, senão cortaremos tua cabeça — ameaçou um deles, colocando a mão sobre o cabo da espada enquanto se aproximava.

O folião fendeu os lábios num leve sorriso e, antes que o pirata pudesse sacar a lâmina, alcançou-lhe as costas e passou-lhe o fio de uma adaga de um lado a outro da garganta.

De pronto, outro dos piratas sacou a espada, mas de forma ágil o folião empunhou uma pistola de pederneira e atirou em sua cabeça.

Batendo os braços curtos de forma agitada, o anão correu até o Caça-mouros e puxou-o pela roupa.

— Vinde, senhor, precisais fugir, ele está atrás de vós! — alertou exasperado. — Ele é um emissário do Inferno!

Com a espada em riste, o Caça-mouros olhou para seu serviçal e depois para o sujeito que, engalfinhado com seus homens, eliminava cada um com a lâmina estreita e comprida de sua rapieira. Acovardado, sentiu seu sangue gelar. Apesar de debochar de

⁴ Ruas em Veneza.

⁵ Toda a praça em Veneza é chamada de campo, com exceção da Praça de São Marco.

Tobias, sabia dos *dons* que ele havia herdado de sua mãe, uma negra feiticeira que capturara em suas expedições de exploração além das margens do rio Congo. Então, cedendo à insistência de seu laçai, seguiu-o apressado, furtando-se da luta.

Os dois correram através das *calles* e pontes de pedra de Veneza, até que, ofegante e quase tropeçando nas próprias pernas curtas, Tobias deteve-se, contendo seu capitão.

— Acreditas que já estou seguro aqui, Tobias? — indagou Santiago Caça-mouros, e sobressaltado voltou-se para perscrutar com olhos aflitos o caminho que haviam percorrido.

— Duvido — respondeu-lhe o laçai às costas, após um longo e arrastado momento.

Então, antes que seu capitão se voltasse para ele novamente, o anão enterrou-lhe a ponta aguda de uma adaga entre as espáduas.

Atirando as mãos de forma atabalhoada para trás, o Caça-mouros tentou arrancar a lâmina cravada em suas costas.

— O que tu fizeste, miserável? — Arfou ante a dor.

Sem nada dizer, o diminuto laçai recuou alguns poucos passos, fitando-o com uma doentia satisfação.

— Miserável — repetiu o Caça-mouros ao cair de joelhos.

Observando-o agonizar, o anão abriu um sorriso, como que degustando cada momento. Então, por fim estirado no chão, o português distendeu a boca de forma retorcida e arregalou os olhos vitrificados. Estava morto.

Sem ainda dizer nenhuma palavra, o laçai fitou o corpo de seu capitão inerte e sem vida, até que, sentindo uma forte presença ao seu lado, voltou a cabeça careca e ergueu os olhos para a figura enorme com a *baúta* preta e uma meia máscara de ferro que o fitava com uma espada na mão.

— As cartas falaram com aquela mulher sobre tua vinda, eu vi... — balbuciou. Depois, com voz lúgubre, prosseguiu: —, mas o acerto de contas dele devia ser comigo. Ele raptou minha mãe, estuprou-a e condicionou-a a uma vida miserável no navio à mercê de suas crueldades. Quando se cansou dela, entregou-a como um trapo humano para o divertimento da tripulação. Eu a vi ser usada e torturada por ele e por alguns dos desgraçados que tu mataste há pouco. Tive prazer em vê-los morrer — afirmou, e contendo-se por um longo momento, com uma expressão atormentada, continuou: — Ele era o meu pai... e fez-me assistir a muitas das agonias impostas à minha mãe.

Com olhos duros e glaciais, o sujeito de *baúta* aproximou-se, fazendo-o parecer ainda menor.

— Sobrevivi e cresci das sobras que compartilhei com os ratos do navio. Ele e aqueles desgraçados que mataste arderão no Inferno, e então o fantasma de minha mãe deixará de me torturar dia após dia. Eu também arderei nas chamas do Inferno, bem sei.

Eu os acompanhei em muitos crimes e crueldades... e assim como eles me diverti com tudo que foi feito — contou o anão, em meio às aflições que o atormentavam.

Fitando a enorme figura negra que se colocara sobre ele, observou-a erguer a ponta aguda da rapieira até seu peito.

— Não deves matá-lo, Olivier — ouviu uma voz grave e potente dizer.

Sem afastar a espada de seu peito, a figura negra voltou o olhar para trás e respondeu:

— Ele tem a marca na testa.

— Mas ainda deve ser poupado.

— *Non* é este o acordo que tenho contigo, Abaddon — disse o sujeito com um sotaque francês.

— Não é de tua alçada questionar — determinou a voz grave e potente da outra figura negra e de olhos flamejantes que surgira mais atrás.

Ouvindo o estridular dos gafanhotos que sempre acompanhavam o Anjo do Abismo e da Destruição, o homem conhecido pela alcunha de *Fer Visage* sorriu de forma mordaz sob a meia máscara de ferro e cravou a rapieira no peito do anão.

Com fúria nos olhos flamejantes, Abaddon observou *Fer Visage* sacar a espada do pequeno lacaio que tombou sem vida no chão.

— Tu me desobedeste, Olivier — trovejou.

— *Non*, o pacto que tenho contigo é eliminar todos aqueles que tiverem o selo 666 na testa. Ele tinha.

— Aos poucos me entregas tua alma, Olivier.

— Sabes que *non* é pela minha alma que mantenho este pacto contigo, *ange*.

Diluindo a fúria em um olhar duro e malfazejo, Abaddon, o Anjo do Abismo e da Destruição, abriu as asas cinzentas de sob o manto escuro e alçou voo sobre as *calles* de Veneza, *La Sereníssima*. Só então deixou transparecer um sorriso dissimulado de triunfo.

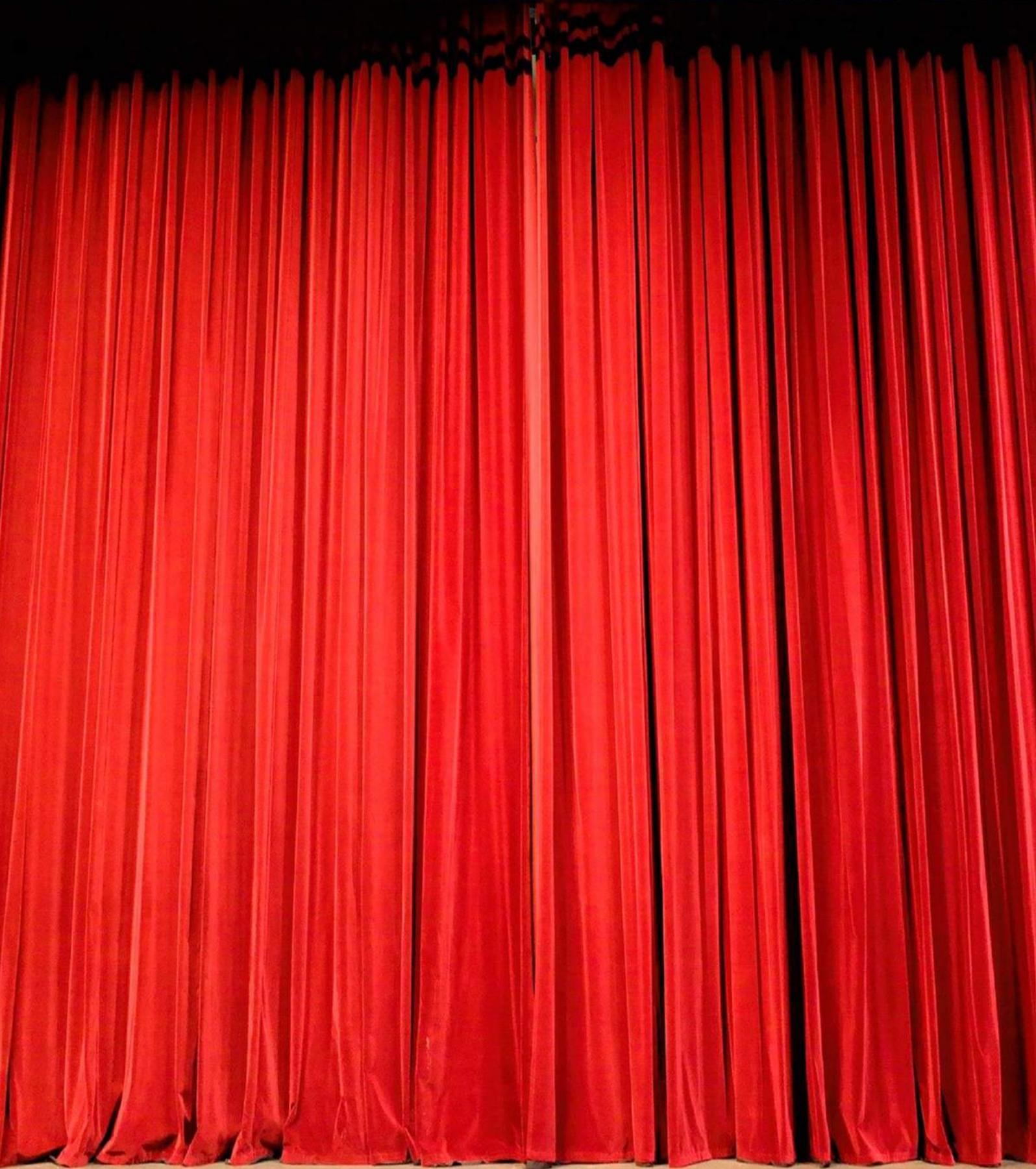
Oswaldo Luís Meza Siqueira

Licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná. Professor em duas Universidades, Colégios e cursos preparatórios para vestibulares e ENEM. Trabalha com produção de Material Didático e escritor de ficção-histórica e realismo fantástico. Autor do livro *Toledano o Senhor das Duas Espadas: Uma Cruzada de Homens e Deuses*, participou de algumas antologias e coletâneas de contos. Com um canal no YouTube “Universo da História Tuiuti” e integrante do Programa “Eureka no Rádio”.

POR ROBERTO SCHIMA

CONTO

A PEÇA POR TRÁS DA PEÇA



Conto

Uma algazarra desperta-me de minhas divagações. Lentamente, desvio os olhos do carvalho no topo da colina para a fonte da barulheira perto de mim.
É Leonor. Como poderia ser diferente? Minha neta fala alto e gesticula, enquanto seus pés sapateiam pela varanda.

— Onde se meteu? — diz ela. — Onde?

Acabou de completar doze anos e traz toda a primavera dentro de si. Está naquela fase da vida na qual se é jovem demais para namorar e velha demais para brincar de bonecas. Mas é uma flor a desabrochar. Nessa corda bamba, na qual os hormônios lhe dão contornos cada vez mais arredondados, fito com carinho e antecipada saudade os últimos lampejos da criança ainda viva dentro dela.

— Oh, meu marido, onde está? — diz Leonor abraçada a uma almofada, fingindo-se atriz. — Por que se foi? Volte logo!

As crianças aprendem cada coisa na televisão!

Aos doze anos, eu só queria brincar de correr com a molecada. Vivia de joelhos esfolados. Minha mãe balançava a cabeça, inconformada. Lá isso eram modos de uma mocinha? Nunca tive bons modos e odiava brincar de casinha ou boneca. Porém, tampouco pensava em namorados, não antes dos quinze anos pelo menos.

Leonor gosta de brincar de atriz, fingir ser outras pessoas, geralmente mais velhas do que ela. Adora ler histórias românticas dessas edições baratas em papel jornal que, segundo dizem, são escritas por uma máquina, só alterando nomes e cenários. Preocupo-me com essa precocidade. Talvez seja uma preparação para aquilo que a aguarda. O mundo atual induz as crianças a despedirem-se cedo demais da infância. É um mundo do fim do mundo, digo eu, roubando-lhes aquilo que é mais caro: a inocência.

— Meu amor! — grita Leonor.

Sorrio e digo:

— Desse jeito, você estrangula a almofada, Leo.

Mais esmagava do que abraçava.

E como a dar provas da volatilidade da paixão, minha neta atira a almofada num canto e corre para mim, enfeitiçando-me com seu sorriso perolado.

— Me conta uma história, vó?

— História?

— É... Uma história de amor e briga.

Não pude deixar de rir dessa noção dual que ela tinha. Pensativa, fito um instante o velho carvalho.

— Pois bem, vou contar, mas vê se se aquieta.

— Tá bem — responde ela, sentando-se ao meu lado.

Ah, que dó dela estar crescendo tão depressa!

Era uma vez um teatro, uma peça e um casal de atores.

O ator e a atriz fizeram o par romântico.

A peça fez bastante sucesso.

Eles foram tão convincentes e carismáticos que caíram no gosto do público. Todos queriam vê-los. Daí em diante, os dois passaram a ser sempre escalados para compor um casal: melhores amigos, namorados, noivos, casados e antagonistas que, no final, acabavam juntos.

Os aplausos duravam vários minutos.

O som enchia e vibrava o teatro.

Todos na plateia os amavam.

Eram atores dedicados e, quando interpretavam, viviam seus papéis.

Tornaram-se os "namoradinhos do país" e muitos acreditavam que eram de fato casados.

Não podiam estar mais errados.

Fora dos palcos, Ângelo e Ângela — nomes artísticos dos atores —, detestavam-se. Trabalhar juntos era uma benção e uma maldição para ambos, presos que estavam tanto por força do contrato quanto pelo sucesso que faziam. Como se iniciara a desavença entre os dois, provavelmente nem eles saberiam dizer: um olhar mais enviesado, um comentário, uma crítica. Ambos possuíam um temperamento forte e isso tampouco contribuía para amenizar os ânimos.

— Você pisou no meu pé!

— Você está com bafo de onça!

— Seu perfume cheira a gato morto!

— Não decorou direito sua parte no *script*!

— Como se atreve a se achar um ator de verdade!

— Minha gata tem mais elegância no palco do que você!

— Tico decoraria melhor o papel do que você late suas falas!

— Tico? Quem raios é Tico?

— Meu cachorro, oras!

Nos bastidores do teatro, todos que trabalhavam perto dos atores sabiam das desavenças e antipatia — para não dizer raiva — que um nutria pelo outro: diretor, faxineiras, marceneiros, figurinistas, maquiadores, técnicos etc. Entrementes, minutos antes da peça começar e as cortinas se abrirem, a atmosfera se alterava do vinagre para o vinho... A magia brotava! Pois, enquanto atores, Ângelo e Ângela eram magníficos. Transformavam-se. Incorporavam seus papéis, eram possuídos pelas personagens, pelo enredo e, simplesmente, migravam do mundo real para aquele ao qual davam vida. Traziam a fantasia para a realidade, tornavam-na real para eles e para o público que os assistia.

— *Puxa, vovó, como é "incorporar"?* — pergunta-me Leonor.

Da varanda, olho de soslaio para o interior de casa. Penso em minha filha. Fico na dúvida se devo ou não contar para Leo, regar-lhe a semente. Dei aulas de atuação. Desde jovem apreciei as artes cênicas: o teatro, a ópera, a dança, o circo; o teatro principalmente. É uma tradição nobre e antiga de mais de dois mil anos, desde os antigos gregos e seus ilustres dramaturgos: Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes. Ah, a vingança da princesa Medeia contra o traíçoeiro Jasão. "... Desvaneceu-se a fé nos

juramentos, nem sei se crês que os deuses de então já não governam, ou que há novas leis agora para os homens, já que ao menos tens consciência de não teres sido fiel ao juramento que me fizeste..." E os dramas de Shakespeare? Como disse Desdêmona em Otelo: "É contra a natureza dar a morte a alguém por ter amor". Maldito Iago! Oh, amor, paixão, inveja, ódio, ciúme, traição e vingança! O cadinho de emoções a partir do qual as grandes histórias foram escritas.

Leonor continua a aguardar. Seus olhos grandes e castanhos fitam-me com intensidade. Sua sede por saber aliada à curiosidade são feito esponjas, sugam-me.

Tomo minha decisão e respiro fundo.

— Há três crenças que os pretendentes a atores ou atrizes devem ter.

— Quais, vó?

— Só escute, menina.

— Tá bem.

Quanta ansiedade! Não cresça tão depressa, Leo!

— Pois bem. A primeira é acreditar no diretor da peça. Ele é a pessoa que tem o maior interesse em que o conjunto dê certo. Pode ser gentil algumas vezes e um carrasco na maioria delas. É um general temperamental e egocêntrico que comanda suas tropas com mão de ferro. Contudo, de todos, é o que carrega o maior fardo. Ademais, está na frente de batalha ao seu lado, seja na vitória ou na derrota. Segunda coisa, Leo: acredite na história da qual fará parte. Sinta-a ao seu redor: sua atmosfera, suas casas, seus bosques ou edifícios. Penetre no enredo. O vento acaricia seu rosto. Há grilos no interior das moitas. A noite cai mansamente e as estrelas cintilam no céu. Esse mundo existe! Você vive dentro dele. Você o respira. Sua existência está ligada à peça. Faz parte de sua essência. E, por fim, a terceira, e, eu digo, fundamental: creia em sua personagem. Ela existe! Ela é você. Você é ela. Você pode acreditar que dará existência a ela, porém, ela já possui existência própria. A questão é saber o quanto dela você se deixará transformar. Se ela está feliz, você está feliz. Se ela está triste, você está triste. O que ela pensa são seus pensamentos. O que ela vivencia é a sua vida. Absorva-a. Assuma os trejeitos dela como se fossem seus. As paixões delas são suas, assim como suas angústias. Funda-se a ela completamente. Esqueça a sua identidade enquanto estiver no palco. Você não existe. Quem existe é a personagem. Sinta-a com todo o coração e viva-a com a alma. Afinal, se você não for capaz de incorporá-la, se não acreditar nela, como esperará que o público acredite? Ora, os grandes talentos estão velhos demais ou já morreram. O mundo está saturado de canastrões saídos de realities shows e programas de auditório achando-se artistas! São nada... NADA! Menos que uma caricatura da caricatura. Quando muito, decoram suas falas e as vomitam para a plateia. Usam a memória, mas não a sensibilidade. São tão expressivos quanto bumbum de bebê. Podemos nos queixar de que a peça é ruim, o cenário está mal feito, o diretor não presta. Não se trata disso. Não importa se o texto é péssimo, se o cenário está caindo aos pedaços, se o diretor merece um pontapé. A questão é: você é ou não é um ator? Se for, entregar-se-á a personagem com a alma, o coração e a sua vida!

Nem me dei conta de que havia me colocado de pé. Estou de braços erguidos como se declamasse. E, a minha frente, minha neta bate palmas e grita histérica:

— Viva a vovóóó!

— Psii! Quieta, Leo. Deixa sua mãe descansar.

— E Ângelo e Ângela, vó, o que aconteceu?

Olho dentro de casa antes de responder. Tudo quieto, graças a Deus!

— Ah, sim, os Anjos...

Ensaivavam a mais recente peça cuja estreia seria na semana seguinte. Intitulava-se *A Princesa da Neve*. Tratava-se do encontro entre um homem e uma mulher no Alasca. No cenário, como não poderia deixar de ser, predominava o branco. Vários troncos de pinheiro faziam-se de floresta e, do lado direito, havia a cabana. No alpendre, soltando baforadas de seu cachimbo, o homem estava atento às árvores. De repente, levantou-se, abraçou seu próprio corpo, demonstrando estar frio, e declamou:

— Em minha cabana de madeira, pergunto-me até hoje se aquilo que aconteceu foi real ou fruto de uma mente solitária. Sei alguma coisa sobre a realidade, porém, nada entendo sobre sonhos e o diáfano esplendor do etéreo... Sei muito pouco, quase nada, a respeito dela. Isso me frustra, mas o mistério faz parte da magia.... Ela surgiu mansamente entre os cristais de gelo, a bruma branca, a brisa ártica e o primeiro arrepio do outono. E tão silenciosa quanto...

Havia o uivo do vento ao fundo, quase podia-se escutar o crepitar da neve no telhado.

De repente, por entre as árvores, ela surgiu. Sua pele e suas vestes eram de um branco glacial. Movia-se feito um sonho através do nevoeiro, como se fosse parte da floresta, do vento e da neve. Quase num sussurro, ela falou:

— ... Meu nome é como o soprar do vento entre os pinheiros, ciprestes e abetos. Mas, para ele, sempre serei conhecida pelo apelido que me deu: A Princesa da Neve. Ensinei-o a ouvir o gelo. Coloquei um pano entre a sua orelha e a superfície congelada de um lago próximo. Fiz com que fechasse os olhos e ouvisse o estalar do gelo através do tecido. E ele imaginava a profundidade das águas mais abaixo, suas criaturas vivendo tão isoladas na penumbra ou completa escuridão como se viessem de eras pré-históricas ou de outro planeta...

O ensaio prosseguiu.

Quase não havia interferência do diretor, pois os atores sabiam o que faziam e faziam-no bem. Eles *eram* um lenhador e a Princesa da Neve. Estavam tomados pelo frio e a imensidão do Grande Norte.

Todos pararam o que vinham fazendo para observar extasiados a atuação.

Por instantes, acreditaram eles próprios estarem longe dali, no Ártico.

O amor entre as personagens era palpável, assim como o mistério.

O ar gelado fazia-se infiltrar dentro de cada um qual inverno.

Todavia, tão logo o ensaio terminou, Ângela queixou-se:

— Você improvisou numa fala.

— E você deixou de pronunciar outra — retrucou Ângelo.

— Seu canastrão!

— Sua chata!

Aconteceu quando Ângela se dirigia para o hotel em que estava hospedada. Um ônibus desgovernado colidiu contra o seu carro, fazendo-o capotar.

A notícia chegou ao teatro.

Ângelo continuava lá, repassando as falas, ainda incorporado à personagem.

A voz do assistente do diretor veio distante como se atravessasse uma extensa porção de água:

— Ângela sofreu um acidente!

Ângelo custou a emergir. Nadava em mel.

— Acidente?

— Sim. Está no hospital. O estado é grave!

A última palavra teve o efeito de um bofetão.

"Grave!"

— ... Nenhum mal deste mundo irá nos separar — balbuciou o ator, como se estivesse no palco diante da plateia. — Da eternidade para a eternidade iremos continuar...

Ele voou para o local onde Ângela fora internada. Milhões de pensamentos passaram por sua cabeça, sem que conseguisse focar em nenhum deles.

"Grave!"

Diante dela, junto ao leito, sem saber ao certo o que dizer, vendo-a sedada e intubada, tomou-lhe delicadamente a mão. Então, feito o filho de Montecchio, passou a recitar:

— ... Olha, querida, para aquelas estrias invejosa que cortam pelas nuvens do nascente. As candeias da noite se apagaram; sobre a ponta dos pés o alegre dia se põe, no pico das montanhas úmidas...

Comovidos, o elenco, o diretor, as enfermeiras, o médico, todos observaram enquanto o ator falava em tom de desespero. Lágrimas corriam por faces que, até então, somente demonstraram falta de estima para com a mulher tão logo as cortinas se cerravam. Mas eis que a compreensão da inusitada cena se revelou. Não apenas para eles, mas — e principalmente —, para o ator de cujos lábios as frases brotavam carregadas de paixão, amor, remorso, ansiedade, tristeza e estupefação. Não eram as inúmeras personagens por ele interpretadas que declamavam com a alma e o coração: era ele, o homem, não o ator. E as cenas de cinismo, sarcasmo, birra e raiva, estas sim não passavam de outro papel, uma interpretação medíocre para ocultar aquilo que de mais íntimo sentia e para seu próprio espanto: ele a amava. E as palavras carregavam o sentimento que o consumira durante os anos em que a teve em seus braços sem possuí-la de fato.

— ... Agora, ao findar de cada curto verão, eu continuo "naquele lugar", o Grande Norte. Não reclamo tanto do frio e até aprendi a gostar dele e de seu odor penetrante. Ponho-me a passar mais tempo no alpendre da cabana de madeira, fumando meu cachimbo, observando a penumbra e a escuridão por entre as árvores da floresta. Então, espero. E rezo, pedindo para ela retornar...

Então, ele silenciou. Não Ângelo, o ator, mas o homem cujo nome era outro.

Leonor, no alto de seus doze anos, é incapaz de ficar quieta.

— *Nossa, vovó, que história triste!*

— *Pelo contrário, Leo. Para eles, foi o princípio da mais bela história de amor.*

— *Como assim?*

— *De repente, ele interrompeu seu monólogo e sentiu a pressão da mão da mulher — não de Ângela, pois esse era seu nome artístico — sobre a sua. Dos olhos, ainda fechados feito cortinas de um*

palco cuja peça terminara, lágrimas rolaram. Assim, num aperto no peito, todos compreenderam que os sentimentos dele sempre tiveram correspondência naquilo que, no fundo, ela sentia.

Minha neta arregala os olhos.

— O que aconteceu?

— Quando, finalmente, ela se recuperou, os dois se entreolharam meio sem graça a princípio. Todavia, agora despídos de suas personagens, entregaram-se mutuamente àquilo que de verdadeiro os unia. A partir de então, aos poucos, deixaram o teatro. Os anjos deixaram de existir. Como eram mais conhecidos no restrito círculo dos palcos, ao contrário dos atores da televisão ou do cinema, foram esquecidos.

Minha neta se mostra desapontada.

— Por que largaram as peças, vô?

— Porque não podiam mais representar personagens. Elas deixaram de ser reais para ambos, não faziam mais parte deles tão preenchidos estavam um pelo outro.

— E fizeram o quê?

Eu sorrio para Leo, sempre impaciente em sua pressa para o futuro. Respondo:

— Os "namoradinhos do país" se casaram, tiveram uma filha, deram aulas de interpretação e levaram uma vida normal na melhor peça que poderiam atuar: suas próprias vidas. E foram felizes para sempre.

Não muito conformada, Leonor volta a brincar na varanda. Finge-se passar por princesa, amazona, feiticeira, dominadora, submissa, tudo o que sua imaginação possa inventar. "Não tenha pressa em crescer", penso com meus botões.

Quando você é criança, espera que os adultos saibam todas as respostas, sejam superpoderosos e estejam sempre ao seu alcance para confortá-lo, protegê-lo, fazê-lo feliz. Uma das descobertas mais aterradoras da vida é quando você percebe que eles são apenas crianças que cresceram. Não têm todas as respostas, não são superpoderosos, não estarão sempre ao seu alcance.

Pergunto-me se o amor pelo teatro pode ser hereditário. Em vez de uma resposta, volto meus olhos para o alto da colina onde, aos pés do carvalho, enterrei as cinzas de meu amado no ano passado.

Ah, meu amor, nós, que um dia fomos "anjos", tornaremos a sê-los, juntos e verdadeiros, no palco da eternidade.

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. E apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fui um garoto que amava os monstros, sobrenaturais ou do espaço. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu* etc. Participei de mais de oitenta antologias. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

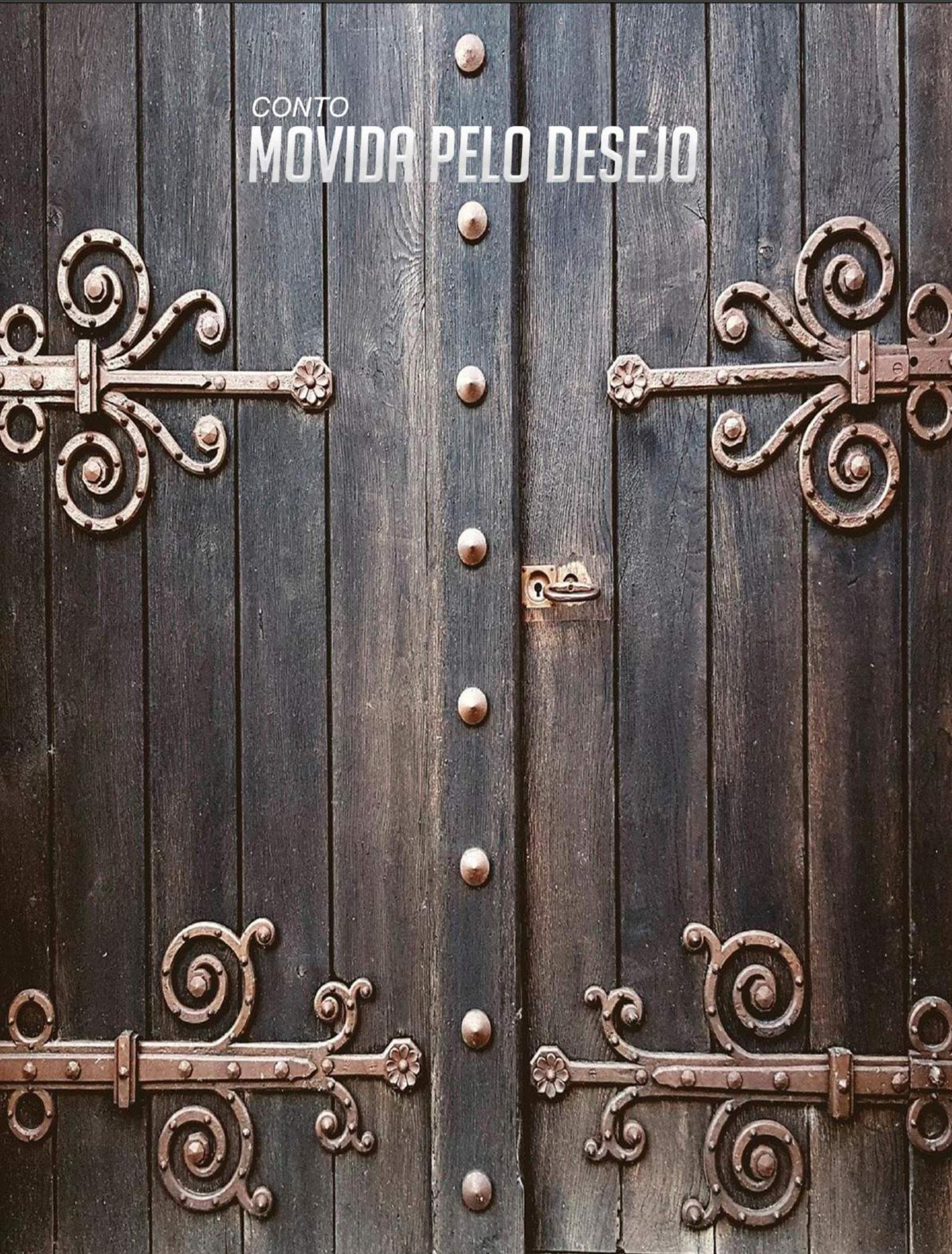
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

POR SOLANGE RABELO

CONTO
MOVIDA PELO DESEJO



Conto

Ao observar o caleidoscópio, uma imagem me capturou. Me vi na frente da porta da igreja daquela cidade cinza. A porta rangia, movimentando outros tempos. Meus ouvidos eram entulhados pelo latido do cachorro azul na lua cheia. Parada e silenciosa, toquei na maçaneta de ferro corroída de ferrugem. Minha mão vermelha buscou se livrar do incômodo, a parede desbotada era um recurso viável. Fechei os olhos e deixei que a mão deslizasse na horizontal, subisse na vertical. Circulasse e movimentava a parede. Empurrava. Outras vezes era sutil, tocava só sua aura, que era leve como o vento. – Há! Se estivesse em uma caverna seguindo centenas de mãos. Só de pensar, meus olhos brilharam. A mão animada relava no cimento, via montículos de areia. Um corte, uma gota de sangue, se misturou na superfície lisa e seca. A mão não se deteve, ondulava. Sentia a textura mole. Um orifício macio. Um estranho engastado na parede. Abri os olhos, vi o que ninguém viu, a cabeça de um objeto de metal. Peguei a ponta, puxei. Nada. Um tijolo. Bati na parede que cedeu. – A chave! Peguei, passei a barra do vestido. Meu rosto ficou sério. Guardei a chave no bolso. Escutei passos. A porta abriu, uma silhueta se posicionou em minha frente.

De vestido ocre, postura ereta. Segurava uma lupa. Colocava na frente dos olhos bem abertos. Via-me e me ampliava.

Dei de costas, desci os degraus. Apalpei o bolso, vi quando a chave caiu na terra sob meus pés. Ajoelhei-me, aspirei aquele cheiro de Patchouli. Mordi o lábio inferior. Toquei a grande mãe repleta de areia misturada com pequenos pedregulhos. Esfarelei-a entre minhas mãos empoeiradas. Com uma pedra cavucava a terra. Havia muita coisa a descobrir. – E a chave? De repente, o vento deu uma esbofetada na porta e minha irmã que estava firme me observando, foi jogada para dentro do oratório.

Continuei buscando. Até que senti a contração muscular e o ronco. Movida pelo desejo, levantei-me. Os pés duvidavam em qual direção que seguiriam...

SOLANGE RABELO

E-mail: solange.rabelo.sol@hotmail.com

Natural de Minas Gerais/Brasil. Reside em São Paulo. Escritora. Escreve prosa poética, contos e literatura infanto-juvenil. Biblioterapeuta. Em especialização em literatura infanto-juvenil. Escreveu o livro de prosa poética: Venha comigo e ouça... Vejo você... E você, me vê? E o livro infantil: Sara, sua luneta e muitos, muitos livros. Participou da coletânea de contos africanos com o conto: Iniciação na Mbala. Vem participando de algumas antologias pela Lura editorial. Participou da ontologia de contos da Elos da língua portuguesa. Participa de vernissages com pinturas e colagens. Formada em psicologia. Fez Mestrado no departamento de psicologia pela PUC. Pós-graduada em Arteterapia pela IJEP. Estudou contação de histórias na COGEAI. Graduada em História.

POR WILSON CARLOS RODYCZ

CONTO
O CONVITE



Conto

Estava em Lisboa para acompanhar o Curso do professor Hespanha. Era verão e, certo dia, juntamente com dois ou três companheiros, foi ao centro de tauromaquia de Campo Pequeno. A Praça de Toiros é a arena oficial da cidade.

Quando foi à primeira entrevista pessoal com o professor, no seu gabinete na Universidade Nova, ele lhe mostrou uma preciosidade que havia adquirido num *book shop* de Panaji: um exemplar do Livro V das *Ordenações do Reino*. Edição da Editora Patriarcal, com data de 1.717. Não que fosse difícil consultar esse conjunto de leis reinóis nas bibliotecas, até pela *internet*, mas por que sempre é uma experiência meio mística manusear um livro antigo. Não se poderia pretender que estivesse intacto: livro é criatura frágil, sofre a ação do tempo, das traças, dos roedores, da umidade, do transporte, das mãos inábeis. Estava em mau estado, mas, ainda assim, valioso. Na página de rosto, ostentava marcas do antigo tribunal da *Relação* de Goa, do tempo que Portugal estendia sua dominação até o Oriente, e continha a assinatura do seu antigo proprietário, um certo Manoel de Bragança, que exibia o título de juiz *letrado* da Junta Criminal da Capitania de São Pedro. Na sua ficha, no Tombo, constava que ele havia sido preso por ter se negado a jurar a Constituição que as Cortes do Porto estavam a elaborar. Pois se até Dom Joãozinho jurou-a, sem hesitar, seja lá o que os revolucionários fossem escrever? Também constava que a *devassa* concluiu que não houve crime de *lesa-majestade*. Ele não ficou muito tempo no limbo, tanto que foi parar nas Índias Orientais. Ou talvez apenas o seu livro tenha viajado.

Embora eles manuseassem uma obra rara, o que mais impressionou o estudante foi um documento que estava encartado no seu bojo, como que esquecido, uma mensagem dos tempos do Primeiro Imperador!

Com efeito, perdido entre as suas páginas amareladas dormitava um “Convite”. Um convite para um enterro! Tinha bordas de cor preta e letras de imprensa esguias e um tanto desalinhadas. Devia ter sido editado às pressas. Estava endereçado ao cura da localidade e versava sobre o sepultamento de alguém que morrera em circunstâncias deveras singulares:

“Reverendíssimo Senhor Padre Coadjutor:

“Como Deus foi sempre servido que eu mandasse matar...”

Com os diabos, Deus fora servido que o missivista mandasse matar alguém! Uma paradinha na leitura, um apertão da vista e uma releitura pra ver se era isso mesmo. Era! Datava do ano de 1.828, época em que alguém não se pejava de confessar que havia cometido um crime e ainda convidava o padre para o enterro. Os senhores podiam matar os escravos, considerados coisas de sua propriedade, *jus vita et necis*, sabe-se, mas o crime era ainda mais aterrador:

“... que eu mandasse matar meu filho Francisco...”

Então era isso: o invitante mandara matar o próprio filho e julgava-se a mão de Deus por ter feito isso. Quem teria sido esse justiceiro? Constava no subscrito que fora enviado por um tal Pedro Teixeira. Um senhor de engenho de açúcar em Ponta Canas; natural da terra, descendente de gentes do reino; escravaria de mais de mil peças, prole numerosa, adepto do estilo tradicional, não era de mandar filhos pra Coimbra.

E que teria feito esse filho Francisco para merecer esse horrível fim? Francisco era o primogênito, vivia com o *pater familia*, como todos os demais irmãos e irmãs e também os cunhados. O delito que cometera era imperdoável: engraçara-se pela mucama preferida do pai! E afronta à honra paterna não ensejava perdão, nem pena leve. O velho suspeitou da traição; mandou acoitar; chamou o segundo filho e mandou que montasse com um troço de negros e trouxesse o traidor. Morto! O desgraçado escondeu-se como pôde, mas foi localizado e manietado. Negou a consumação do ato, culpou a *cabinda* de enfeitiçá-lo com as suas artes, apelou para a piedade paterna, prometeu garrar o mundo... Mas, nada. O velho foi categórico: “Quero-o morto”! E assim se deu. Um tiro de pistola na frente.

“... matar meu filho Francisco, rogo-lhe o favor de chegar até esta sua casa, para assistir o enterro.”

O padre coadjutor, o alcaide, os parentes e vizinhos assistiram à *sentinela*, circunspectos. As rezadeiras cantaram as *incelências*: “...Os carregador já chegou / Esta alma já vai s'embora, / Sete incelências da Virgem - Senhora dai boa hora...”. A religião tinha lugar naquela casa.

O egrégio Freyre viu o relato do cura, de que a mãe, a viúva e as três crianças órfãs estavam inconsoláveis pela perda e pela vergonha. Só Pedro Teixeira não chorava. Silencioso, o rosto vincado de rugas, a expressão de tigre aperreado, passeava de uma ponta a outra do avarandado. Não tivera escolha: fora um insulto aos seus direitos.

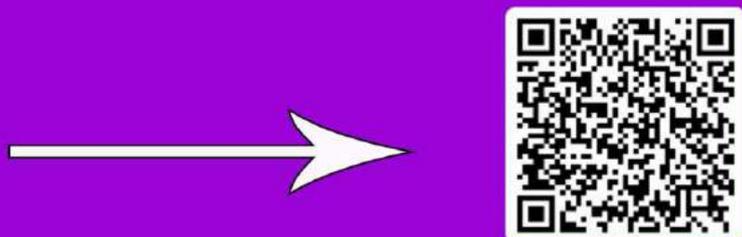
Meses após, o juiz *forâneo* fez a devassa, mas tudo eram silêncios. Quem se atreveria a dizer qualquer coisa contra o potentado? O religioso recusou a paga pela encomendação ante a lembrança de que o tigre podia entender que Deus era também servido que o mandasse matar...

– Ah! As touradas de Campo Pequeno? Um dos companheiros, *silvense* de quatro costados, comentou que desde os tempos de D. Maria II, em Lisboa são proibidas as corridas de toiros de morte. “Sinal de avanço civilizacional”.

WILSON CARLOS RODYCZ. Magistrado aposentado (TJRS). Reside em Gramado-RS. Autor do livro “Os imigrantes poloneses da Colônia Lucena/Itaiópolis: se um marreco pisar no gelo ele quebra”. (Porto Alegre: RO Editores, 2011, 222 pág.) Também publicou textos curtos de ficção e não-ficção em diversas revistas.

**APOIE O TRABALHO DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA
E DOE UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR:
USE O QR CODE DO PIX PARA TRANSFERIR**

**ABRA O APP EM QUE VAI FAZER A TRANSFERÊNCIA, ESCANEIE A IMAGEM ABAIXO
E COLOQUE O VALOR DESEJADO**



**OU CASO PREFIRA FAZER MANUALMENTE
E USAR A CHAVE PIX: CLIQUE AQUI**

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.11.2021

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura